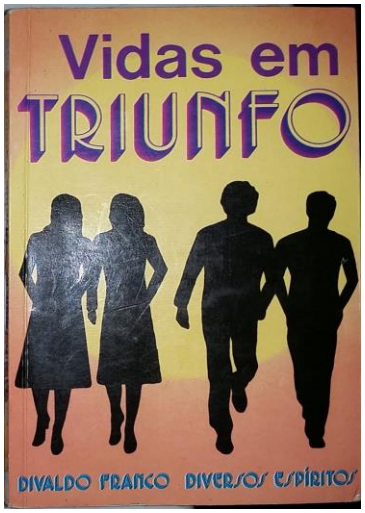


Vidas em Triunfo

Vidas em triunfo — Ioanna de Ângelis . . '. . . . ^
Apresentação — Nilson.....de Souza Pereira 11
Ronaldo Lopes Saad
Foto 15
Dados biográficos 16
Explicação .....|..... 17
Depoimento da família 18
Mensagem 19
Identificações 23
Roberto Lopes Saad
Foto 25
. Explicação .....v 26
Mensagem 28
Identificações 32
Ronaldo Lopes Saad
Explicação 33
Mensagem 34
Ronaldo e Roberto Lopes Saad
Explicação 36
Mensagem 37
Identificações 42
Roberto Lopes Saad
Explicação 43
Mensagem 44
5Egle Aparecida Tavares Spadoni Braga
Foto .....
Dados biográficos .....
Explicação .....

Depoimento da família ...
Queria — poemeto de Egle
Mensagem .....
Identificações .....
Laudelino Saucedo
Foto .....
Dados biográficos .....
Explicação .....
Depoimento da família ...
Mensagem .....
Identificações .....
Ivan Santiago
Foto ....
Dados biográficos .....
Explicação .....
Depoimento da família ...
Mensagem .....
Identificações .....
Dr. David Fedemiann
Foto .....
Dados biográficos .....
Comentários .....
Mensagem .....
Identificações .....
Informações por clariaudiência
Depoimento da família ... ..
Wilson Douglas Schech
Foto ....
Dados biográficos .....
Depoimento da família ...
Explicação .....
Mensagem .....
Identificações .....
Cristiane Rodrigues de Moraes
Foto .....
Dados biográficos ..... **Explicação** **109**
Depoimento da família **110**
Mensagem ..... **Hl**
Identificações ..... **H®**
Maria Lúcia Paiva Rego
Foto **H9**
Dados biográficos **120**
Explicação **121**
Depoimento da família **122**
Mensagem **123**
Identificações **127**
Paulo Manuel Lobato Queiroz
Foto **129**
Dados biográficos **130**

Explicação 131
Depoimento da família 132
Mensagem 135
Identificações 140
Roberto de Carvalho Branco Kaujmann
Foto 141
Dados biográficos 142
Explicação 145
Depoimento da família 146
Mensagem 149
Identificações 155
Explicação 156
Segunda Mensagem 157
Explicação 162
Terceira Mensagem 163
Carlos Felippe Cúrcio
Foto 167
Dados biográficos 168
Explicações 169
Meu encontro com Divaldo P. Franco — Sônia Cúrcio 172
Depoimento da família 177
Mensagem 178
Walter Perazzo Filho
Foto 181
Explicação 182
Dados biográficos
Depoimento da família .
Mensagem .....
Identificações .....
Márcio Augusto Brandão
Foto .....
Dados biográficos
Explicação ....
Depoimento da família ..
Mensagem .....
Identificações .....
Dr. Lourival Perri Chefaly
Foto .....
Dados biográficos.
Explicação .....
Depoimento da família
Mensagem .....

Identificações

A primeira grande surpresa que o desencarnado defronta é a constatação da

vida, sem qualquer alteração e de acordo com os padrões de comportamento de cada um.

Nem o céu de delícias vãs ou o inferno de labaredas vorazes das tradições religiosas.

Nem o grande sono que aguarda o *Juizo Final,* nem o aniquilamento das utopias místicas e materialistas.

Basicamente não ocorre mudança alguma, exceto na área das vibrações mais denaas da matéria que cede lugar, ensejando novo campo de ação.

A transposição de um para outro plano da vida faz-se naturalmente pelo vestir ou desvestir do corpo físico, mediante o nascimento ou através do desenlace.

Desta forma, o recém-desencarnado, especialmente aquele que experimentou um transe de morte violenta, permanece vinculado aos despojos materiais, ouvindo e sentindo o próprio, e o aturdimento da família que ficou na Terra... Como consequência, a dor e o desespero dos afetos atingem os Espíritos recém-libertos ferindo-os maceradoramente.

Assim, estes anelam por voltar, a fim de tranquilizá-los, afirmando-lhes o prosseguimento da vida e trazendo notícias confortadoras, carregadas de otimismo e de esperança no futuro.

Da mesma forma como não há duas vidas iguais, não se dão duas desencarnações idênticas com o seu consequente despertar.

Cada Espírito é o somatório das próprias experiências em crescimento na Vida.

Porém, no transe de dor em que se debatem os *viajores* e os seus familiares, sempre luz a misericórdia do amor de Nosso Pai, que permite lhes seja amenizada a aflição, mediante o intercâmbio direto ou através da mediunidade conduzida pelas sadias diretrizes da Doutrina Espírita, na sua-feição consoladora.

Acalmam-se, nesse momento, as ansiedades, rompem-se as algemas do apego apaixonado, abrem-se horizontes de discernimento para uns e outros, que agora podem avançar com segurança e em paz ao encontro do futuro.

Os estímulos recebidos se convertem em força realizadora nas diversas áreas do progresso, abrindo espaços para o estudo, a reflexão e o trabalho do bem.

Esta, portanto, a finalidade do presente livro.

Após consolados os destinatários das cartas aqui reunidas, e considerando-se a momentânea impossibilidade de serem atendidos pessoalmente todos os que choram a saudade dos seus amores desencarnados, esperamos que estas notícias os auxiliem a descobrir a vida além-do-túmulo ou reafirmar a confiança em torno dela, dando certeza e sustentando a coragem dos que ficaram no corpo até o momento da reunião feliz que ocorrerá oportunamente.

Aqui estão diversos depoimentos, notícias e testemunhos dessas vidas em triunfo após o desgaste da roupagem física, em que a emoção da saudade e a alegria do reencontro se unem para entretecer a coroa da esperança no próximo reencontro sem separação, nem distância, nem dor...

Cada leitor julgará por si mesmo da utilidade ou não do trabalho que lhe colocamos nas mãos.

Confiando que ele alcançará a meta para a qual foi elaborado, rogamos ao Senhor que a todos nos abençoe, facultando-nos o discernimento para bem aproveitar a oportunidade sobre a qual estamos edificando o futuro.

Salvador, 31 de dezembro de 1984.

Joanna de Ângelis

APRESENTAÇÃO

A função precípua do Espiritismo é a libertação do homem, mediante a certeza inabalável da sobrevivência à morte, elucidando a problemática da vida através da reen- carnação, com que demonstra a soberana justiça de Deus.

A morte sempre mereceu considerações de pensadores e religiosos de todos os tempos, agora estudada carinhosamente por modernos cientistas na área das doutrinas psíquicas.

Ao Espiritismo, no entanto, tem cabido a tarefa relevante de demonstrar que morrer é somente uma mudança de estado vibratório, transferindo-se de situação orgânica, porém, prosseguindo vivendo. Essa certeza que decorre do fato examinado largamente por sábios de renome e pessoas das mais diversas classes, encontra respaldo nas comunicações espirituais através dos mecanismos mediúnicos. São, portanto, os médiuns, "os profetas da atualidade" encarregados de confirmar a sobrevivência e demitizar o próprio fenômeno da morte.

Eis por que os Espíritos se comunicam, convidando ao estudo da Doutrina Espírita, de cujo conhecimento o homem se arma para o prosseguimento das tarefas no processo da evolução que não cessa.

Nos últimos anos têm surgido inúmeros livros de mensagens probantes da imortalidade e da comunicabilidade dos Espíritos, espeCialmente através da ímpar faculdade psico- gráfica de Francisco Cândido Xavier.

Divaldo Franco, guardadas as proporções, tem também oferecido excelente material desse gênero para a meditação e consolo dos que sofrem.

Assim, temos mais um livro de mensagens... Obviamente não é dirigido aos espíritas, que já conhecem sobejamente o fenômeno e têm, na Obra de Allan Kardec, o manancial iluminativo e libertador indispensável a uma existência pródiga em bênção e em crescimento espiritual. Ê dedicado aos que sofrem e ainda não conhecem o Espiritismo, chamando-lhes a atenção para a realidade que a todos nos aguarda.

Confirmada a legitimidade das páginas por aqueles que conviveram com os Çomunicantes e demonstrando que o médium não podia, pelos processos comuns, inteirar-se dos fatos narrados, encontramos a confirmação da sobrevivência da vida ao túmulo.

Informa-se que já são muitos os livros desta natureza. No entanto, se considerarmos o número daqueles que ainda não travaram nenhum contato com o Mundo Espiritual e se encontram totalmente desinformados da comunicabilidade dos Espíritos, sempre revestida de mitos e tabus, verificaremos que muita falta estão fazendo trabalhos deste gênero, como de outros, objetivando instruir e educar, segundo as diretrizes seguras do Espiritismo, de que Allan Kardec se fez o excelente Codificador.

As mensagens que se irão ler, não estão colocadas na ordem cronológica de recebimento e foram selecionadais pela mentora Joanna de Ângelis para o presente trabalho.

Notar-se-á que o objetivo primeiro é o de demonstrar à família em desespero, que os seus parentes desencarnados continuam vivendo e participam do seu cotidiano, ao mesmo tempo convocando os que ficaram a uma mudança de comportamento para melhor, com vistas ao próprio futuro espiritual.

A maioria dos que aqui comparecem, é constituída por Espíritos que tiveram desencarnação violenta e para a qual não estavam preparados.

Observem-se, por exemplo, as comunicações de Ronaldo e Roberto Lopes Saad, dois irmãos que desencarnaram, em menos de um ano, separadamente, ambos vitimados por acidentes de automóvel, lamentáveis. Hoje, sua genitora, D. Lourdes Lopes Saad, já se encontra na Espiritualidade, ao lado dos mesmos. Das diversas mensagens que dirigiram aos seus genitores foram escolhidas as que apresentamos.

Desejamos agraceder aos diversos familiares que nos forneceram os dados que constituem as pequenas biografias dos Comunicantes, que têm o objetivo de informar o leitor sobre a personalidade dos mesmos, bem como somos reconhecido por nos autorizarem a sua publicação, desejando consolar outras pessoas que sofram dramas semelhantes e ainda não foram esclarecidas.

Especialmente somos reconhecido aos amigos e confrades Dr. José Náufel, Dr. Antônio César Perri de Carvalho, Dr. Hélio Busmeister, Sr. Guaracy Paraná Vieira, pelas informações que nos brindaram.

Igualmente esclarecemos que as notas de rodapé são de nossa autoria.

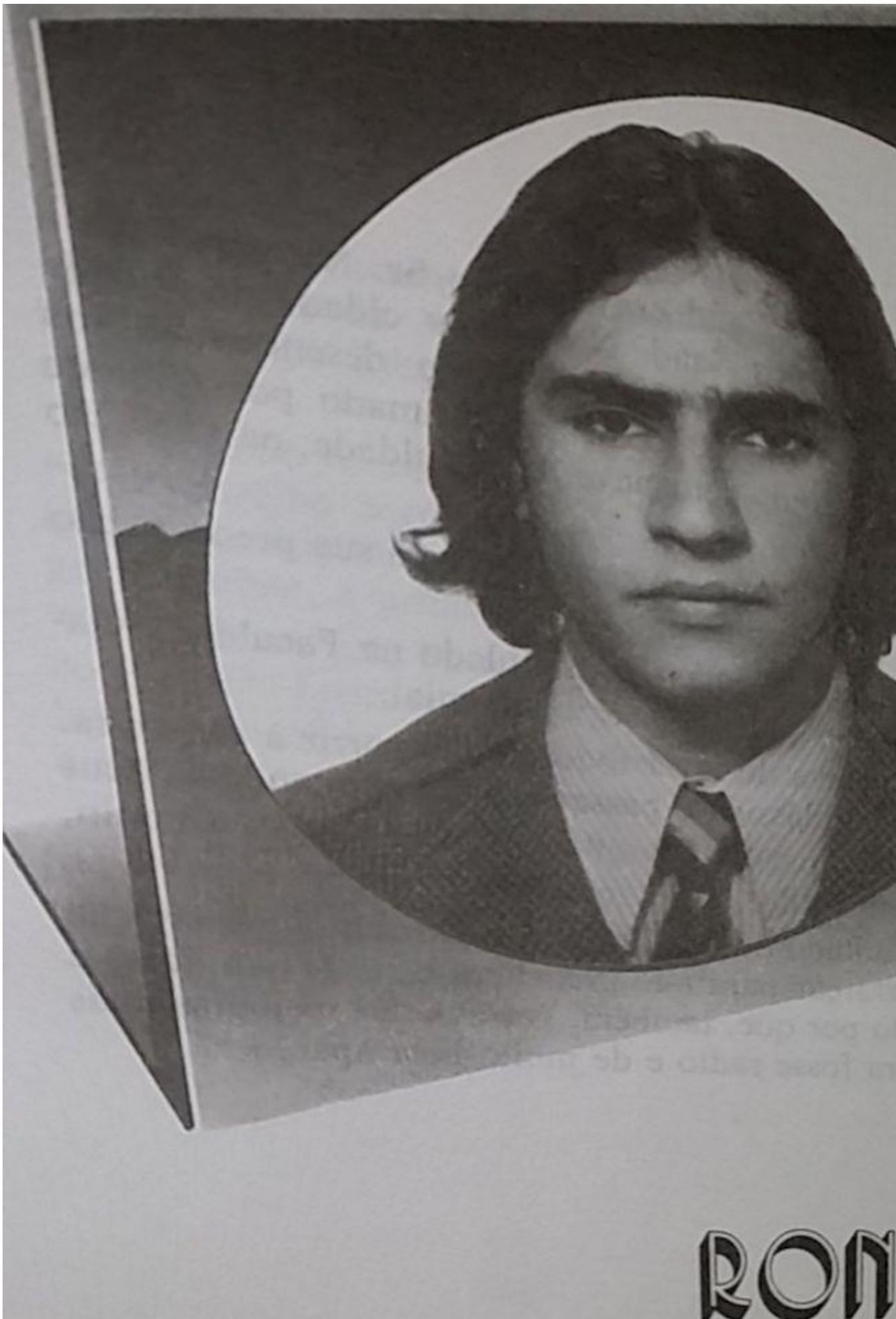
Evitamos explicar minuciosamente os dados que os Espfritos trouxeram, por sabermos que o leitor penetrará no seu significado oportuno, tanto quanto no seu conteúdo valioso.

Por fim, desejamos esclarecer que as Entidades que se comunicaram não eram militantes da Doutrina Espírita, salvadas poucas exceções, o que fica patente pelas expressões de que se utilizaram, reafirmando, desse modo, que a personalidade não muda ante o fenômeno da morte física.

Dando por concluída a tarefa para a qual fomos convidado, exoramos a proteção divina para todos nós que ainda nos encontramos na "neblina carnal" e formulamos votos que o livro agora apresentado em letra de forma alcance a finalidade para a

qual foi escrito.
Salvador, **31** de dezembro de **1984**.
Nilson de Souza Pereira

Ronaldo Lopes Saad


RON

Ronaldo Lopes Saad era filho do Sr. Nicolau Saad e de D. Lourdes Lopes Saad. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia **04.07.1952**, havendo desencarnado na mesma cidade, no dia **10.05.1975**, vitimado por acidente de automóvel, quando retomava da Faculdade, na condição de "carona".

Era aluno brilhante e a caridade era a sua preocupação primordial.

Ao desencarnar, estava matriculado na Faculdade Gama Filho, fazendo o **3**.° ano de Economia.

Jovial, gostava de fazer todo mundo sorrir à sua volta. Adorava música clássica e passava horas escutando os seus autores prediletos entre os quais se destacavam Chopin, Tchaikovsky, Beethoven.

Parecia dotado de uma grande melancolia interior, que procurava disfarçar para não preocupar os seus familiares e amigos. Razão por que, também, gostava das melodias mais tristes, embora fosse sadio e de muito bela aparência.Divaldo encontrava-se presente ao Culto Evangélico do Lar, na noite de **27.08.75**, na residência dos confrades Emílio e Lygia Ribeiro e não conhecia algumas das pessoas ali presentes.

Durante os comentários que examinavam o texto de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec, que havia sido lido, Divaldo, em transe, escreveu a mensagem seguinte, a primeira de uma série que viria depois.

O missivista, Ronaldo Saad, era filho do casal Sr. Ni- colau e D. Lourdes Saad, que desencarnara vitimado por lamentável acidente automobilístico, pouco mais de **3** meses antes, conforme já o dissemos.

O médium não travara conhecimento com os genitores de Ronaldo, ignorando, portanto, quaisquer detalhes da vida da família, quanto das circunstâncias da desencarnação do jovem que partiu com a idade de **22** anos e **10** meses.

O Sr. Nicolau Saad, consultado quanto à autenticidade das mensagens que Divaldo psicografou dos seus filhos Ronaldo e, logo depois, Roberto, assim se expressou aquele genitor de alma sofrida:

"Foi o maior conforto que os nossos corações estraçalhados (meu e de minha esposa) jamais recebemos em toda a existência. Passamos a viver novamente, depois das mensagens.

"Quando o Ronaldo diz e pede para que não guardemos mágoa daquele que foi o instrumento da Lei, esse trecho de sua carta mediúnica nos levantou para a vida novamente. Iniciantes na Doutrina, passamos a compreender melhor o que significa a programação divina em nossas existências.

"No princípio tudo foi muito difícil, mas, depois das mensagens, estudos, leituras, palestras e conferências que assistimos, a aceitação foi a maior bênção das nossas vidas. Aprendemos a ser humildes, compreensivos, amigos e caridosos. Deus não castiga; Deus ensina. E a lição foi aproveitada."

Meus amados pais,

Deus nos dê Sua paz.

Retomo aos seus corações, com imensa ternura, atraído pela dor da sua saudade.

Não existe felicidade em lugar algum, quando o amor experimenta a agonia do ser amado... Onde alguém chora sob os acúleos da angústia e da dor, a ternura se converte em ansiedade, procurando tomar-se o lenço enxugador do pranto ou o bálsamo diminuidor da ardência que se desprende da ferida aberta. . .

Há **105** dias, [u] desde aquela quarta-feira significativa para todos nós, despedimo-nos sem palavras. . . O choque automobilístico [t] que me arrebatou o corpo não conseguiu separar-nos. . .

Surpresa, dor, agonia, saudade passaram a ser as palavras que choravam em nosso lar, antes, um ninho de sonhos, um paraíso de felicidades. Até então não conhecêramos o travo da separação e não nos ocorria que ao depositar o ósculo no seu rosto amado, mamãe, seria a última vez no corpo físico. . .

Sua preocupação e zelo fizeram-me mudar antes a camisa, [4] porque não gostava das cores tristes da que eu usava. Dera-me o suco, £gj qual fazia todas as manhãs, e sorríamos juntos. . . Quem poderia prever que era o "até breve" para além do túmulo?

Mas a vida física é assim mesmo, uma névoa em que acreditamos. É uma ilusão que o sol da realidade imortal dilui, chamando-nos a atenção para os valores, não necessariamente considerados, do espírito...

Despertei angustiado, tomado pelo inesperado da desencarnação.

Algo me falava, sem palavras, de que me ia acontecer muito importante sucesso na minha vida. Mesmo uma tristeza súbita me empanava a alegria, impedindo-me de ir à Faculdade nos dias anteriores,como a reter-me, até a hora em que a Lei devesse baixar a oscilante espada de Dâmocles sobre a sombra do meu corpo.

Não morri, conforme já lhe falei, mamãe, nos encontros espirituais pelo desprendimento, através do sonho que você teve comigo.[7]

Recorda-se do símbolo das malas, da minha alegria? Eu lhe falava, naquele momento, sobre esta grande viagem.[8]

Fazia-se necessário que eu a preparasse, a fim de você suportar o golpe. E você reagiu com equilíbrio, embora a dor.

Nossa casa inundou-se de saudade resignada. Eu também tenho sofrido uma imensa e dolorida saudade.

Nós, os Espíritos, não ficamos, nem somos insensíveis à saudade, porque ela é a "presença do ser ausente", como bem foi definida.

Hoje encontro-a mais triste do que nos primeiros dias. Você, que prosseguia forte, voltou a chorar... [#] Ouço sua mente chamando-me sem conforto, sem consolação. É certo que o tempo enxugador do pranto, às vezes, acentua mais a dor da distância física. No princípio, é o choque, o trauma, depois é o tormento da ausência, são todos os nonadas do dia-a-dia, agora importantes, significativos e pungentes...

Por favor, mamãe, não chore mais. Ainda estou fraco, após a grande cirurgia, necessitando da convalescença que fortalece. Sua ajuda, como a do papai, são-me valioso investimento de força. Recordo nossa família, a noivinha [ao] que **20** lhes continua filha, Roberto.[u] E agradeço a Deus não os haver deixado a sós...

A morte não foi o pior que me poderia ter acontecido. Fez-se-nos misericórdia divina, tal a soma de dívidas que me cabia resgatar. Concessão sublime do Alto, converteu-se em ajuda, liberando-nos de pesada carga, que nos jungiria a rude, cruenta e demorada expiação. Esta foi convertida em bênção, considerando-se as dores diminuídas pela sua bondade e pela do papai.

Como vocês recordarão, eu tive a honra de conhecer a vida espiritual e servir, de alguma forma, nos labores do passe,[u] ao lado do paizinho querido, tanto quanto ajudando-o no escritório, quanto me permitiram as possibilidades.

Tudo recordo e agradeço a Deus.

Vocês continuam sendo os meus tesouros, as mais belas estrelas do céu das minhas ambições. Quando a angústia me sitia, apóio-me na prece e sigo a fortaleza do papai, procurando crescer em espírito, de modo a não os decepcionar.

Coragem, mãezinha querida! Estamos mais juntos, mais unidos do que nunca. A ausência do corpo não nos pode fazer mais sofrer, mutilando nossos sonhos e planos de felicidades futuras...

Alegre-se comigo e agradeçamos a Deus a nossa perene comunhão.

Há mãezinhas crucificadas em dores mais tormentosas ao lado de filhos encarcerados, atribuladas na rota de suplícios que não conhecemos. Um sem-número delas preferiria tê-los do *lado de cá,* chorando-lhes a partida, a lamentar-lhes a existência.

Ouço os seus pensamentos, mamãe, e sei agora do muito de que você não se queixara.

Rogo a papai levá-la a passear um pouco. Façam uma viagem. Renovem-se...

... E vejam-me nas criancinhas em des valimento, nas mães agoniadas, nos jovens transviados. Concedam-lhes as rosas da caridade, o perfume do amor.

Prossigo vivo!

Não guardem mágoa daquele que se fez instrumento da Lei... Tudo ocorre conforme a vontade do Senhor. Submetamo-nos com alegria e humildade.

Osculo toda a nossa amada família e, como antes, beijo de um lado e do outro [1S] as suas faces amadas com a eterna devoção de filho reconhecido.

Ronaldo

IDENTIFICAÇÕES:

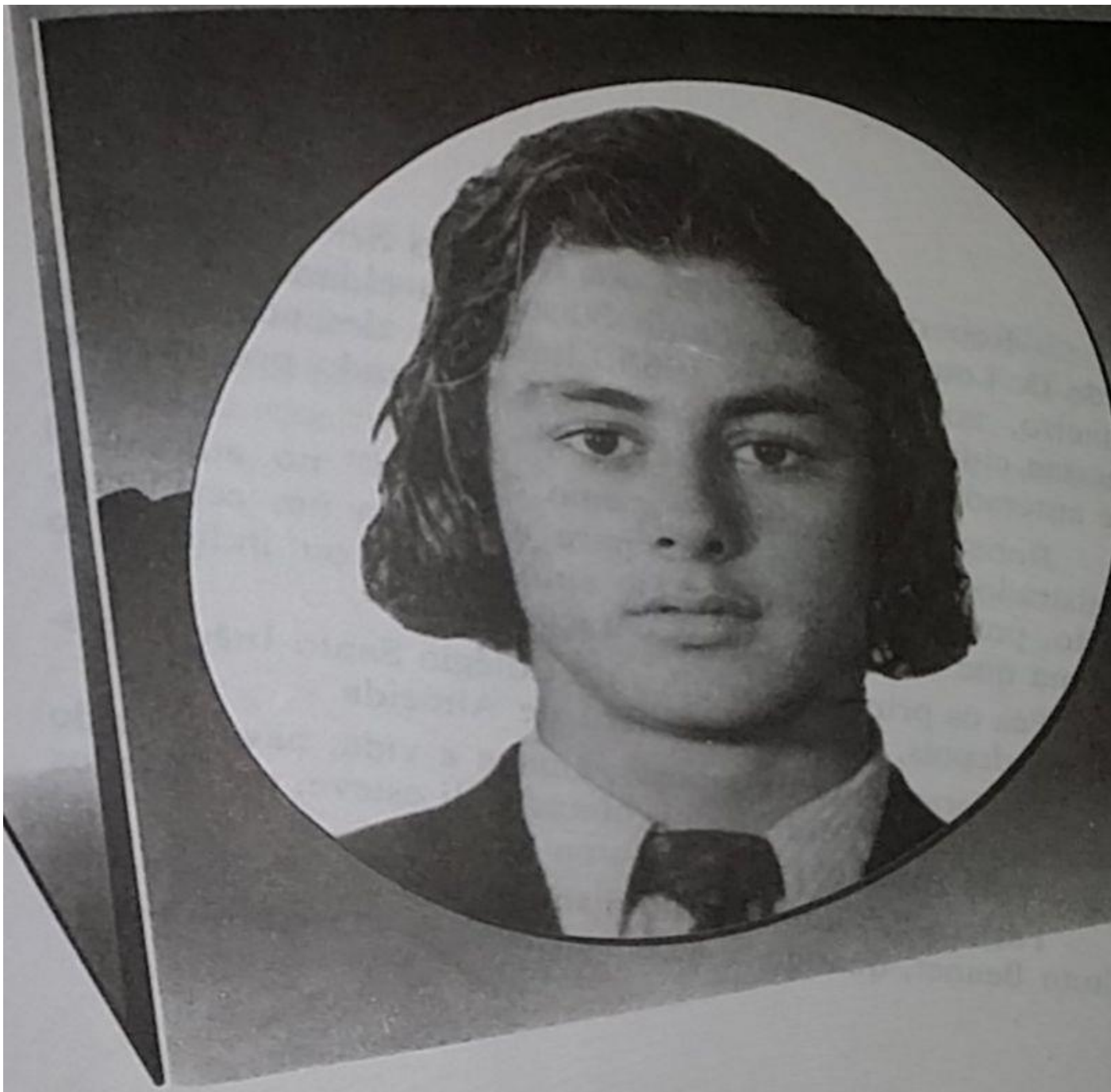
(**1**) — Ronaldo desencarnou no dia **10**.**05**.**75**, portanto, a mensagem foi escrita **105** dias após a sua partida, na noite de **27**.**08**.**75**, uma quarta-feira...

(**2**) — O acidente fatal.

(**3**) — Ronaldo tinha o hábito de oscular a mãe antes de seguir à Faculdade pela manhã.

(4) A troca de camisa antes de sair realmente ocorrera.
(5)— Este outro detalhe é muito significativo na identi
ficação de Ronaldo.
(6)— Ronaldo, dias antes de desencarnar, pressentira o
desenlace, havendo evitado ir à Faculdade como a precatar-se da ocorrência lamentável.
(7)— Realmente, D. Lourdes mantivera contato com o
filho através do sonho.
(8) — Outro detalhe curioso confirmado pela genitora.
(9)— Idem.
(10)'— Ronaldo deixou uma noiva.
(11)— Roberto era irmão de Ronaldo.
(12)— Ronaldo ajudava o pai, na assistência aos necessi
tados que buscavam o último.
(13)— Hábito igualmente confirmado.

Roberto Lopes Saad



ROBERTO

LOPES SAA

Roberto Lopes Saad era filho do Sr. Nicolau Saad e de D. Lourdes Lopes Saad. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia **21.10.1953**, havendo desencarnado na mesma cidade, no dia **04.01.1976**, vitimado por acidente de automóvel, na saída do Túnel da Lagoa.

Roberto encontrava-se como "carona" no automóvel sinistrado, o que constituiu para a família um certo conforto, por não haver sido ele autor direto ou indireto do drama que infelicita tantos corações.

Fez os primeiros estudos no Colégio Santo Inácio, passando, depois, para o Brasileiro de Almeida.

Era praticante de esporte, amava a vida, havendo sido campeão de *surf,* em Miami, quando ali esteve, nos Estados Unidos da América, fazendo uma excursão.

Fazia o **2**.º ano de Administração de Empresa, no Instituto Bennet, quando a desencarnação o surpreendeu.

No dia **04.01.77** de passagem pelo Rio, Divaldo foi lonvidado a visitar o Sr. Nicolau e D. Lourdes Saad, em cuja residência se fazia o Culto Evangélico.

|, Na oportunidade, inesperadamente, Roberto escreveu a mensagem que transcrevemos:

Meu querido papai, minha amada mamãe:

Jesus nos dê a Sua paz.

A vitória da morte se dilui nas sombras da ilusão, já que ninguém morre, conforme se considere a expressão tradicional, no seu significado de destruição ou aniquilamento. Morrer, afinal de contas, é mudar de estado vibratório, saindo-se da roupagem física, transitória, para a realidade do espírito eterno.

Ontem, há um ano, eu iniciava a jornada de retomo, arrebatado do corpo físico pela aparente tragédia. A consumação do desastre, no entanto, não conseguiu anular a vida, nem arrebentar os vínculos poderosos do nosso eterno amor. Antes, se nos colocou em situação diversa, em considerando a nossa diferente posição de atividade, mais nos aproximou, porquanto o amor — alma da vida sublime e indestrutível — não cessa, em face da circunstância do desenlace carnal...

Não morri, amados meus, nem me afastei do nosso ninho de ternura e afetividade, senão o necessário tempo para o refazimento das emoções e a competente preparação para o prosseguimento dos labores, que mudaram de plano, não, porém, de execução...

Nunca os deixei, prosseguindo a participar das suas preocupações e ansiedades...

Desde que o Ronaldo me antecipou na viagem, a qual ninguém deixará de realizar, senti que crescia em meu mundo íntimo o contributo de uma responsabilidade que antes não me despertava maior interesse. Fascinado pelo esporte e sonhando com as alegrias juvenis, nunca houvera pensado que seríamos os quatro chamados a reconsiderar os valores num breve período de meses, em que, circunstâncias não previstas, modificaram as estruturas de nosso lar e os

anelos dos nossos corações.

Supus que, ao partir Ronaldo e cessado o abalo que nos esmagou, eu poderia preencher-lhe a lacuna, no lar, no escritório, nas atividades do dia-a-dia...

Ledo engano!

Muitas vezes, procurando evocá-lo de mais perto, antes de dormir, buscava-lhe o leito [1] como procurando senti-lo, e recordando os nossos diálogos no quarto, nossos interesses, nossos planos mais de uma vez estabelecidos e modificados. Tentei esquecer a tragédia quando da sua partida, subindo a Petrópolis...

Como, porém, apagar da alma a presença da vida do irmão dileto? Não me passava pela mente que eu o seguiria, quase de imediato, deixando o nosso lar apunhalado por cruel aflição.

Todavia, estas são reflexões pessimistas que servem apenas para um paralelo, no qual me cabe exaltar a vitória da vida por sobre as sombras da morte e as marcas da saudade...

Tudo, hoje, são alegrias.

Ainda ontem, quando vocês rumaram à igreja na qual me haviam batizado,[5] para orar em conjunto pela passagem do meu primeiro aniversário na esfera nova, eu, comovido, uni as minhas às suas dores-recordações e preces, agradecendo a Deus a nossa profunda e duradoura afeição.

Hoje, na intimidade do culto evangélico do nosso lar, tenho os olhos bordados de lágrimas, que são de reconhecimento, por vê-los entre amigos queridos, irmãos na fé imortalista, transferindo da Terra para a vida futura as emoções e anelos dos Espíritos sensíveis que vocês são.

Tenho acompanhado as lutas da família em São Paulo e procurando auxiliar a Tia [4] no problema do lar, desejando dizer-lhe que prossiga confiante, sem receio. O amanhã é o nosso dia.

Comigo, aqui, o Ronaldo, feliz e comovido pela oportunidade da convivência psíquica, no clima da prece e da unção superior voltada para Deus.

Também conosco o nosso querido amigo Pipe,[5] que vem abraçar o papai Felippe e a mamãe Sônia, os amigos, e transmitir à família a certeza inalterável dos seus júbilos. Refere que a gravação [fl] dedicada ao papai, jamais pensara iria ser, um dia, uma forma de sustentação das lembranças, ponte de ligação mental entre as músicas de que tanto gosta e a indeclinável ternura que nunca se acaba...

Também me encontro em realização festiva por ver o papai renovando-se, graças aos cuidados para com a saúde, patrimônio divino que nos cabe preservar. E a mamãe, ativa nas realizações com que dissipa as preocupações da angústia. Relembro de que, ao encetar a sua primeira viagem de compras para a loja,[7] meses atrás, subi a serra, sustentando-lhe a alma e envolvendo-a em otimismo, a fim de que o trabalho lhe lenisse a úlcera da saudade.

As suas atividades constituiram-lhe, a partir de então, motivo de contentamento e de renovação interior.

Louvado seja Deus, por tudo!

Prossigam, amores indestrutíveis, amando ao próximo e ajudando. O amor que doamos a quem sofre é lâmpada que acendemos na noite do futuro, a fim de que haja claridade para os nossos pés. Todo o bem que fazemos é glória de paz para quem o faz.

Não desfaleçam mais!

Nós estamos trabalhando *do lado de cá* e pensamos em vocês sem cessar.

Há vezes em que a saudade procura sitiar-nos a casa mental... Procuramos reagir e, na prece, encontramos lenitivo, esperança e reconforto...

Deverei começar a estudar, dando continuação ao meu curso, com vistas ao futuro da Humanidade. Ronaldo prossegue como modelo de comportamento e abnegação. Com ele tenho aprendido muito. Além de irmão é amigo e instrutor amadurecido, voltado para as questões superiores, conforme já se iniciara antes da desencarnação.

Por tudo, papai querido e mamãe amada, não tenho palavras com que agradecer-lhes o testemunho de nobreza, de coragem, de fé, de caridade e de amor. Pertencer-lhes pela consanguinidade é honra que reconhecemos não merecer. ..

Chega o momento de interromper esta carta. Dêem-me a sua bênção de consolo e ternura, expressando aos nossos familiares e amigos o nosso carinho e gratidão.

Há tanto por dizer-lhes! O tempo que me foi reservado, porém, se extingue. Voltarei, oportunamente.

Agradecendo a bondade de todos, oscula-os de um lado e do outro da face, com a alma ajoelhada em fervorosa oração, o filho dedicado,

Roberto

IDENTIFICAÇÕES:

(1) — Roberto passou a dormir na cama de Ronaldo, quase sempre, após a desencarnação daquele.

(2) — Realmente, para espairecer, depois da tragédia, ele foi a Petrópolis.

(3) — Os pais foram a Missa na mesma igreja em que o batizaram.

(4) — Fato não aclarado, de intimidade familiar, que foi confirmado.

(5) — Pipe era o apelido do jovem Carlos Felippe, de 21 anos, que desencarnou vitimado por acidente de carro, e filho do Eng.º Felippe e D. Sônia Cúrcio, do Rio de Janeiro, amigo de Roberto.

(6) — Os pais de Pipe confirmaram a informação.

(7) — Acontecimento que D. Lourdes confirmou, quando, por primeira vez, após a desencarnação de Ronaldo, foi, com Roberto, fazer compras para a loja "A Figurinha" de propriedade do esposo.

Roberto desencarnou por atropelamento de automóvel no dia **04.01.1976**.

No dia **30.12.78** o Sr. Nicólau e D. Lourdes Saad encontravam-se em Salvador participando das atividades do Centro Espírita "Caminho da Redenção" e da "Mansão do Caminho".

Na reunião mediúnica habitual,, em que se faziam presentes, Ronaldo escreveu por intermédio de Divaldo a bela página de ternura filial que apresçntamos.

Meus queridos papais:

Jesus nos proteja do mal e nos abençoe.

Enquanto se vão apagando as estrelas do ano que parte, surgem os primeiros raios dourados do sol do futuro, anunciando dia novo para a Humanidade. Vinculados à Terra pelos laços vigorosos do amor — e o céu das almas é o lugar onde se encontram os seres queridos —, ainda transitando nas faixas da sua psicosfera, participamos dos eventos humanos com a mesma emoção daqueles que se encontram reencarnados. Desse modo, não desejamos, Roberto e eu, deixar de escrever-lhes com o carinho habitual, neste bruxulear das luzes. É que a ternura e a afeição, embora as circunstâncias, não cessam nunca.

Separados pelo corpo, não porém, pela vida, seguimos juntos. Esse, aí, ainda é o nosso lar de sonhos e de expectativas. Mudaram-se as metas, mas não os planos de felicidades para nós quatro. Ê natural, portanto, que preservemos os ideais, que fomentemos os mesmos interesses. Vocês são as estrelas da nossa noite de saudades, as jóias do nosso escrínio de esperanças...

Organizamos, aqui, o nosso futuro lar ditoso onde nos voltaremos a reunir sem dor, sem adeus, sem mais saudades. ..

Até lograr esse desejo, no entanto, muitas lutas desafiadoras nos aguardam, convidando-nos ao entendimento, à paciência, à renúncia, ao serviço do bem.

Todo o bem que fazemos é sempre mais útil a nós mesmos. Os tesouros da Terra têm a finalidade de transitar, espalhando saúde, esperança, amparo, apoio, educação, construindo felicidade onde a miséria e o sofrimento estabeleceram residência de aflição.

Vocês têm sabido repartir sem fazer falta, e isto nos faz muito felizes, porque o crescimento do espírito para a glória somente se dá mediante a luz da caridade que acendemos nas sombras das almas em agonia.

Prossigam unidos no bem, de mãos dadas no amor, de corações confiantes no matrimônio.

Não permitam que a sombra da discórdia, do desentendimento se instale nos seus queridos corações, ameaçando a paz.

Vocês assumiram com Jesus e conosco o compromisso de chegarem juntos ao término da tarefa. A dor, muitas vezes, se disfarça em forma de insatisfação e promove motivos falsos para conseguir separar as almas que somente unidas conseguem a plenitude da felicidade. Estejam vigilantes, amores inesquecíveis do nosso sublime paraíso de esperanças imorredouras! A nossa alegria repousa nas

bases da felicidade de vocês dois.

Volveremos à união, reorganizando nossas existências. Enquanto esse momento não chega, trabalhem e confiem, ajudem e amparem, permanecendo unidos e amorosos para uma perfeita integração no sublime espírito do bem.

Roberto, aqui comigo, torna suas estas palavras, e, emocionado, os beija com devotamento filial infinito.

Suplicando ao Pai e à Mãe Celeste, [1] que nos amparem, osculo vocês dois, unidos ao meu coração, em lágrimas de perene gratidão.

O filho de sempre,

Ronaldo

(1) — Expressão típica da formação católica de Ronaldo, que não chegou a estudar o Espiritismo, embora houvesse participado de breves atividades socorristas.

Na noite de 27.07.80, estando Divaldo em tarefa dou» trinária no Rio, foi participar do Culto Evangélico no Lar dos Saad, havendo psicografado a esclarecedora mensagem que oferecemos ao leitor para meditação.Nossos queridos papai e mamãe,

que haja paz em nossos corações!

Bordamos nossa palavra com o brilho puro das estrelas, a fim de trazer-lhes o nosso carinho e a nossa ternura.

As horas passam pela ampulheta do tempo, sem que a nossa saudade diminua, nem o nosso amor perca a intensidade.

Pelo contrário: o tempo é um severo meirinho, que nos bate à porta sem cessar, convocando a nossa atenção para a oportunidade que passa e nos deixa as promissórias do dever, que aguardam resgate no Banco da Vida...

Por isso, em nossa memória, todos os acontecimentos têm a distância de um ontem breve e que não se alarga, porque se algo nos fala da dor e da amargura como uma noite sem luar, também nos informa de alegrias inesperadas, de esperanças que não diminuem, em forma de promessa perene de felicidade, que nos aguarda.

Cada vez nos encontramos mais unidos, à medida que as feridas da surpresa pela separação orgânica cicatrizam.

Caminhamos juntos pela estrada do porvir, plantando nas margens as árvores da beneficência e do amor, que ora albergam inúmeras vidas, que encontraram em nosso trabalho o amparo e o apoio para continuar sem desfalecimentos nos rumos da ascensão.

Prosseguimos unidos em diálogos contínuos, através do telefônio do pensamento, mantendo um intercâmbio, em que a caridade ao próximo e a felicidade de servir constituem as tônicas do nosso convívio.

Quando vocês se desatrelam, momentaneamente, do corpo físico, através do veículo do sono fisiológico, encontramo-nos em estâncias de paz, estabelecendo programas e roteiros a respeito do porvir para onde marchamos sob a égide de

Nosso Senhor Jesus Cristo.

Se pudéssemos medir a intensidade do amor, diríamos que hoje ele é forte sem apreensão e fraco sem receio. Forte porque venceu o túmulo e dá-nos vigor para aguardar o reencontro ditoso; e fraco para banhar-nos de lágrimas, quando os vemos inquietos ou preocupados, a respeito de qualquer problema...

Dessa força, retiramos a energia que pulsa em ternura, a favor dos pais sem filhos e dos filhos sem pais, que não sabem compreender a transição da morte ou não lograram entemecer-se ante as dores de que se fazem vítimas.

Da aparente fragilidade arrancamos a argila dúctil com que modelamos os tesouros de misericórdia, que buscamos repartir com os menos aquinhoados do que nós. "

Somos felizes, pais sempre amados!

Compreendemos hoje, que prosseguirmos no corpo, ao lado de vocês, seria felicidade demasiada, que não merecemos, em razão de nosso passado espiritual assinalado por graves erros e dolorosos conflitos...

Fazia-se necessário que fôssemos colocados em outra faixa de vibração, sem que nos separássemos, a fim de que, mais e melhor pudéssemos auxiliar os que sofrem — afinal, todos nós sofredores que somos, cada um de uma forma.

Vocês foram e são os pais, temos e amigos, que nos embalaram em berço de sonho e nos sustentaram em braços de arminho e bênção. Fomos ditosos porque renascemos de sua carne, já que estivemos juntos, outras vezes, em família faustosa que não soubemos valorizar.

... Esta era a nossa segunda reencarnação nas terras benditas do Brasil. Aqui nos comprometêramos nos dias do Primeiro Império, quando a escravidão exigia braços fortes e jovens....

O relho e o tronco, a punição arbitrária e a morte faziam parte do nosso comportamento de senhores de terras e de vidas, sem nos darmos conta de que todos os tesouros são de Deus e todos os homens são irmãos.

Educados na ignorância do respeito à criatura humana, o desprezo e a impiedade armavam nossos cérebros e corações contra os irmãos de epiderme negra, aos quais sequer concedíamos o direito que se reserva aos animais...

Largos tratos de terras, às margens do rio Paraíba, no solo fluminense, pertenciam-nos por herança ancestral, ao mesmo tempo convidando-nos a uma atitude de feitor desalmado, com que resvalamos gravemente perante as Leis de Deus...

O supremo amor de Nosso Pai trouxe-nos de volta, depois que despertamos no Além e nos conscientizamos dos nossos erros, quando, então, assumimos a responsabilidade de ressarci-los pela dor, logrando a liberdade espiritual...

Agora sentimos a felicidade de haver resgatado nosso grave débito. Vocês nos deram as forças através do trabalho e da resignação; no lar de ternura e abnegação com que vccês nos brindaram, aprendemos a auxiliar os que sofrem,

repartindo do muito com que a Vida nos premiou com aqueles que dispunham de menos do que nós.

Com vocês, treinamos simplicidade e generosidade, amor ao belo e ao ideal, à solidariedade e ao bem...

Não poderíamos ser diferentes do que tentamos conseguir.

(*) — Aqui surgem os fatores cármicos mais recentes, que explicam as dores que tombaram sobre a Família.

Hoje, quando se modificou o quadro de circunstâncias, sem alterar-se a vida, eis-nos juntos, no mesmo trabalho de auxiliar o próximo e de edificar o reino de Deus na Terra.

Vocês prosseguem realizando o ideal, repartindo valores, moedas, sentimento e tempo com o que contribuem para que a dor seja menos afligente e perturbadora.

Acompanhamos a sua ação de caridade com a alma transformada num círio votivo de gratidão a Deus, tentando dizer-Lhe tudo quanto sentimos e não logramos expressar.

Participamos das atividades matinais de auxílio ao próximo, ao lado da nossa irmã Dona Jandira [a] e demais amigos devotados, que se interessam por propiciar os socorros espirituais aos aturdidos do mundo, portadores da epidemia do século que é a obsessão...

Hoje estudamos, *do lado de cá,* numa verdadeira Universidade, conforme já lhes dissemos noutras oportunidades.

A vida prossegue sem alteração, sendo que a da Terra é apenas uma cópia imperfeita daquela que aqui possuímos neste formoso mundo das causas.

Rejubilamo-nos por vê-los com outras disposições após haverem superado as dificuldades que experimentavam.

Nossos familiares e Benfeitores Espirituais aqui estão conosco, participando deste ambiente de prece, paz e meditação, envolvendo-nos a todos em ternura e alegria, com que nos revitalizamos para o prosseguimento das nossas tarefas.

O Pipe [111] e muitos outros amigos de ontem, hoje 'conosco, participam desta carta. E não declinamos os nomes porque hoje desejamos dizer-lhes da nossa gratidão, pelo que são, pelo que fazem, pelo que pensam em realizar no futuro.

Chega o momento de "pingarmos" o ponto final desta carta de amor, que vai assinalada por brandas' emoções e suave alegria de viver.

Beijamo-la, mamãe, como antes, agradecendo-lhe carinhos e pensamentos, conversas e lembranças com que você nos envolve, sem nunca diminuir a nossa profunda, infinita afeição!

Beijamo-lo, papai, reconhecidos à sua têmpera forte, ao seu caráter diamantino, à sua generosidade abnegada, pelo tudo que você é e pelo tudo qúe tem feito a muitos', sem cansaço nem desfalecimento, e pelo quanto o amamos.

Ronaldo e *Roberto.*

Seus filhos de ontem, de hoje e de amanhã, que os amaram no corpo e os amam na

vida imortal, com imensa ternura e devoção.
IDENTIFICAÇÃO:
(1) — Referem-se a um serviço de atendimento espírita
iniciado pelo Sr. Nicolau com a cooperação de D. Jandira, na Sala "Marcelo Ribeiro", na Av. N. S. de Copacabana, no Rio.
(2) — Pipe — amigo dos missivistas, que também comparece neste livro com bela mensagem.

Por fim, na noite de 08.01.81, em outro memorável encontro sob as blandícias do "Culto Evangélico no Lar", da Família Saad, Roberto escreveu, pela mediunidade de Divaldo, a página de reconforto dirigida aos seus familiares, que apresentamos.Queridos papai, mamãe e vovó:

o amor nunca morre!

O tempo passa, no relógio dos dias, sem que se modifiquem os sentimentos do amor, unindo aqueles que se identificam pelos liames da perfeita afeição.

Por isso, o amor é a base da vida e o alimento das almas.

Sem o amor a vida ficaria destituída de sentido, tornando-se árida e cruel, porque empalidecida de objetivos marcharia para o caos, para o nada.

Tal, porém, não ocorreria, porque a Criação é um ato do divino amor, expressando-se, gloriosa, na criatura humana, na sua feição de alma imortal, representativa da própria grandeza do Pai Criador.

£ o amor que sustenta as expressões no reino microscópico e nas constelações que gravitam nos espaços cósmicos.

Em toda parte estua o amor, retratando a presença do Excelso Amor que não cessa de amar.

Não poderia a morte interromper o amor, ainda mais quando ele procede de inumeráveis experiências em que se consolidaram os laços que hoje entre nós são indestrutíveis.

Á medida que me adestro na compreensão da vida em toda a sua plenitude, melhor entendo a razão por que são tão fortes os nossos liames de afetividade, e por que fruímos tão pouco, nesta última etapa, de uma convivência feliz, que se desenhava ditosa e larga.

O passado havia escrito nossa história presente, estabelecendo razões e motivos que supririam, fisicamente, a nossa demorada comunhão amorosa.

Esta última etapa é a continuação de uma larga história, que um dia lhes narraremos.

As nossas marcas de origem cármica dolorosa encontram-se nas velhas terras da antiga Mauritânia, quando malversamos as concessões do amor fraternal, transformando- nos em algozes de outras vidas, que pereceram em nossas mãos ou foram vítimas da nossa prepotência...

Estivemos, depois, papai, mamãe, Ronaldo .e eu, unidos à sombra dos vetustos cedros libaneses e iniciamos a reparação que se nos impunha inadiável. Agora,

porém, tivemos a honra de, amadurecidos, ouvir o chamado para o resgate libertador, que nos feriu fundo a alma, sem que nos destruísse os ideais da esperança, do bem que nos cumpre fazer, da consciência do dever que nos é lícito sustentar em relação à vida.

Perdemos o contato físico, mas não nos separamos, permanecendo unidos pelo sentimento e pela mente, marchando juntos nos ideais e sobrecarregados pelos novos compromissos da caridade e da fraternidade.

Apesar disso, dessa perfeita compreensão, os sentimentos nos levam a sofrer, em determinados momentos, conduzindo-nos à oração da paz, que nos dá a esperança do futuro reencontro, em que sustentamos as forças para o prosseguimento, de alma levantada para Deus e construindo o porvir, no qual, nada mais nos afastará.

Acalento esta certeza com emoção.

Vejo-os conquistando as *terras da alma* como novos bandeirantes do continente do espírito, cada dia adentrando-se mais pelas regiões ignotas e difíceis e preparando as estradas para os que virão depois.

Acompanho papai, afadigando-se pelo bem, dirigindo- . se para a Grande Luz, mediante as estrelas que vai acendendo nos corações em noite de agonia e desespero, sob as alternativas inditosas do suicídio e da loucura...

Benditas as mãos que se convertem em alavancas para o progresso e sustentam a alegria de viver, naqueles que desanimaram e se encontram a ponto de desistir!

Ditosos aqueles que se olvidam das comodidades pessoais, para diminuírem as imensas problemáticas dos " filhos do Calvário", conforme os chamou Jesus!

Quem sabe repartir amor está sempre rico de paz.

Todo aquele que oferta esperança modifica a paisagem por onde caminham os tristes e sofredores.

Esta é a estrada, hoje abençoada, por onde seguem, apressados, os pés de papai, edificando a felicidade nos seres que vivem a escassez de saúde e de alegria de viver, dominados por forças negativas com as quais sintonizam.

Também vejo mamãe, renovada e confiante, após a grande travessia do túnel da saudade, da tristeza e da insegurança, firme nos propósitos de elevação e de harmonia.

Em muitas manhãs, sempre que os deveres novos me permitem, acompanho-a, nas suas caminhadas pela calçada da praia, conversando mentalmente, enquanto absorvemos o plâncton do mar e a psicosfera espiritual que verte em a Natureza.[UP]

Ouço-lhe os pensamentos, as queixas íntimas, as interrogações, e *respondo-lhe* sem palavras: bom ânimo e calma, coragem e paciência!

Noutras vezes, durante as horas do sono físico, encontramo-nos e conversamos demoradamente, quando lhe explico que papai, como ensina o Evangelho, na lição de Jesus sobre Marta e Maria, "escolheu a melhor parte, aquela que não lhe será tirada", porque se está transformando em um farol sempre aceso, entre os

arrecifes do mar revolto, que é
(1) e (2) — Detalhes confirmados pela **genitora**.
Copacabana, orientando as criaturas a ponto de se vitimarem por ignorância e teimosia.

Todavia, mãezinha amada, minha eterna namorada, você não segue sozinha, sempre amada, marcha no rumo do porto certo, de segurança e de plenitude.

A saudade é um fio invisível que une os afetos, por mais distante ou perto que se encontrem.

É uma linha de luz, que o desespero escurece, mas que o amor confiante lhe oferece potência de claridade.

Não há céu sem ternura entre os que se amam. O inferno, certamente, é a ausência do verdadeiro amor.

Continuemos, papai querido, amada mamãe, sempre unidos os quatro como uma fortaleza contra o mal, qual ponte para auxiliar os que necessitam atravessar os abismos dõ sofrimento.

Aqui estamos estudando, Ronaldo e eu; ele em situação melhor do que a minha, por ser Espírito mais velho e mais experiente, galgando degraus de evolução, auxiliando a muitos, e, sem dúvida, a mim também.

Aqui presente, faz das minhas as suas palavras.

Temos convivido com os nossos familiares e afirmo ao papai que o bivô Saad é uma Entidade nobre, no trabalho do bem, auxiliando a muitos Espíritos no Oriente, onde se situam as suas raízes espirituais, como as nossas mesmas.

Agradeço à querida vovó o seu ânimo e as suas lutas, hoje colhendo os frutos da abnegação e do trabalho de largo porte, que lhe enrijaram as fibras, dando-lhe coragem e vigor invejáveis.

Evocando a data da viagem para cá, hoje agradeço a Deus todas as Suas dádivas de misericórdia, me sinto feliz.

A meta final da felicidade agora, para Ronaldo e para mim, será o dia em que duas estrelas destacadas da névoa carnal, após a realização triunfante em que se empenham, surjam nos céus das nossas almas e tomem de nós dois, levando-nos em alegria para Jesus. Essas estrelas são vocês, mamãe e papai!

Prossigam no bem, fazendo o bem, vivendo pelo bem.

Nossa meta é a paz.

Avancemos para ela, cantando e confiando.

Beijando vocês dois e a vovó, recomendando-me aos irmãos queridos presentes, com o nosso* Marcelo e outros Espíritos amigos, sou o filho devotádo e perenemente reconhecido, sempre e sempre amoroso, *Roberto*

Egle Aparecida Tavares Spadoni Braga



Egle Aparecida Tavares Spadoni Braga, nasceu em São Paulo, a **22** de julho de **1957**. Casou-se no dia **11** de julho de **1980**, com Roberto Braga, **4** (quatro) meses antesdo acidente. Formou-se em Arquitetura, com **21** anos deidade, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo "Farias Brito", em Guarulhos, São Paulo, no dia **08** de fevereiro de] **1979**, e trabalhava em companhia da mãe, em Cartório deNotas, na cidade de São Paulo, Capital.

Era católica e gostava de visitar asilos e orfanatos.

Seu trabalho de graduação para a Faculdade, intitulado"Centro Residencial para Anciãos", por preferência da diretoria ficou na biblioteca da mesma Faculdade, para pesquisade novos alunos.

O acidente ocorreu na Rodovia dos Imigrantes, no túnel n.° **10**/**11** (dez/onze), no dia **15** de novembro de **1980**, quando, em companhia do marido, descia para Santos, de motocicleta.

Seu esposo nada sofreu; somente um arranhão no braço, sem consequência. Egle foi levada para a Santa Casa ; de Santos; chegou a se submeter à intervenção cirúrgica, vindo a desencarnar, no dia **16** de novembro de **1980**, comhemorragia

intracraniana, traumatogênica (trauma crânio-encefálico). Sua breve e saudosa passagem terrena foi caracterizada por uma personalidade extremamente carinhosa, caridosa e álegre.

Na sexta-feira, noite de **14** de maio de **1982**, estando Divaldo Franco presente aos abençoados serviços do "Grupo Espírita da Prece", em Uberaba (MG), após o exaustivo labor desdobrado por Francisco Cândido Xavier, no atendimento às pessoas e às centenas de solicitações de ordem espiritual por escrito, o médium baiano, enquanto se realizavam os misteres referidos, proferiu duas palestras, no que outros oradores também cooperaram, a fim de manter-se o clima psíquico favorável à reunião.

No momento reservado às psicografias, Divaldo recebeu uma bela mensagem do Espírito Egle Aparecida, que ora trazemos a público, após lida naquela oportunidade e entregue à genitora da jovem desencarnada, que se encontrava presente à sessão.

A respeito da carta da filha, hoje residente na Espiritualidade, assim se expressou sua mãezinha:

"Sobre a mensagem psicografada pelo médium Dival- do Pereira Franco, no final da reunião pública no "Grupo Espírita da Prece", sito à Avenida João XXIII, n.° **1.495**, em Uberaba, Minas Gerais, limito-me a dizer o seguinte: MNo dia **14** de maio de **1982**, fui até Uberaba, na esperança de obter uma mensagem para confortar meu coração. Naquela noite, encontrava-se presente no "Grupo Espírita da Prece", e participando da mesa, o nosso querido irmão Divaldo Pereira Franco. Não nos conhecíamos. Eu o tinha visto muna das vezes que fui a Uberaba. Jamais conversamos e, para minha surpresa, através de sua pessoa veio a tão esperada mensagem da minha única e querida filha Egle. Minha emoção e alegria foram muito grandes, porque ela contém particularidades e assuntos somente nossos, que o médium desconhecia por completo. As provas são tantas, que jamais poderei duvidar. Sua mensagem foi bálsamo para meu coração. Visando ajudar outras mães que possam estar na mesma situação, tomo a liberdade para dizer que, diante de tantas evidências da Imortalidade, devemos aceitar os desígnios de Deus, na certeza de que a vida não só continua como também estamos unidos pelo pensamento. Somente no Espiritismo encontrei a verdade e a aceitação plena do que nos acontece. Hoje, tenho a esperança no reencontro e a confiança no porvir. Assim sendo só me resta agradecer a Deus tanto amor e bondade."

Therezinha Dias Tavares

QUERIA^ **

Queria que no mundo não existisse maldade...

E que só restasse em nós a boa e a bela verdade.

Queria que o amor fosse sincero; Nada de mentiras e ingratidões... Que tirasse a injúria e a saudade E só restasse amor nos corações*

Que o amor fosse, como nos filmes, Sem promessas e traições.

Lindo, puro e belo,
Diferente do que é na multidão.

Egle ,esci£xeu^este.-poemeto com a idade de **13** anos. Apresentamo-lo, a fim de oferecer ao leitor um texto para comparação de estilo e poesia com a mensagem psicografada.

Querida mãezinha Therê,"

Jesus nos abençoe.

Seu coração, aos sobressaltos, aguarda hoje notícia da sua filha.

Visto-me de alegria para tomar do lápis e escrever-lhe com o carinho que a sua ternura me merece.

Desejo agradecer-lhe o esforço dedicado ao equilíbrio, a fim de superar as dores superlativas que lhe dilaceraram o coração, naquele novembro, quando a moto, acidentando- se, interrompeu fisicamente a nossa convivência, unindo-nos porém, muito mais, a ponto de quase fazer-nos fundir uma na outra. **' Reencontrando a vida, na sua plenitude e totalidade, todas as minhas atenções voltaram-se para a preservação do nosso amor, que não poderia ser consumido pelo fogo' da separação ou destruído pelo ácido das lágrimas da saudade feita de desespero.

Compreendo o que lhe custou sair da casa dos tios Irlei e Neusa, a fim de retomar as suas atividades; no entanto, as nossas queridas vovó Hebe e bisavó Clementina ‹4› se encarregaram de ampará-la quanto a mim própria me socorriam.

O refazimento do acidente da Imigrantes fez-se, graças a Jesus, completo, e agora, em face do seu reequilíbrio e das suas esperanças, sua filhinha recomeça a vida entre bênçãos, estudando e aprendendo com amor as técnicas do serviço em outra dimensão.

O curso universitário foi valioso e o aprendizado no Cartório de Notas (‹› auxiliou-me na adaptação aos deveres novos.

Vinte e um janeiros são pouco tempo no mundo, reconheço. ‹7' No entanto, desdobra-se diante de nós toda uma eternidade de tempo para o festival do nosso amor com o qual, numa primavera permanente, entreteceremos uma grinalda de luz para coroar a vida, que aprendemos a respeitar e à qual começamos a submeter-nos com resignação.

Acompanho as novas disposições do nosso Roberto ‹8› com real interesse e gratidão. Ele é jovem, e a solidão é má conselheira.

A vida é um hino de louvor ao Pai, que todos deveremos entoar, através de ações relevantes e nobres.

O lar é dádiva sublime que somente valorizamos devidamente quando as circunstâncias se modificam.

Há muita dor no mundo esperando por nós.

Em razão disso, não há tempo para ser desperdiçado na lamentação perniciosa ou na reclamação injustificável.

A dor, conselheira áspera, conclama o homem a novos conceitos em tomo da existência e nós, que temos sido aquinhoadas com o conhecimento das leis que regem a vida, ampliando os horizontes da imortalidade, deveremos anular as angústias, substituindo-as por cânticos de louvor, enquanto as nossas mãos transformadas em concha se movimentarão na ação do verbo ajudar.

Avance, mãezinha querida, fiel às suas novas disposições de reencontrar a paz e não meça sacrifícios em nome do amor!

Tenho recebido suas dádivas, todas elas, que você me dirige pelo pensamento, quando realiza qualquer bem ao próximo e o projeta em minha memória. O bem é dádiva que felicita primeiro aquele que o pratica e é luz que, de iqício, clareia quem o carrega...

Não desanime nem se creia sozinha! Estamos unidas mais do que antes e o futuro nos apresenta perspectivas felizes, que saberemos aproveitar com sabedoria no momento oportuno.

Recordo o julho em que você me recebeu nos braços e beijou-me pela primeira vez, encantada, quanto aquele outro julho em que você me entregou ao querido Roberto, sem que nos apartássemos...

Novembro [1] foi o chamado, não o fim, o "até logo", jamais o "adeus".

Certamente, num outro dia volveremos a reunir-nos num jardim onde não mais nos separaremos, sem dor, sem saudade, sem distância de qualquer natureza.

Mãezinha Therezinha. com o seu exemplo e coragem, auxilie outras mães que se batem nas sombras do desespero e com o seu carinho auxilie as criancinhas que tropeçam nos ermos e doridos caminhos da orfandade. Se ainda lhe parece cruel o sofrimento de uma mãe cuja filha está fisicamente separada, considere a dimensão da aflição do coração de uma criança avançando sem a estrela de um anjo maternal marchando à frente... Quanto fizermos por eles, nossos irmãos do sofrimento, estaremos produzindo por nós, e para nós, em favor da humanidade inteira.

Mãezinha Therê, confiando na sua fortaleza e coragem, que somente o amor consegue doar, recomendo-me aos tios e amigos, envolvendo-a na profunda afeição de filha devotada que a morte mais aproximou, sempre dedicada e fiel de sempre.

Egle Aparecida

IDENTIFICAÇÕES:

(1)— Mãezinha Therê — Assinatura que D. Therezinha usa no Cartório onde trabalha e assim chamada por muitas pessoas, como o fazia a filha.

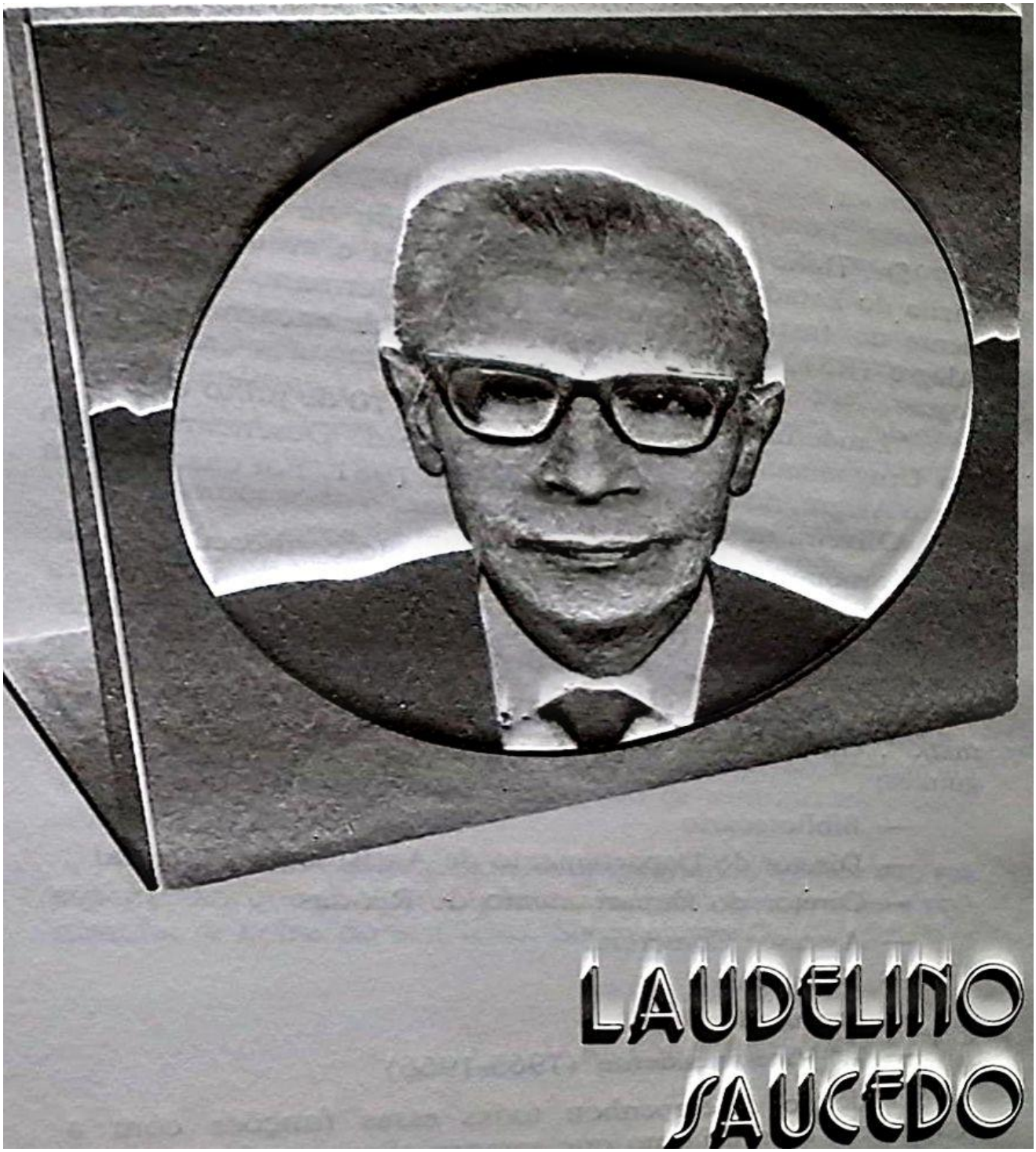
(2)— A moto... naquele novembro — Refere-se ao acidente.

(3) — Tios Irlei e Neusa — Irmão e cunhada de D. Therezinha, onde esta ficou hospedada depois do acidente da filha.

(4)— Vovó Hebe e bisavó Clementina — Avó materna,

desencarnada a **25** de abril de **1976** e bisavó, também materna, desencarnada a **4** de março de **1955**, respectivamente.
(**5**)— Acidente da Imigrantes — Cita a estrada onde
ocorreu a tragédia.
(**6**) — Cartório de Notas — Local onde trabalhou ao lado da genitora.
(**7**) — Vinte e um janeiros... — A idade com que desencarnou.
(**8**)— Roberto — Nome do esposo.
(**9**)— Julho — Mês do nascimento de Egle.
(**10**)— Outro julho — Mês do casamento da jovem.
(**11**)— Novembro — Mês da desencarnação da missivista.

Dr. Hélio Burmeister



Dr. Hélio Burmeister, ex-presidente da Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul e atual Vice-presidente do Instituto Espírita "Amigo Germano", de Porto Alegre (RS), biografa o comunicante desencarnado, como segue:

"Laudelino Saucedo — Nascido a **10** de julho de **1900**, em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul. Desencarnou em Porto Alegre, no dia **15** de janeiro de **1981**. Foi casado com Alba Oliveira de Saucedo.

Tomou-se espírita em **1946**, quando conheceu o então Centro Espírita "Amigo Germano", hoje Instituto Espírita "Amigo Germano", Instituição a que deu toda a sua dedicação até os últimos momentos de sua vida de encarnado.

Laudelino exerceu, no Instituto Espírita "Amigo Germano", entre outros encargos de responsabilidade, os seguintes:

I— Bibliotecário
— Diretor do Departamento de Assistência Material
— Diretor do Departamento de Rendas
— Assessor Comercial
— Tesoureiro
— Procurador
— 1.® Vice-presidente (1965-1966)

Laudelino desempenhou todas essas funções com a dignidade e o entusiasmo que sempre o caracterizaram em todas as responsabilidades que assumia. Com as características de honorabilidade que o distinguiam, tanto em sua vida particular como pública, muito contribuiu para dignificar o nome da Instituição, onde se apresentasse em nome da mesma.

Laudelino foi companheiro leal, alegre, otimista, sabendo, porém, posicionar-se com severidade nos momentos de assegurar a integridade da "Casa de Germano" ante investidas ou tendências que pudessem vir a desfigurar a obra espiritual ou moral da mesma. .

Nos últimos dez anos de sua vida, teve problemas de saúde que teriam levado qualquer pessoa, menos corajosa e decidida, a acomodar-se no recesso do lar. Ele, porém, resolveu enfrentar a situação como motivo para trabalhar mais e muito, o que fez, dedicadamente, até o momento em que sua hospitalização o retirou definitivamente da luta.

Durante todo o tempo em que esteve hospitalizado, sentindo, aos poucos, o agravamento de sua saúde e percebendo que se aproximava o dia do desenlace, manteve atitude serena e digna, jamais colaborando para aumentar as preocupações de seus familiares e de seus amigos.

Laudelino portou-se, até o último momento, como espírita consciente, demonstrando ter assimilado plenamente a mensagem que a Doutrina Espírita enseja ao homem da Terra com a consequente renovação de sentimentos e equilibramento das emoções.

Laudelino desencarnou, acompanhando a prece que sua esposa, ao impulso de Espíritos Amigos, fora levada a pronunciar à beira do seu leito. Serenamente."

Na noite de 07.03.1981, Divaldo encontrava-se em Porto Alegre proferindo conferências pelo Estado do Rio Grande do Sul.

Para essa data fora previsto um encontro informal para diálogo doutrinário no imenso auditório do Instituto * Amigo Germano", nobre Entidade de educação de crianças e jovens na Capital gaúcha.

Quando já se preparava o encerramento da reunião, Divaldo solicitou papel e lápis, psicografando de público a bela e comovedora mensagem que o Espírito Laudelino dirigia a D. Alba, sua viúva, ali presente.

O Sr. Laudelino e esposa, D. Alba, trabalharam naquela Instituição por largos anos. Sua viúva, após a desencarnação do esposo, continuou a tarefa com a mesma abnegação.

Divaldo ignorava os dados a que se refere a Mensagem e, ao terminar de lê-la, por clariaudiência forneceu *a* D. Alba detalhes e acontecimentos relacionados ao casal, quando o Sr. Laudelino, pressentindo a desencarnação,] deixara, nos últimos momentos, com a esposa, palavras e gestos que ela confirmaria ao serem retransmitidos pelo médium.

Opinando sobre a mensagem que o médium baiano psicografou, publicamente, de um só jato, esclareceu Dona Alba Saucedo, viúva do missivista desencarnado:

"Foi com grande emoção que, na noite de **07.03.81**, no Instituto Espírita "Amigo Germano", após uma palestra de Divaldo Pereira Franco realizada sob os auspícios da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, recebi, através da mediunidade desse incansável trabalhador do Cristo, uma mensagem de Laudelino, o meu esposo.

Ele voltava para reafirmar o que fora para mim, na Terra, deixando grafados vários fatos que se registraram no decorrer de sua enfermidade e aqueles que culminaram com sua desencarnação em um quarto do Hospital "Beneficência Portuguesa", tendo como única testemunha, além de eu mesma, a enfermeira que nos assistia.

Era a madrugada do dia **15** de janeiro de **1981**. Pelas **4** horas e **15** minutos Laudelino chamou-me para perto de si. Senti, então, o impulso para fazer uma prece e, enquanto a proferia, ouvida atentamente por ele, consumava-se, serenamente, a sua desencarnação, tudo tão rápido!...

Abençoadas sejam as mediunidades que, a serviço do Cristo, distribuem consolações e renovam esperanças..."

Alba "* querida:

Jesus nos abençoe!

15 de janeiro de **1981**!

Há **51** dias [ts] separamo-nos, fisicamente, arrebatado pela desencarnação sem que a morte nos significasse o adeus.

Recordo-me de que as dores haviam recrudescido. Chamei-a, pedindo auxílio.[4] Você se prontificou a orar. A sua voz cansada e cheia de emoção, no silêncio do quarto, começou a balbuciar a prece de Cáritas,[5] enriquecendo-me de paz e renovação. Era a preparação para a partida, eu o sabia. Receava dizer-lhe. A minha tarefa já se havia encerrado fazia tempos... A misericórdia do Senhor, no entanto, prolongou-a, a fim de que pudéssemos prosseguir por mais tempo unidos no trabalho da fé espírita junto aos sofredores e criancinhas, na abençoada Casa do nosso amado Germano, [6] onde aprendemos a reunir a felicidade ao colar da paz.

Pensando em você e receando deixá-la mais amargurada, sugeri-lhe que se precatasse com recursos para qualquer emergência, ao mesmo tempo, cuidando de um seguro para funeral,[7] nestes dias difíceis da Terra...

Mais não pude fazer, por me faltarem outros recursos que eu não possuía por falta de cultura. Todo o meu tesouro é feito de amor, desse amor com que tecemos a nossa coroa de entendimento e respeito, num matrimônio que transcende às exigências legais e aos compromissos terrenos...

Almas irmãs, por um afeto que se origina no fundo dos tempos, renascemçs desta vez para a família universal, na qual encontramos a vitória do amor e a superação possível do egoísmo.

A morte não anula a saudade nem os sentimentos da ternura, antes aproxima ainda.mais os que se querem...

Fui recebido pelo nosso amado Germano,[8] que me tem sido desvelado pai, oferecendo-me o apoio de que eu necessitava, convalescente e fraco.

Ainda não me encontro totalmente refeito.

No entanto, sentindo a sua grande dor, *ouvindo* os seus pensamentos de aflição e saudade, venho dizer-lhe que continuamos juntos e você não pode fraquejar...

.Compreendo que não é fácil para você, como não o é para mim.

Você vê nossa casa, antes risonha e florida, deserta, tão grande, e sente-se a sós.

Reconforte-se no trabalho e na prece.

Atenda "os filhos do Calvário", fiel e devotada como sempre, sem'olhar para trás. O futuro é nosso, Alba querida.

Tenho a ventura de aqui haver reencontrado mamãe e amores espirituais de que já não recordava.

A nossa irmã Scheilla [9] falou-me que estava ao seu lado, no momento da minha partida, impedindo que você notasse...

Foi tudo tão rápido! Não perdi a consciência de imediato...

Acordei mais tarde, num dos Departamentos da Casa de Germano,[10] do *lado de cá* e continuo em tratamento.

Não sei como agradecer-lhe tudo.

Nunca se pode agradecer suficientemente.

Quando você me transferiu da Beneficência Portuguesa [u] para os exames finais, numa tentativa impossível, eu sabia de que nada adiantava, mas não me opus. Somente me negaria, como você sabe, a uma intervenção cirúrgica, dispensável, porque inútil.

Agora, graças a Deus, tudo são promessas.

Esta carta, estou fazendo-a sob o comando da nossa irmã Joanna de Àngelis que me ajuda a coordenar as ideias e comanda o meu braço, no braço do médium.

Você recorda que a minha não era a arte de escrever... *"»

Estou feliz quanto possível. Desejo vê-la recuperada, alegre e espalhando felicidade.

Gostaria de ouvir sua voz na Evangelização como antes, quando eu a estimulava ao trabalho em nossa Federação,[14] aqui ficando e vendo-a feliz.

Minha querida *Velha*,[18] o amor sobrevive e prossegue.

... Soube que no meu enterro se reencontraram qs velhos trabalhadores e fundadores do "Amigo Germano", como se durante o trabalho da morte a vida voltasse a cantar. [u,']

Não citarei nomes dos dedicados médicos e amigos que me cercaram de carinho, sendo muito reconhecido a todos.

Orei para que me fosse facultada a felicidade de escrever-lhe, hoje e aqui, nesta data especial, em nossa Casa de amor, trabalho e paz.

Dizem-me que está na hora de parar, quando eu gostaria de continuar dando-lhe as impressões da vida nova.

Agradeço, comovido, a todos, sem distinção, e beijo as mãos trabalhadoras da caridade que aqui se encontram.

Osculandò-a, com infinito amor e gratidão sem nome, Alba querida de todas as horas, rogo-lhe tenha-me nas suas preces, o velho esposo, amigo devotado e temo, o "vô".[lv]

Laudelino

IDENTIFICAÇÕES:

AIba Saucedo — Viúva do comunicante.

15 de janeiro de **1981** — Data da desencarnação do Sr. Laudelino, que Divaldo não sabia.

51 dias — Período entre **15**.**01** a **07**..**03**, data da mensagem.

D. Alba confirmou a ocorrência citada.

D. Alba havia orado realmente "A.Prece de Cá- ritas", conforme afirmou.

Refere-se à Instituição onde ambos trabalhavam. Detalhe e informação exatos, conforme D. Alba esclareceu.

Germano — Mentor da Instituição.

Irmã Scheilla — Entidade amiga do comunicante e a quem ele era muito afeiçoado.

As Sociedades e Obras de Benemerência materia- lizam-se na Terra, seguindo, não raro, organogramas e modelos das existentes no Plano Espiritual. Beneficência Portuguesa — Hospital onde se deu a desencarnação do Sr. Laudelino.

Joanna de Ângelis — Mentora do médium.

O comunicante escrevia raramente e só o indispensável.

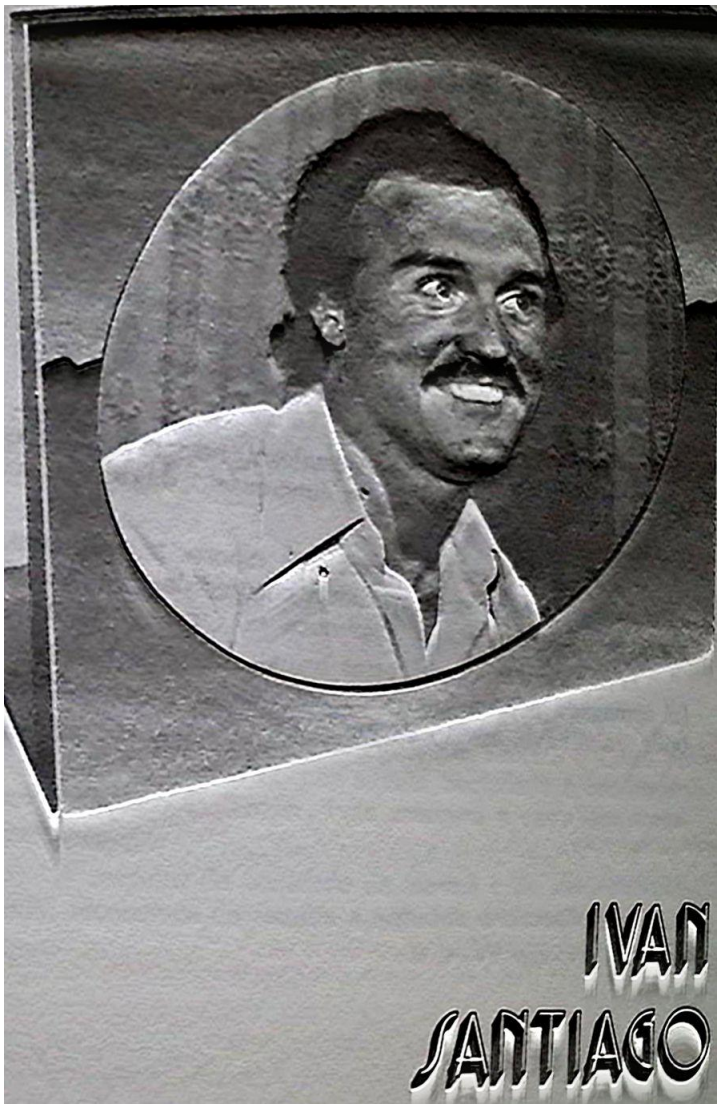
Em nossa Federação — D. Alba fora Evangelizadora na Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul por vários anos.

67(**15**) — Querida Velha = Expressão carinhosa com que o missivista chamava a esposa.

(**16**)— Esta referência diz respeito aos antigos fundadores e trabalhadores do "Amigo Germano", que se reencontraram após largo tempo, o que ocorreu no sepultamento do Sr. Laudelino.

(**17**)— "Vô" Laudelino — Assim era chamado na Instituição, inclusive por D. Alba, algumas vezes.

Ivan Santiago



Ivan Santiago era filho do Sr. Agenor Santiago e D. Maria Aparecida Sampaio Santiago, havendo nascido no dia l.° de maio de **1954**, na cidade de Franca, Estado de São Paulo.

A sua era uma família numerosa, porquanto seus pais tiveram **8** filhos e criaram, por adoção, mais duas meninas.

Casado com D. Fátima Aparecida Gomes Santiago, fez-se pai de **3** crianças: Ivana, Tárcia e Euler.

Estudou no Educandário Pestalozzi, na mesma cidade do seu nascimento e tomou-se funcionário do Banco do Brasil.

De formação espírita, excelente esposo, pai e amigo, adicionou a esses valores, mediante o autodidatismo, os conhecimentos de música e de pintura, no terreno das artes.

Ivan desencarnou de forma brutal, quando a sua moto foi esmagada por um

caminhão, na cidade de Sertãozinhò, onde trabalhava, aos 15 de junho de 1982.

Informado por amigos da família Santiago sobre o in- faustoso acontecimento, Divaldo Franco escreveu, oportunamente, ao genitor do desencarnado, seu conhecido e amigo, solidarizando-se com os familiares, no período crucial das suas dores.

Quando se preparava para mais uma viagem de divulgação espírita pelo Triângulo mineiro, Ivan apareceu ao médium baiano, informando que desejava, em Uberaba, escrever aos pais, esposa e filhos. Pedia-lhe que avisasse aos mesmos, a fim de comparecerem no Grupo Espírita da Prece, na noite de sábado, 29 de janeiro de 1983, em cuja oportunidade, mercê de Deus, tentaria dar notícias, utilizando-se da psicografia.

Divaldo telefonou ao Sr. Agenor, sem, contudo, assumir qualquer compromisso, de sua parte, em tomo do desejo do desencarnado.

Na noite referida, com a presença dos pais, esposa e amigos, no transcurso da reunião que encerra o Culto da Assistência, promovido por aquela Sociedade e conduzido por Francisco C. Xavier, Ivan escreveu a carta que transcrevemos.

A respeito do conteúdo da mesma e da sua autenticidade, recebemos da família a seguinte declaração:

71O Sr. Agenor Santiago, pai do missivista, assim se expressou, a respeito da página psicografada, em carta dirigida ao médium:

"... A mensagem do nosso querido Ivan, por seu intermédio, na memorável e inesquecível noite de 29.01.83, devo dizer-lhe, que não nos é fácil traduzir em palavras toda a emoção que sentimos, após aguardarmos ansiosos que nos chegasse. A saudade acicatava-nos a alma, mas nem mesmo o véu de nossas lágrimas conseguia empanar a certeza da imortalidade e a esperança do reencontro com nosso querido Ivan.

* Quando você, irmão Divaldo, leu a mensagem confortadora que ele escreveu, afloraram de seu conteúdo os lances mais importantes de sua vida, atestados também por sua esposa Fátima, nossa querida nora. Nela se encontram respostas às nossas interrogações, provando a veracidade e autenticidade da comunicação.

" Agradecemos a Deus pelo lenitivo à nossa dor, e que um dia, os laços de afeto e de ternura se estreitem cada vez mais, no intercâmbio maior entre os dois mundos, material e espiritual

Minha querida Fátima, meus queridos pais Agenor e Aparecida,[up]

rogo aos seus corações afetuosos que me conúedam a bênção em nome de Jesus, a fim de que este nosso primeiro contato epistolar se revista de carinho, sem às marcas da tristeza nem os acordes pesados da* melodia da angústia.

Estamos juntos em nossa marcha de crescimento para Deus e não pôde a morte conseguir separar-nos nesta trajetória em que o amor profundo é a tônica poderosa das nossas aspirações.

O acidente daquela terça-feira, dia quinze de junho do ano passado,[2)] se logrou

interromper os júbilos que acalentávamos em relação ao nosso futuro material, com certeza não conseguiu interromper os nossos sonhos de perene felicidade, que transferimos de lugar, mas não de realização. Recordo-me que vivíamos as alegrias e as expectativas da Copa do Mundo, programados para o dia seguinte os jogos da França contra a Inglaterra e da Espanha contra Honduras, [3] enquanto o Brasil prenunciava uma vitória que nos iria inundar de festa contínua, num campeonato que, afinal, não se tomou favorável a nós, conforme vim a saber somente mais tarde, bem depois...

Como vocês não ignoram, eu nunca me permiti a imprudência na moto que me facilitava a locomoção. De certo se tratava de uma intuição avisando-me do que me aguardava. Eu seguia, normalmente, em mão, quando surgiu o veículo pesado que me tomou a frente, ameaçador... [141] Tudo foi muito rápido. Num átimo de minuto, como num relâmpago, tentei desviar-me do perigo que me crescia à frente, quando, derrapando, fui colhido de corpo inteiro... Não relaciono recordações penosas com o objetivo de ressuscitar sofrimentos, senão para reafirmar-lhes que ninguém teve culpa no acontecimento que me roubou o corpo material. Não pretendo tornar-me advogado de defesa do companheiro inconsciente que se fez instrumento das sábias leis de Deus... Longe de mim a ideia de desculpar ou de acusar quem quer que seja.

Sabemos que os acontecimentos de tal monta, quando nos colhem nas intrincadas malhas das redes do que se denomina fatalidade, têm as suas origens nos processos das reencarnações anteriores, cuja tecedura nos escapa.

Posso atinar com a soma de sofrimento que desabou de chofre sobre o nosso lar, amarfanhando a alma da nossa querida Fátima e atingindo os amados filhinhos, tanto quanto sobre o teto abençoado dos queridos pais Agenor e Aparecida...

O que me impele a estas evocações é o imperioso dever de consciência de informar-lhes, queridos meus, que não experimentei a angústia da morte, não havendo sofrido, o que não deixou de constituir-me uma dádiva do amor de Deus, que reconheço não merecer.

Lentamente, após um sono refazente, em que as imagens da família me chegavam como um sonho continuado, interrompido por inquietações que logo eram asserenadas, despertei em agradável hospital, assistido carinhosamente pelo meu bivô Santiago, que me inteirou com delicadeza e habilidade do acontecimento, acenando-me esperanças de alegrias que logo mais iríamos fruir, qual acontece neste momento em que tenho os olhos umedecidos pelas lágrimas de felicidade...

Era natural que as minhas preocupações interrogassem pela amada esposa e pelos filhinhos, Euler, Tárcia e Ivana, "que ficavam na retaguarda.

Orientado e assegurado de que Deus a ninguém deixa em orfandade, fui-me recobrando das emoções mais fortes a benefício próprio e dos amados familiares...

Eu sabia que a luz da fé espírita, que ilumina os meus queridos pais, lhes dava claridade suficiente para enfrentar a ocorrência com o coração dilacerado, mas,

os Espíritos firmes e resignados. A crença não muda a realidade, porém permite uma visão iluminada para melhor enxergar os acontecimentos e os entender. Na sucessão dos dias e diante da coragem do amor de todos para comigo, recorri à oração, quando a bondade do venerável Monsenhor Rosa (6) me honrou o leito hospitalar com a presença e a palavra esclarecedora.

A prece é, sem dúvida, a fonte de luz que liga o abismo do homem amargurado à outra margem da esperança feliz que dimana do Pai.

Soube, por amigos abnegados da nossa querida Franca, que eu necessitava de assistência médica, a fim de liberar-me de determinadas fixações e impressões que permaneciam na condição de herança do domicílio fisiológico, e os respeitáveis benfeitores, Dr. Manoel Nicácio <7>, que havia erguido com outros obreiros do sacerdócio médico aquele reduto de recuperação na psicosfera da nossa cidade das verdes colinas, assessorado pelo Dr. Paes Leme,(8) se me revelaram Verdadeiros amigos e caridosos servidores de Jesus. Recuperando- me, lentamente, fruí da alegria de receber a visita da querida Fátima, na esfera dos sonhos,<9) quando desejei tranquilizá- la e, depois, tentando enviar notícias aos pais queridos para que se tranquilizassem também.

Não chore mais, querida Fátima. Fite os horizontes da esperança que desenha para nós perspectivas ditosas que, de momento, não podemos nem devemos ainda examinar. A vida, no corpo, é bênção de contínua renovação, oportunidade formosa mediante a qual podemos construir a felicidade que nos está reservada, antecipando-a pelas mãos do amor e da ação caridosa.

Os nossos queridos filhinhos estão amparados e você tem sabido conduzi-los com segurança e coragem nestes sete meses e dias da nossa transitória separação física.(lt>

O amparo dos pais queridos tem sido dos mais valiosos e você tem conseguido manter o equilíbrio que me constitui verdadeira alavanca de impulsão para a frente.

Sabendo-a confiante na misericórdia de Deus, encontrei forças para renovar-me e crescer.

Reconheço que a sua não é uma posição fácil e ouço as suas. interrogações de angústia e receio. Não se deixe vencer pela dúvida, que é uma nuvem perigosa a empanar a beleza luminescente do Sol. Não me creia longe e considere que estou viajando, como em realidade me encontro . .?

Você recorda-se de quando fui para o interior da Bahia, como nos preocupamos e anelamos para voltar para perto dos nossos? Quem poderia pensar que na cidade de Sertãozinho, junto aos nossos amores, em casa, iríamos enfrentar os pontos de reticência na jornada da carne?! ^

A vida é feita também de surpresas. Nem todas, porém, são dolorosas. Há dádivas de amor e bênçãos de paz que nos aguardam e nos surpreendem na próxima curva da estrada, ensejando-nos plenitude.

As suas e as orações dos pais queridos, através do correio da saudade, são-me sazonadas messes de reconforto e renovação íntima. Igualmente desejo anotar as orações que abnegadas senhoras católicas [12] me dirigiram e que me alcançaram com a pureza das suas intenções como refrigério nos dias primeiros e mais difíceis, como é fácil compreender-se.

Tudo agora são expectativas de melhores dias e já estou entretecendo a túnica nupcial do nosso duradouro noivado, aguardando a repetição das bodas programadas para o futuro.

Alegre-se, enriquecendo-se de júbilos. Pelos fios invisíveis e poderosos do pensamento continuaremos nossas carinhosas conversações. Rogo-lhe somente que evite as recordações que predispõem à depressão, à saudade e à dor.

A saudade é a cortina de sombra que empana os raios luminosos da esperança, e a tristeza é alimento envenenado que termina por intoxicar e, às vezes, matar.

Nossos amados Euler, Tárcia e Ivana necessitavam muitíssimo da fortaleza de mãe e pai, especialmente nestes dias mais dolorosos, que o tempo há de diluir para que os elos do tempo mesmo reunam os dias em semanas de festas e estas em meses de bênçãos e os últimos em anos de felicidades.

Querido paizinho Agenor e mãezinha Aparecida, agradeço-lhes todo o carinho e fortaleza de ânimo com que atravessaram os dias do vendaval da nossa ascensão.

Os seus exemplos constituem-me força de paz e alimento para conseguir energias para o trabalho a que me vinculo como aprendiz da vida que não pode parar.

O nosso Agnelinho Mora to [3] tem-me sido amigo devotado e conduziu-me à ação no grupo de trabalho no qual coopera com as forças do Bem, em nossa cidade e arredores, auxiliando acidentados e inspirando os mais precipitados jovens a manterem respeito pela vida. As primeiras experiências ao lado de outros companheiros ajudaram-me a granjear equilíbrio, porque servindo, aprendemos a valorizar todas as concessões que nos chegam por misericórdia de Deus.

Desejo agradecer a presença dos companheiros da querida Franca que me envolvem em ondas de pensamento fraterno, jovial e cristão.

Anoto igualmente a presença espiritual da nossa Aninha, [u] que nos pede para transmitir aos nossos amigos Sr. Dijalvo e Senhora que ela segue em clima de paz, procurando envolver a família nos mais fortes sentimentos de amor e gratidão, diante da vida que não cessa.

O nosso Valdir[w] comunica aos amados familiares Canuto, que se refaz da viagem e agradece todo o carinho com que o envolvem em ondas do mais puro amor.

Também desejo informar que os nossos queridos José Diniz e Sabina, da querida família Sampaio,[10] já restabelecidos da travessia, preparam-se ditosos para os cometimentos do porvir.

Igualmente faço-me mensageiro dos nossos venerandos José Marques Garcia e José Russo,[17] que prosseguem na Seara do Espiritismo com Jesus com a

fidelidade que lhes era peculiar, nas terras abençoadas da nossa Franca.

Estamos em festa de corações ante a presença maciça de amigos francanos que vieram com a caravana de familiares e companheiros.

Agradeço a todos, e desejo nominar os nossos amigos Dr. Agnelo Morato, Dr. Tomaz Novelino ‹18› pela emocionada peroração e elevado sentimento com que entreteceram comentários sobre a imortalidade, tanto quanto o nosso Dijalvo, de coração ferido, ante os meus despojos mortais na câmara mortuária do Hospital de nossa terra e a sentida prece do querido paizinho Agenor, de que tomei conhecimento e me foram bálsamo e fortaleza para os primeiros momentos na estância de cá... (1"

£ chegado o momento de interromper este colóquio de amor e reconhecimento pelo lápis.

Há muito por dizer, nesta primeira experiência para a qual não me houvera adestrado.

Interrompemos na forma material o colóquio dos sentimentos a fim de continuarmos na linguagem poderosa do coração que ama.

Querida Fátima, perdoe-me por haver retomado antes e confie na excelência do nosso amor que vencerá as barreiras do tempo e crescerá com a vida recebendo o adubo da esperança de fidelidade sem jaça.

Beijo os filhinhos queridos, rogando à Tárcia, à Ivanà. ao Euler que cresçam sob. a fronde do amor a Deus, nutridòsí pela fé que liberta, construindo o amanhã, no qual o paizi- nho afetuoso se fará presente no reencontro demorado, onde não mais haverá dor, nem saudade, nem sombra, nem morte.

. Suplicando ao querido pai Agenor e à amada Mãezi- nha Aparecida que envolvam o seu filho em bênçãos, abraça; os familiares queridos, o esposo, filho e amigo reconhecido, sempre devotado e que os não esquece,

Ivan Santiago

79IDENTIFICAÇÕES:

(1) — Fátima, Agenor e Aparecida — Respectivamente esposa e pais de Ivan.

(2) — Terça-feira, dia 15 de junho — Data correta. J

(3) — Copa do Mundo e os jogos programados — De talhe confirmado.

(4) — O veículo pesado... — As testemunhas afirmaram o que descreve o missivista sobre o acidente.

(5) — Euler, Tárcia e Ivana — Filhos do desencarnado.?

(6) — Monsenhor Rosa -D® Virtuoso vigário de Franca, por 47 anos. Nasceu em 1838 e desencarnou! em 1903.

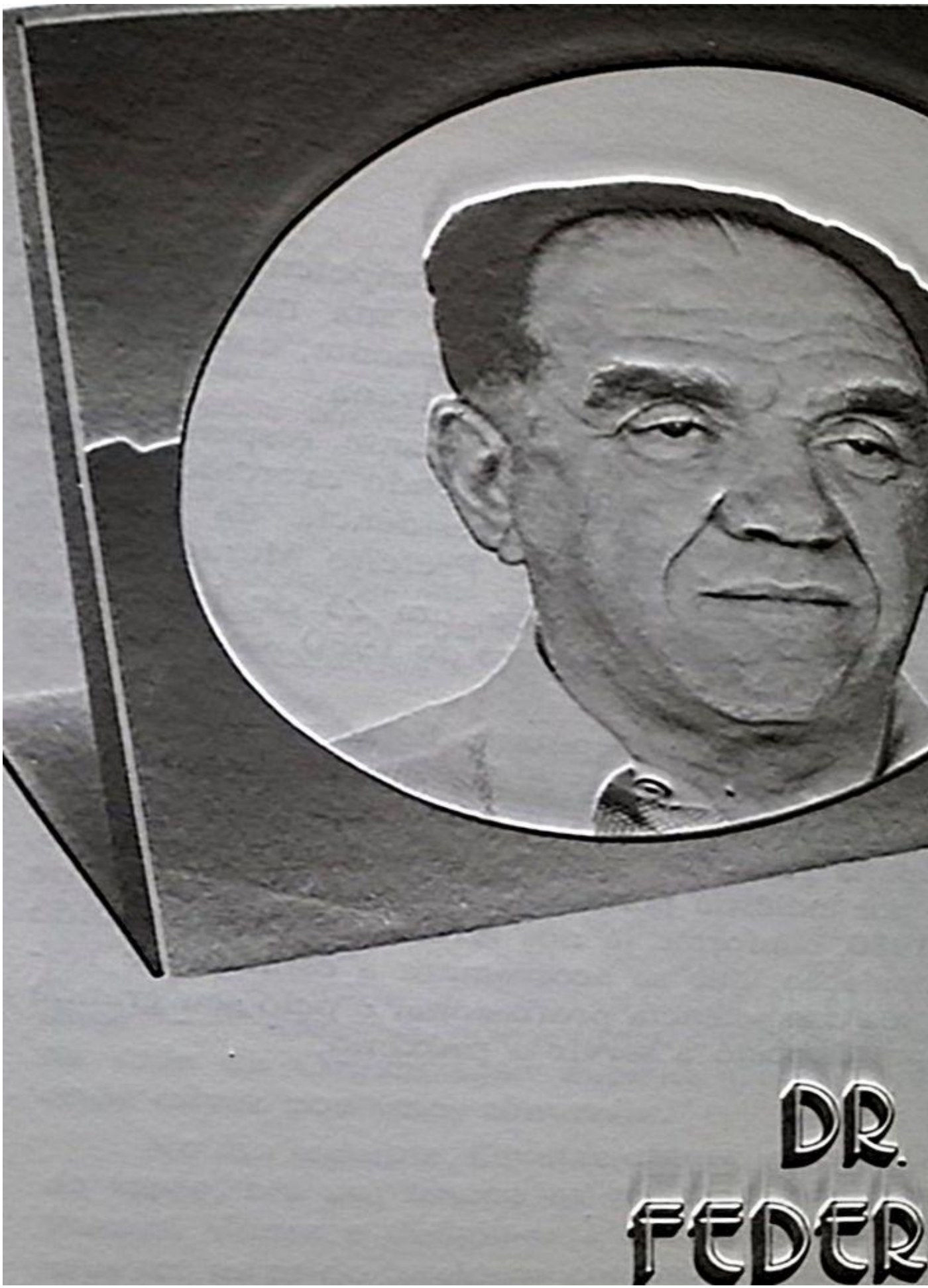
(7) — Dr. Manoel Nicácio — Médico francano desencarnado em 1896.

(8) — Dr. Paes Leme — Dr. Francisco Pinheiro Paes Leme, médico, de Franca, desencarnado.

(9) — Da esfera dos sonhos — Sonho de D. Fátima, no
qual o esposo a induzia a ter muita calma e a aguardar confiante o futuro reencontro.
(10)— Sete meses e dias — Referência exata.
(11)— Interior da Bahia — Reporta-se à sua transferên
cia de Franca para Santa Rita de Cássia (BA) antes de retomar para Sertãozinho (SP), onde desencarnou.

(12) — Senhoras católicas — Oração do terço que senho
ras católicas realizaram no velório do Hospital Regional.
(13)— Agnelinho Morato — Jovem desencarnado em aci
dente, no ano de 1972, filho do Dr. Agnclo Morato, escritor e redator do jornal espírita *A Nova Era".
(14)— Aninha — Diz respeito a Ana Luíza, jovem que
desencarnou em março de 1982, filha do Sr. Di- jalvo Braga, atual Provedor e Presidente do Hospital Espírita de Franca.
(15)— Valdir — Valdir Marcelino Canuto, jovem tam
bém desencarnado em acidente de moto, em Franca.
(16)— José Diniz e Sabina — Avós do comunicante, pais
de D. Maria Aparecida, sua genitora.
(17)— José Marques Garcia e José Russo — O primeiro
foi o fundador da Casa de Saúde "Allan Kardec", de Franca. O segundo, escritor, jornalista e Provedor do referido hospital por 40 anos, também criou e dirigiu a Fundação Espírita " Judas Isca- riotes", atualmente dirigida pelo Sr. Agenor Santiago, pai de Ivan.
(18)— Dr. Tomaz Novelino — Médico francano, funda
dor do Educandário Pestalozzi, da mesma cidade, com ampla folha de trabalhos educacionais e assistenciais.
(19)— Essas anotações foram confirmadas pela família.

Dr. David Federmann


DR.
FEDER

Dr. David Federmann, médico ***competente***, ***abnega e*** humanitário, foi considerado, pela sua numerosíssii clientela, na maioria atendida graciosamente, como o "M dico dos Pobres", em Ponta Grossa, Paraná.

Foi homem público e político militante, r***espeitadíssim*** até pelos seus adversários políticos, ***tendo exercido o man*** dato de Vereador. Quando na Presidência ***da Câmara,*** ocupou, interinamente, o cargo ***de Prefeito Municipal.***

Nasceu na cidade de Curitiba, em **25** ***de janeiro de*** **1922** e desencarnou a **29** ***de*** outubro ***de*** ***19*****80**, ***com*** ***58*** anos de idade.

Posteriormente, eleito Deputado *Estadual em* **4** *legis***laturas**, usou seu cargo público e sua influência, preferen-' temente para atender os menos favorecidos, *granjeando* ***a*** estima e simpatia geral. No desempenho *desses mandatos,* foi vitimado por moléstia pertinaz, falecendo no *dia* **29** *de.* outubro de **1980**, conforme *já nos referimos*, *consternando*^ toda uma população, que se acostumara a *estimá-lo e* respeitá-lo pela sua competência *profissional e pelo seu grande* coração sempre disposto a *servir o próximo.*

No dia **24** de novembro de **1980**, exatamente **26** dias depois da sua desencarnação, seu Espírito transmitiu, pela psicografia de Divaldo Pereira Franco, a mensagem, cujos detalhes são, a seguir, transcritos e comentados, analisando os elementos comprobatórios da sua identidade.

Alguns dessCS pontos de confirmação da identidade do comunicante foram registrados no texto da própria mensagem, outros foram citados através da clariaudiência do médium, no momento em que fazia entrega da mesma à viúva e familiares do extinto, quase todos de conhecimento exclusivo de D. Lourdes e, obviamente, do desencarnado, conforme veremos.

Cumpre assinalar que Divaldo teve rápido contato com a viúva do Dr. David Federmann, na noite anterior ao fato mediúnico, apenas o tempo suficiente para cumprimentá-la e informar da impossibilidade de atendê-la para um diálogo, como era do desejo da senhora, pois Divaldo estava saindo da casa do seu anfitrião, em Curitiba, para atender compromisso anteriormente marcado. Apenas lhe disse: — "Amanhã, possivelmente estarei em Ponta Grossa, na sede da Organização Espírita Cristã "Irmã Scheilla", onde talvez possamos conversar."

No dia seguinte, Divaldo chegou a Ponta Grossa, ao fim da tarde, fez um lanche na residência da família Guaracy Paraná Vieira e dirigiu-se à sede da aludida Organização, sem ter mantido qualquer contato com os familiares do Dr. David.

Chegado ao local da reunião, o salão já estava repleto. Ele entrou, indo diretamente sentar-se à mesa, sem mesmo notar que os familiares do médico estavam na plateia.

Feita a prece inicial, sem manter qualquer conversação com o público, começou a psicografar rapidamente.

Ao terminar, leu a mensagem recebida, constatando-se, para a surpresa e alegria de todos, que o autor da psicogra- fia era o querido Dr. David Federmann.

Finda a leitura, Divaldo fez uma agradável palestra, relatando episódios ocorridos em sua recente viagem ao Exterior. Contou, também, interessantes experiências me- diúnicas que presenciou, tendo como médium o querido Chico Xavier.

Ao finalizar, quando os familiares do Dr. David Federmann vieram cumprimentá-lo, Divaldo informou que o mesmo encontrara bastante dificuldade para psicografar, no que fora auxiliado pelos Espíritos Bezerra de Menezes e Irmã Scheilla, mas que ele ainda estava ali, junto, e lhe pedia para relatar alguns detalhes que não pudera escrever, com isso complementando sua mensagem.

Leiamos a carta do nobre Espírito, a seguir:

Minha querida Lourdes: [a]

rogo a Deus que nos abençoe, auxiliando-nos no prosseguimento das tarefas abraçadas.

Atravesso a porta da saudade com o coração marcado por alegrias inesperadas, para atender ao seu apelo mental, às suas interrogações.

Afinal, a minha viagem, já programada, não chegou a constituir-nos uma surpresa. A enfermidade minava meu corpo, lenta e inexoravelmente. Você e eu sabíamos, embora procurássemos não encarar a realidade.

A esperança é a mensageira de Deus que nos ajuda a vencer as etapas difíceis, e foi ela que nos sustentou, oferecendo-nos perspectivas de mais tempo para que a jornada prosseguisse em clima de oportunidade de evolução.

A neoplasia maligna me minava o organismo e eu a sentia dilacerando-me as fibras íntimas. Os recursos médicos foram um auxiliar, a fim de que pudesse organizar melhor papeis e programas, no entanto, no amâgo do meu ser eu sabia que se avizinhava a hora.. .

Não desejava partir. Aguardei por você largos anos e, tendo-a como rainha da minha felicidade na Terra, eu que me sentia tão só, parecia-me doloroso demais. Você chegou até mim, como uma estrela que vence a noite e derrama claridade aurifulgente. Eu já não me acreditava disposto ao matrimônio. Todavia, estávamos assinalados para uma união, perfeita quanto possível, conforme o que se pode esperar de perfeição na Terra. Você deu-me a honra da pa- **87**temidade física e ambos ampliamos a família através do amor espiritual...

Assim pensando, recorri ao nosso caro Dr. Odilon,[b] que me foi um cireneu espiritual, auxiliando-me no prolongamento da roupa física. Pude, então, aquilatar a grandeza do poder e da misericórdia de Deus, que não cessam nunca de nos auxiliar...

Apesar disso, o meu compromisso terreno estava chegando ao termo e eu o sentia.

Às vezes, ficava contemplando sua juventude nobre, nossos *filhos* e não podia sopitar a angústia que me dominava o peito, fazendo-me sofrer...

Quando estive com Chico Xavier,ele falou-me, animado, sobre a vida, sem

deixar-se trair a respeito da minha problemática orgânica. Recebi a palavra da querida Vida Espiritual, comovendo-me, sem dar-me conta que, logo depois, seria eu quem estaria escrevendo a você do *pais de cá.*

Não sofri quase nada. A morte chegou-me como Um anestésico, que me foi tomando o corpo e a mente, e dormi longamente. Mamãe, o anjo abnegado de nossa família, foi quem me despertou para a realidade nova. Falou-me com ternura, sem afetação, com'o senso prático que lhe fora habitual na Terra-. Não posso negar que fui acometido de uma grande surpresa, na qual misturei as lágrimas de dor moral às de alegria... Dor moral, por imediatamente recordar-me de você e dos seres queridos que ficaram na Terra e alegria, por estar vivo...

Repassei, a pouco e pouco, todas as lembranças, cataloguei evocações e senti-me na necessidade de reorganizar a vida, a fim de progredir e poder retomar, convivendo com você e os nossos, marchando para o futuro e organizando o lar que um dia nos voltará a reunir sem adeus...

Ainda me sinto fraco e escrevo-lhe esta carta auxiliado pelo abnegado Espírito Dr. Bezerra de Menezes ‹4' que me **88**tem sido sublime amigo e benfeitor. Desde a primeira hora vem-me auxiliando com inefável carinho e medicando-me. A morte não faz cessar determinadas enfermidades que se originam nos tecidos sutis do Espírito, por cujo meio o ser se depura de dívidas antigas.

Quando os médicos penetrarem neste conhecimento, mudará em muito a terapêutica terrestre e se compreenderá melhor a vida e a programação a que a mesma se ajusta.

Desejo agradecer-lhe, esposa querida, a paciência e a dedicação, a coragem e o espírito de serviço. Estendo o meu reconhecimento aos familiares, à nossa irmã Guita ‹5› e todos os diletos companheiros do lar que me concederam a honra do amparo e da coragem nas horas do testemunho pela doença antes da grande e irreversível transição.

Desejo agradecer, em especial, ao querido Sady ‹0) pela sua abnegação e companheirismo, esquecido de si mesmo, no apostolado da Medicina e da fraternidade humana.

Recomende-me a todos os familiares, ao Jacob,(7› ao Abrahão,‹8› ao Isaac,‹9) enfim a este clã onde o Senhor me situou para o processo de evolução.

Ouço os seus pensamentos e desejaria muito poder atendê-la. Por enquanto, ainda sou convalescente, porém confio em Deus que crescerei e serei amparado, de modo a poder corresponder, de alguma forma, aos seus anseios e ternura.

Agradeço a todos os amigos que me envolveram em ondas de bõndade e de gratidão, que eu reconheço não merecer.

Envolvéndo-a em infinita ternura, em que a saudade está. presente, reunindo os filhinhos no mesmo afetuoso abraço, extensivos à Guita e a todos, com emoção, reconhecido e sempre, sempre fiel e dedicado, o seu

David

IDENTIFICAÇÕES:
(1) — Lourdes — Nome da esposa do comunicante.
(2) — Dr. Odilon — Trata-se do Dr. Odilon Ferreira, Juiz
de Direito, no Estado de Minas Gerais e famoso médium curador, ao qual o Dr. David recorreu.
(3) — Chico Xavier — O apóstolo do Espiritismo, Fran
cisco Cândido Xavier, com quem o Dr. David manteve demorada entrevista, a sós, em Uberaba, doze dias antes da desencarnação e em cujo encontro hauriu extraordinário consolo e coragem moral.
(4) — Dr. Bezerra de Menezes S O "médico dos pobres"
do Rio de Janeiro, no fim do século XIX, também considerado, a seu tempo, o ""Allan Kardec brasileiro".
(5) — Guita — Irmã mais velha do comunicante, que foi,
para ele e para os demais irmãos, uma segunda mãe, acompanhando-o em todos os lances da insidiosa moléstia.
(6) — Sady — Dr. Sady Macedo Silveira, seu grande ami
go, médico abnegado e altruísta, residente em Ponta Grossa, que lhe ofereceu toda a dedicação.
(7) — Jacob Federmann — Irmão do comunicante, Enge
nheiro, residente na cidade de Itu, Estado de São Paulo.
(8) — Abrahão Federmann — Irmão do comunicante, mé
dico residente em São Paulo.
(9) — Isaac Federmann — Irmão do comunicante, médi
co residente em Campinas, São Paulo.

Ao entregar a mensagem, Divaldo informou por cla- riaudiência:

— O Dr. David está-me dizendo que foi recebido por D. Paulina, sua mãe, e por sua irmã Rosa.

"Esclarece que citou apenas os irmãos Jacob, Abrahão e Isaac, porque são os que moram em São Paulo, já que, com os demais, sempre mantinha contato mais frequente.

"Diz, ainda, que se considerava um solteirão inveterado, mas, que a senhora surgiu-lhe na vida como uma bênção.

"Está dizendo que, quando a senhora voltou de Curitiba, após o funeral, resolveu fazer uma revisão no guarda- roupa e ele, que a acompanhava, presenciou seguinte cena: A senhora abriu o móvel, sentiu profunda e dolorosa saudade e deteve-se junto a um temo de linho que ele usara recentemente, começando a afagar a manga do paletó, lembrando-se de que não mais estava ali o seu corpo. Pensou, então: 'David, se você está presente, se está vivo, dê-me uma prova de sua existência, um sinal qualquer, pois estou sofrendo muito com a sua ausência e preciso da sua orientação.'

"Diz ainda, que, em outra ocasião, a senhora tomou uma fotografia, sentou-se

numa poltrona e começou a falar com ele, olhando para sua fisionomia e pedindo mentalmente, que ele se manifestasse, por um ruído, uma mensagem, um sinal que lhe confirmasse a sobrevivência/ dando- lhe uma palavra de consolo.

"Continua elucidando que, quando a senhora ganhou coragem para abrir a gaveta da escrivaninha onde ele guar- **91** dava seus documentos, teve o seguinte pensamento, que ele registrou: 'Felizmente o David era um homem organizado e estes papeis devem estar perfeitamente em ordem'. Contudo, ele está-me dizendo que a senhora estava enganada, que havia algumas falhas, mas que o advogado da família já tinha corrigido."

Consultada, D. Lourdes Federmann confirmou integral- mente todas as informações transmitidas por Divaldo Franco, dizendo, expressamente:

"Os fatos ocorreram exatamente assim e em momentos que estava absolutamente só, em casa, sem que ninguém pudesse testemunhá-los, a não ser o Espírito do David, que estava ali, assistindo e ouvindo ou lendo meus pensamentos.

"Realmente, David costumava dizer que eu era uma bênção na vida dele, pois que sempre se considerou um solteirão inveterado e jamais pensara ter a felicidade de ser marido e pai."

• Prosseguindo, D. Lourdes aclarou que esperava uma mensagem do seu esposo após sua desencarnação, porque ele sempre lhe dizia que depois da sua morte, conforme o plano espiritual em que ficasse, viria auxiliá-la e orientá-la como sempre fez durante a vida matrimonial, que foi curta, mas de plena afinidade espiritual e muito amor.

Nesse trecho do diálogo, Divaldo aduziu que o Dr. David Federmann estava confirmando e que "lembrava com saudade os seis anos de feliz consórcio".

Quando Divaldo se referiu aos "seis anos" de casamento, D. Guita Federmann, irmã do comunicante, corrigiu dizendo que eles foram casados apenas durante cinco anos.

Novamente Divaldo afirmou: "O Dr. David está lembrando que a senhora esqueceu do tempo de namoro e de noivado, que para ele já significava um consórcio." Diante dessa observação do Espírito, D. Guita concordou que, realmente, fora um ano transcorrido naquela condição e que, somado aos cinco de união matrimonial, completavam os "seis anos" de felicidade citados pelo comunicante.

Wilson Douglas Schech nasceu na cidade de Porto Alegre (RS), no dia **02.07.1968** e desencarnou, em ***Salvador,*** no dia **13.04.1983**, filho do Sr. Sílvio Rubem Schech e de D. Erice Martins Schech.

Dócil e meigo, antes de desencarnar cursava a **7.ª** série, na Escola Tereza de Lisieux.

"Conversava com os adultos como se ele próprio o fosse e suas atitudes diárias o apontavam como tal. Tinha muitos amigos e era querido por todos. Sensível às menores emoções, preocupava-se, em demasia, com os pais, principalmente com o

genitor. Sempre forte e com aparente saúde adoeceu no dia 20 de março de 1982, com o surgimento de uma dor forte na virilha direita. Examinado por diversos ***médicos,*** foi diagnosticado ser portador de câncer ósseo (sarcoma de Ewing). Segundo informações de médicos americanos,-a mortalidade é de 90% dos pacientes.

"Os pais, inteirados da gravidade da doença e com esperanças de 30% de possibilidades de recuperação, sabendo que, no Exterior, nada se podia fazer além do que se realizava no Brasil, passaram a tratar a doença com Quimioterapia e Radioterapia, em Salvador.

"Wilson, certo de ter uma lesão óssea (osso púbis), enfrentava o tratamento com muita coragem, apesar de ***todo o*** sofrimento (perda de cabelos, ***cílios***, sobrancelhas, vômitos múltiplos durante os dias e as noites, dores continuas...)

96"... Gostava de ser chamado Maninho e se comprazia em receber visitas, o que lhe trazia conforto e alívio espiritual.

"Em fevereiro do corrente ano l*' foi desenganado pelos médicos, face à metástase nos pulmões..." m

(*) — Fevereiro de 1983.

(1) — Dados oferecidos pelos seus genitores.

Na noite em que Maninho veio escrever, na sessão pública, "os pais receberam com muita emoção, difícil de descrever, a mensagem através do médium Divaldo Pereira Franco, que igualmente emocionou a todos que o conheciam e participavam daquela reunião.

MA citação, na mensagem, da data da desencarnação, a maneira como aconteceu, o agradecimento aos pais pela dedicação, o reencontro com o seu irmão Sílvio José Schech de onze anos, desencarnado no dia 02.12.1978 vitimado por asfixia, juntamente com o menino Adriano Carvalhal São Pedro, de 7 anos, por soterramento numa duna de areia, de onde ele, Maninho, escapara como que por milagre; a referência ao encontro com o avô (seu tio-avô, pai de criação do seu pai — João Silveira) e Daniel Schech (avô legítimo) , ambos desencarnados...

"A descrição dos fatos não deixa margem a dúvidas, além do que Wilson era muito apegado ao seu irmão Silvi- nho e duros foram os meses que se seguiram à separação pelo acidente.

"Efetivamente, chorava sozinho e escondido para não preocupar os pais, enquanto estes choravam, às escondidas, para que ele não notasse o seu desespero em cada dia...

"Pedira, anos atrás, para ter outro irmão, e nasceu Hilda Maria Schech (Hildinha) no dia 09.09.1982. Ambos eram muito apegados."

A declaração dos pais de Wilson é clara e sem rebuços, quanto aos fatos, convincentes, desconhecidos pelo médium, confirmando a autenticidade da página.

Quando Wilson se encontrava enfermo, seus pais levaram-no ao Centro Espirita "Caminho da Redenção", numa sessão doutrinária (pública), na qual, após a palestra,

são aplicados recursos fluidoterápicos, para que ele conversasse com Divaldo.

Porque ele estivesse sentindo muitas dores, o encontro foi rápido, todavia, assinalado pelo conforto que o médium transmitiu ao paciente, encorajando-o e estimulando-o à luta.

Pouco tempo depois lhe adveio a desencarnação, deixando inconsoláveis os pais sofridos.

Posteriormente, Wilson, em espírito, apareceu a Divaldo e informou que gostaria de escrever aos familiares, logo fosse possível.

Apresentava-se renovado, quase feliz...

Divaldo solicitou ao Sr. José Milani, frequentador da Casa e amigo da família, para que convidasse os genitores do jovem desencarnado a comparecerem ao Centro, sem anunciar, porém, a probabilidade da comunicação, assim evitando alguma decepção, face a qualquer impedimento imprevisto.

Na noite combinada, enquanto era proferida a palestra no Centro, Divaldo psicografou, de público, a mensagem a seguir:

Querida mãezinha, meu querido papai.

Estou orando, como fazíamos antes, rogando a Deus que nos abençoe e nos conforte na saudade que toma conta das nossas horas.

No último dia **13** de abril, quarta-feira demos o nosso até breve, separando-nos das roupagens do corpo, sem que isso nos significasse adeus ou distância.

Após a demorada desagregação das forças, Deus nos concedeu a dádiva de diminuir as minhas dores físicas e o cansaço que já se fazia demasiado na sua dedicação e continuada assistência à minha vida que se apagava...

Recordo-me de vários acontecimentos que precederam o momento definitivo da libertação: eu lhe pedira, mãezinha querida, que me deixasse morrer, porque as dores eram demasiadas e eu sabia que não podia ficar por mais tempo, numa roupa gasta, que já não servia para as finalidades da vida. Você chorava, em agonia, e eu entendia; no entanto, eu estava ansioso pela liberdade. Eu tinha segurança de que a morte não poderia impedir o nosso amor e entre ficar no corpo sob a ação de remédios que me apagavam a lucidez, e ser feliz apesar de estar corporalmente separado, era melhor, para todos nós, o que realmente aconteceu, doloroso no começo e ditoso agora, que nos voltamos a abraçar e a conviver...

Também me recordo, paizinhos queridos, da presença do padre que me veio preparar, e com quem conversei calmamente, na confiança de Deus.[f] Ele confortou-me, é certo, mas eu demonstrei não temer a morte, porque aprendi com vocês a confiar na vida.

Os seus exemplos de dignidade e de fé em todos os momentos constituíram lição viva de grandeza moral para mim.

Quando Silvinho e Adriano foram soterrados, naquele **1978**,[4] Deus nos poupou a todos de dores maiores, porque eu deveria ter retomado com eles; no entanto, por merecimento de vocês, eu fui salvo, transitoriamente... Aqueles foram dias de

muitas dores para todos nós, no entanto, unidos e confiando no amor do Pai Celeste, foram superadas, apesar de não esquecidas aquelas aflições...

O nosso amado Silvinho ficou em nossa memória e em nosso carinho, como um anjo fica emoldurado de luz no altar da nossa devoção.

Neste ano, chegava a minha vez... Em fevereiro,<s> a saúde complicou e eu podia ler, nos olhos do querido papai e na sua ansiedade amada mãezinha, o diagnóstico cruel e as poucas possibilidades de recuperação... Sonhei, várias vezes, com a doença e a sua gravidade, assim preparando-me. Preocupava-me com vocês e ocultava as dores, quando elas se foram fazendo mais difíceis de ser suportadas... Vocês sabiam, amores da minha alma, que eu chorava escondido, como escondido vocês choravam.(t>

Oh! meu Deus, o milagre do amor!

No dia da viagem para cá, ao pedir-lhe, mamãezinha querida, para cantar o Hino do Senhor do Bonfim,<7) é porque eu sentia necessidade de alívio e de coragem naquela hora, que se aproximava

Estas recordações não são para provocar saudades nem evocar dores, senão para demonstrar como todos aqueles dias foram abençoados por Deus, preparando-me para este reencontro.

Não sofri nada com a morte, nem acompanhei o enterro. *Ouvia* as suas dores, meus queridos, sufocadas pelas lágrimas e sentia por dentro de mim, como num sonho, as suas interrogações de angústia e de amargura.

Foi nesse transe, que o vovô me veio despertar. O Sil- vinho estava com ele e o Adriano também, sorrindo, aguar* dando por mim. Primeiro eu fiquei surpreso, depois senti-me feliz e não pude deixar de chorar ao compreender o que se havia passado. No meu coração eu procurei por vocês, naquela sala que me parecia uma enfermaria de um bonito Hospital, luminoso, asseado, cheio de tranquilidade, com uma suave música no ar...

Foi o vovô quem me disse, que eu já estava livre e que vocês e a Hildinha <a> estavam saudosos, porém resignados. Informou-me que eu deveria acalmar-me e confiar em Deus, que tudo seria reorganizado, no momento próprio, prometendo-me a oportunidade que hoje se concretiza.

Aguardei, então, entre orações e expectativas o momento de nos abraçarmos e eu escrever-lhes esta carta. Fui sendo preparado.

Silvinho me dizia, que ele gostava de escrever, enquanto eu, de falar.(a>

Quantas vezes ele escrevera: eu amo a Deus!, recor- dam-se? /w

Os dias se foram passando e eu comecei a receber noticias de vocês e saber onde me encontrava. Ainda estou em convalescença, mas o vovô me trouxe um venerando ancião, que me disse:

— Wilsinho, eu sou o padre Cacique de Barros, que viveu em Porto Alegre e trabalhou muito com as criancinhas. <M> Veja você: eu nasci na Bahia e fui trabalhar em Porto Alegre, enquanto você nasceu em Porto Alegre e veio desencarnar na

Bahia.[1»]

Sorriu, abraçou-me com muita bondade, e continuou:

— Esta é uma Colônia Parque-Escola "Amanhecer". É um reduto de amor próximo da Terra, especializada em atendimento a crianças e jovens desencarnados, que aqui continuam os seus estudos, até quando as famílias retornam e voltam a reunir-se, programando as tarefas do futuro. Você é bem-vindo, e como já tem aqui o irmãozinho e o amigo, não estranhará muito.

Conversou um pouco mais e se retirou.

Fiquei tão feliz! Para que a minha felicidade fosse completa era necessário que vocês e a Hildinha estivessem presentes. Mas um dia isto acontecerá, quando vocês concluírem a sua missão no mundo.

Não posso me alongar em demasia.

Estou escrevendo esta carta sob a orientação da mamãe foanna de Ângelis,[‹15›] que trouxe também o Silvinho e o Adriano sob o apoio do vovô.

Quero agradecer a todos aqueles que me deram felicidade na Terra: o Sr. Milani, a esposa, D. Noélia e os amigos de lá, o Sr. Djalma [14›] e tantos que não posso citar os nomes para não cometer o erro involuntário de esquecer-me de alguém. Que Deus os abençoe e ajude na prática do bem!

Agradeço a presença dos amigos aguardando notícias, que eram companheiros das nossas recreações e da minha doença.[‹15›] A todos, eu quero reafirmar: ninguém morre, estou vivo!

Querida mãezinha, meu querido paizinho, é chegado o momento de encerrar esta, o que não significa interromper o nosso amor, nem a correspondência.

Com o tempo, eu hei de poder falar à mãezinha pelo pensamento, conforme me prometeu a mamãe Joanna, diminuindo assim, a nossa querida saudade.

Beijo a Hildinha, os seus corações dos melhores pai- zinhos do mundo, que souberam lutar ao lado do filhinho enfermo, sem desânimo, nem revolta.

Abraço, afetuosamente, todos os familiares, avós, tios, primos e todos aqueles amigos, que são parte do nosso lar. Silvinho também beija todos.

Até mais tarde, anjos do céu da minha vida, quando estaremos juntos na esfera dos sonhos, no reino do amor. O filhinho de sempre, sorridente e carinhoso,
Maninho**•'

Wilson Douglas Schech

IDENTIFICAÇÕES:

(1) — Dia 13 de abril, quarta-feira — Data da desencarnação de Wilson.

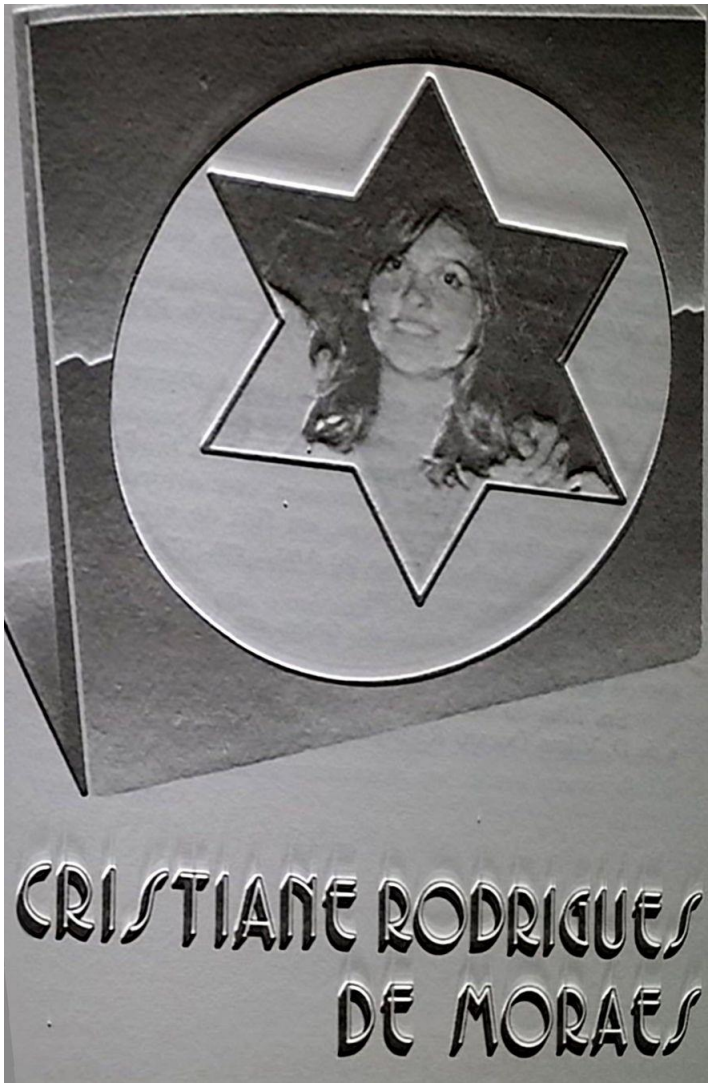
(2)— O fato aconteceu conforme confirmação dos pais.

(3)— Realmente, a família houvera chamado um sa
cerdote católico, que conversou com o enfermo.

(4) — Silvinho e Adriano — O primeiro, irmão de Wilson, e o segundo, seu amigo, que morreram soterrados, sob grande volume de areia e terra que os vitimou, no ano de 1978.

(**5**) — Em fevereiro — Mês em que a saúde de Wilson se desequilibrou e a família se inteirou do diagnóstico alarmante.
(**6**)— Essa informação foi confirmada.
(**7**)— Hino do Senhor do Bonfim — Sentindo aproxi
mar-se o momento final, o enfermo solicitou à mãezinha que cantasse essa música.
(**8**) — Hildinha — Irmã do missivista.
(**9**)— Esse detalhe era verdadeiró, consoante esclareci
mento dos pais.
(**10**)— Idem.
(**11**)— Padre Cacique de Barros — Emissário Espiritual
que moureja em Porto Alegre, de onde a família Schech procede.
(**12**)— Informação correta, segundo a família.
105
(**13**)— Joanna de Ângelis — Instrutora espiritual do
médium e abnegada servidora do Evangelho e do Espiritismo.
(**14**)— Pessoas amigas da família, que deram assistência
moral ao doentinho.
(**15**)— Esta informação, igualmente, é correta. Os pais,
imaginando que Wilson iria escrever-lhes, convidaram amigos que o conheciam e trouxeram-nos à reunião, sem que o médium tivesse conheci* mento.
(**16**)— Maninho — Nome pelo qual Wilson era chama do no lar.

Cristiane Rodrigues de Moraes



Cristiane Rodrigues de Moraes nasceu na cidade de Piracicaba (SP), em **28**/**01**/**1964**, tendo desencarnado, na cidade de Itambé (BA), em circunstâncias dolorosas, no dia **20**/**06**/**1980**.

De temperamento alegre e comunicativo, possuía um grande número de amigos.

Gostava bastante de escrever e usava diversos pseudônimos.

Foi eleita rainha da Primavera da E. E.P. G. Barão do Rio Branco, em Piracicaba. Outrossim, com a idade de **13** anos, foi escolhida pelas colegas, em fins do exercício de **1977**, como "A Melhor Amiga do Ano", em uma festa íntima, na qual recebeu um troféu.

De fácil comunicabilidade, tinha, em Vinícius de Moraes, o seu poeta escolhido.

Era filha do Sr. Luiz Bernardo Rodrigues de Moraes e de D. Vi Ima Ducatti Rodrigues de Moraes.

Divaldo Franco visitava Uberaba, no dia **28** de janeiro de **1983**, sexta-feira, quando participou da sessão pública do "Grupo Espírita da Prece".

Por duas vezes, no transcurso da larga reunião, o médium baiano foi convidado a usar a palavra, comentando o tema da noite.

Quando o médium Francisco Cândido Xavier veio da sala contígua, onde atende

as "orientações espirituais", por escrito, para a sala superlotada, já se iniciava a madrugada do sábado, dia **29**

Nas horas reservadas ao "Correio do Além", Chico e Divaldo psicografaram, com celeridade, diversas mensagens.

Dentre as que o médium baiano recebeu, selecionamos a carta de Cris, dirigida à sua mãezinha, que ali fora para comemorar a data da sua desencarnação, ocorrida no ano de **1980**.

Cris se comunicara por Chico Xavier diversas vezes, sendo esta a primeira mensagem que ditava através de Divaldo Franco.

Em carta dirigida ao médium, a mãe da comunicante assim se expressa:

Ao receber, por telefone em Alagoinhas, a notícia d< que Cristiane havia se comunicado com o senhor *através* da psicografia, em Uberaba, senti o coração pulsar forte, mais ainda pelas dúvidas que essa mensagem dissiparia.

Nesse dia **28** de janeiro eu me encontrava em Uberaba, já há uma semana, tentando uma vaga para falar com Chico Xavier. Depois de tudo confirmado que eu seria atendida, minha grande amiga D. Carmen H. dos Reis, veio a desencarnar. Senti-me deprimida e doente. Não mais consegui permanecer em Uberaba; isso eram ***11*** horas e eu seria chamada à fila de atendimento às **12** horas. Embarquei para a casa de meus pais e de lá voltei à Bahia, *já* arrependida do meu gesto. Tanta luta para lá chegar, e, no instante preciso, lá estava eu de volta à Alagoinhas, de mãos vazias, sem mensagem. O comentário era de que eu não ia sempre a Chico, e sim "criava" as mensagens e depois dizia serem de minha filha.

Hora bendita, eu ter vindo de volta de Uberaba e mesmo assim, Cris se comunicar através do senhor. Como a Espiritualidade trabalha certo! Não foi preciso eu ficar provando de um a um que eu não "inventava" as mensagens; Cris mesma, através de suas abnegadas mãos, achou a maneira certa.O mais interessante foi o senhor descrever como ela se apresentou: com *uma trança de um lado da cabeça, passada uma fita.* Esta foi a imagem que ela deixou numa última foto revelada após sua desencarnação. O senhor não havia visto essa foto. Para mim foi a melhor prova.

Minha filha vive, e assim qual ela, todos que partiram."Querida mãezinha Vilma,[a>]

abençoe sua filha.

Misturamos lágrimas e sorrisos nesta noite abençoada, agradecendo a Deus a felicidade do nosso amor indestrutível.

Há dezesseis janeiros, neste dia vinte e oito, em Piracicaba, [<2>] eu volvia aos seus braços amados, renascendo* para a breve experiência da qual o acidente com a arma de fogo [w*] me convidaria a mais acuradas meditações naquela sexta-feira, vinte de junho, há dois anos, sete meses e oito dias... [M*] A contagem do tempo da nossa separação física tem a finalidade de evocar as alegrias que temos fruído juntas após as saudades que nos dilaceraram nas primeiras horas.

Acompanhei-a, vindo para cá e meditando em nossa festa natalícia que você desejou comemorar neste santuário de amor, onde a nossa correspondência contínua nos tem falado de esperanças e de gratidão.

Não nos separamos. Sua Cris <s> continua crescendoi para Deus e tentando acompanhar a marcha do progresso com os olhos postos em nosso futuro luminoso, no qual incluímos o sempre querido pai Luiz j| e a nossa amada família.

Participamos dos júbilos do nosso Ageu S e das realizações do nosso Luiz Lourenço (8> e do nosso João,(9> sem que me esqueça da nossa querida Taciana,(,<> que você e o pai, num momento muito feliz colocaram em nosso lar para que ela se transformasse numa estrela, irradiando claridadè, quando ainda se demoravam algumas sombras teimosas de saudades. É que o coração de mãe pode ser comparado a um oceano de amor, onde cabem todos os anseios do mundo e nada consegue esvaziar... Nesse sentido, à medida que o tempo vem passando, você logra aumentar a nossa família graças ao afeto da nossa muito querida laia, m> que recolheu, na sua prole feliz o nosso delicado Daniel,(1»> enriquecendo o grupo da letra D com mais uma, anjo corporifi- cado. Refiro-me aos nossos Dener, Dione, Débora, Danilo e Dênio 1,31 que se tornaram o grupo jovial e alegre em nossa família aumentada. É por isso que não cesso de rogar à nossa devotada Albanize que lhe ofereça esse carinho de que ela é dotada, cooperando com você na escalada, monte acima, da redenção.

Mãezinha, você trouxe para a festa desta noite as presenças queridas do tetravô Lourenço,(í,4) da amada avó Olímpia,<15> que envolvem em carinho as avós Dulcina e Maria (16> sempre queridas que, comovidos e agradecidos a Deus, participam do bolo do amor que nos alimenta nesta festa de evocações e não mais de saudades, antes, de júbilos e emoções superiores com que a vida nos brinda.

Temos aprendido neste período de nossa aparente separação que não há distância e sempre que possível dialogamos pelo telefone do pensamento, sorrindo e planejando realizações que nos ampliarão o campo de felicidade.

Compreendo a posição do paizinho Luiz, homem íntegro e dedicado, que tem sabido compreender a vida e desin- cumbir-se das tarefas que lhe dizem respeito. Confio que ele alcançará as metas estabelecidas desde que jamais faltam o concurso e a misericórdia de Deus para os que trabalham e porfiam na retidão...

Hoje, mãezinha, conforme já lhe informei, vejo o drama das criancinhas esquecidas na Terra e tento cooperar com os Benfeitores Espirituais, a fim de minimizar-lhes a angústia e a solidão.

Descubro uma tão larga fatia de sofredores no organismo social da Terra, que me surpreendo em constatar como me fora possível, adolescente, passar distraída, sem dar-me conta da aflição que desfilava diante dos meus olhos!...

Acostumara-me nos meus sonhos e fantasias, amparada pelo carinho de uma família que se me devotava, a ver a dor no seu complexo movimento de corpos e almas, sem que nada fizesse por minorar tão dolorosa e lancinante situação. Agora

não. Mudou-se o campo e alterou-se a visão, com a oportunidade ditosa do trabalho.

Ajude-me, mãezinha querida, a espalhar esperanças e sorrisos, auxiliando, quanto nos esteja ao alcance, porque a madrugada começa em plena noite e a saúde se restaura a partir do momento em que o anjo do reequilíbrio se apóia no desajuste das células em desarmonia...

Este é o nosso santo momento de ajudar, que não podemos adiar. Você, que tem o coração transformado em uma de bondade, rica das moedas-ternura, espalhe o reconforto e a alegria, diminuindo a angústia de outras mães que sofrem a separação dos filhos amados... Vá, porém, adiante! Acenda a fé nas dúvidas de muitas criaturas aturdidas que naufragaram no mar da revolta e perderam o "endereço de Deus".

Os nossos Dr. Octávio e Olga (17) podem participar do nosso festival de serviço e a estimam muito, estando prontos a cooperar com você nas aspirações do seu sentimento.

Hoje temos, também, a presença do Sr. Laudelino,(ia) velho trabalhador espiritual de Alagoinhas, que a acompanhou até aqui e, por meu intermédio, saúda os familiares e amigos que lá mourejam na Seara de Jesus.

Quando possível alargue sua bondade ao "Lar de Mãe Helena",Mf sempre necessitado de braços e corações que se irmanem para o poema da caridade tomado em ação libertadora.

Mãezinha, cada dia que passa é mais uma claridade que reponta em nosso céu de ternura, aguardando o momento da plenitude, na Via-Láctea do amor de Deus.

Agradeço a sua dedicação, a larga viagem em expectativa e confiança, os seus sorrisos de esperança a respeito da nossa epístola de carinho e toda a festa de amor que você preparou para sua Cris, e eu recebi.

Beijo-a, ante as vitórias que você vem logrando e sin- to-mç feliz por ver a nossa Virna <M> liberada de qualquer trauma, decorrente daquele acontecimento passado...

Mãezinha Vilma, ficaríamos de mãos dadas a conversar e a olhar o luar que explode em prata, abençoando a noite... No entanto, toda festa tem o seu momento de encerramento, sendo que a comunhão de sentimentos que não cessa faz-se o nosso perene festival de felicidade.

Abraçando nossas queridas Albanize, Tereza, Paulinho, (21) Virna, envolvo em especial carinho todo o grupo *D* e osculo os nossos Taciana, Ageu, Luiz e João, suplicando a papai Luiz que envolva sua filha na luz da oração, a fim de que eu possa crescer para o Bem e vencer algumas pequenas dificuldades que o tempo lapidará.

Beijando-a, mãezinha Vilma, sou a sua Cris de sempre, dedicada e afetuosa, que não a esquece e sempre agradece a Deus a felicidade e a honra de haver estado com você e a nossa família por quase dezessete anos físicos.(W

Sua filha reconhecida, sempre afetuosa,

Cristiane

Cristiane Rodrigues de Moraes

IDENTIFICAÇÕES:

(1) — Vilma — D. Vilma Ducatti Rodrigues de Moraes — Mãe da missivista.

(2) — Há dezesseis janeiros, neste dia vinte e oito, em Piracicaba — Dados corretos.

(3) — Acidente com a arma de fogo — Forma pela qual Cristiane desencarnou.

(4) — Naquela sexta-feira, vinte de junho, há dois anos, sete meses e oito dias — citação exata.

(5) — Cris — Apelido familiar de Cristiane.

(6) — Pai Luiz — Sr. Luiz Bernardo Rodrigues de Mo raes — Genitor de Cris.

(7) — Ageu — Irmão adotivo.

(8) — Luiz Lourenço — Irmão de Cris.

(9) — João — Idem.

(10)— Taciana — Criança adotada pelos pais de Cris, após a sua desencarnação.

(11)— laia — D. Albanize, amiga de D. Vilma.

(12)— Daniel — Irmão gêmeo de Taciana que D. Alba nize adotou.

(13)— Dener, Dione, Débora, Danilo e Dênio — Filhos de D. Albanize.

(14)— Tetravô Lourenço — Trisavô materno desencar nado em 21/12/1914.

116.jc) — Avó Olímpia — Bisavó materna, desencarnada (em 21/01/1964.

.— Avós Dulcina e Maria — A primeira, avó materna, e a segunda, avó paterna.

/j7) -— Dr. Octávio e Olga — Médico e senhora, amigos de D. Vilma, residentes em Alagoinhas /j8) — Sr. Laudelino — Espírita convicto desencarnado na cidade de Alagoinhas.

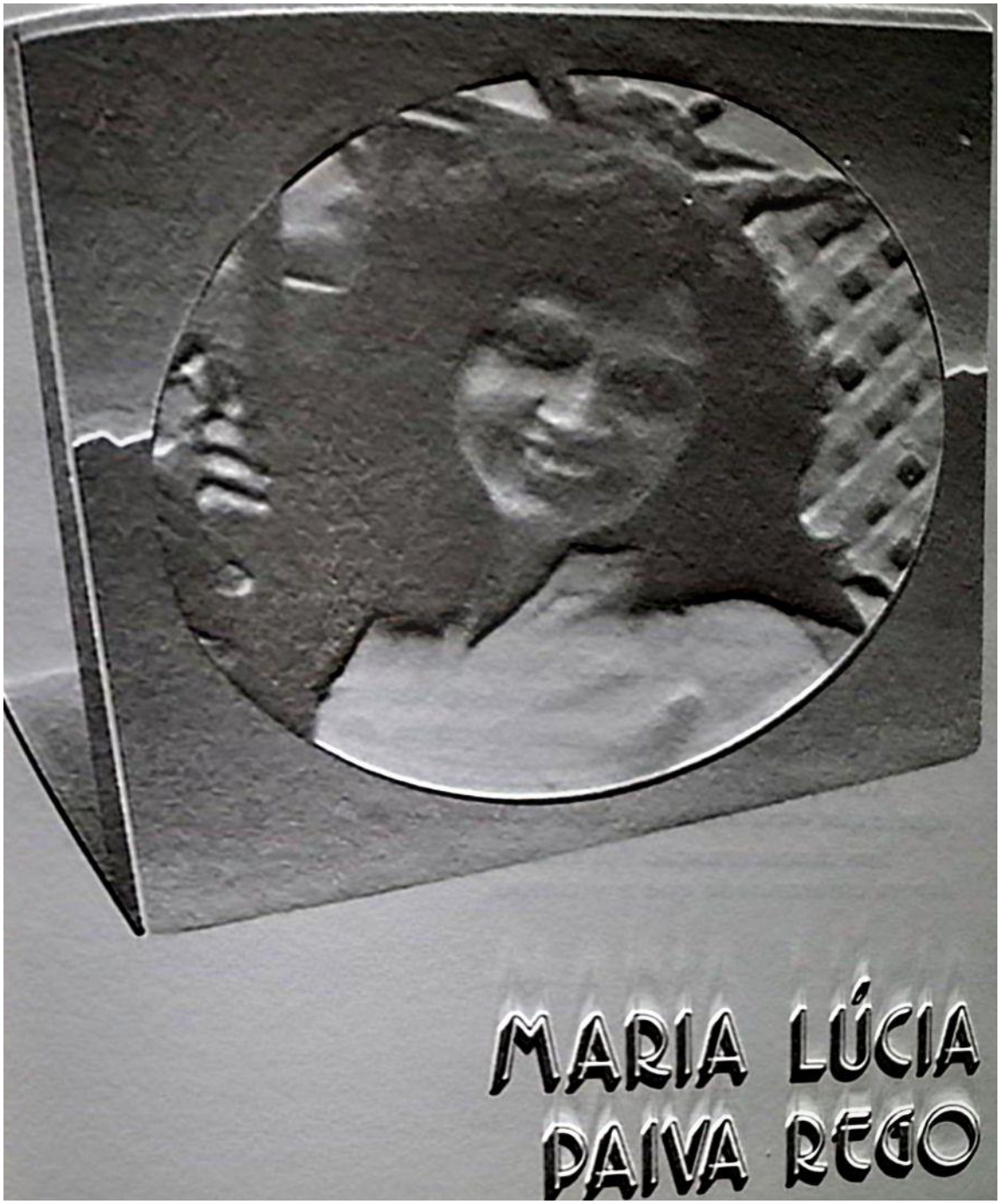
(19)— "Lar de Mãe Helena" — Obra de amparo ao me nor carente, na cidade de Alagoinhas.

(20)— Virna — Amiga de Cristiane.

(21)— Tereza, Paulinho — Amigos da família.

(22)— Quase dezessete anos físicos — Idade com que Cris desencarnou.

(23) — Cristiane — Cristiane Rodrigues de Moraes.



Maria Lúcia Paiva Rego nasceu no dia **04**/**07**/**1939**, em Belém (PA), desencarnado a **10**/**01**/**1982**, na cidade do Rio de Janeiro.

Filha do Dr. Raymundo Valle Paiva, médico pediatra e de D. Aracy de Vasconcellos Paiva, era casada com o Sr. Milton Juarez de Souza Rego, de cujo consórcio matrimonial nasceram Carlos Alberto, Paulo Sérgio e Luiz Marcelo.

De temperamento calmo e formação moral superior, deixou um grande círculo de amigos, confrangendo a todos a sua desencarnação por neoplasia maligna.

Aos cinco anos de idade já se preocupava com os mais necessitados, tendo o cuidado de conversar e mesmo alimentar os mendigos que batiam à porta da família.

Aos quinze anos comprometeu-se afetivamente com aquele que viria a ser seu esposo dois anos depois.

Sua desencarnação foi tranquila e resignada, apesar da áspera enfermidade que a vitimou.Na sua contínua peregrinação de expositor da Doutrina Espírita, Divaldo Franco tem pregado em Belém (PA), nos últimos vinte e três anos, sensibilizando corações e superlotando auditórios que são insuficientes para conter as multidões que o vão escutar.

No dia **13** de março de **1983**, o médium baiano recebeu a visita do casal Dr. e Sra. Raymundo Valle Paiva, na residência do Eng.º Jonas Barbosa, presidente da União Espírita Paraense.

Desolados com a desencarnação da filha Lucinha, procuraram o médium com a esperança de obter alguma notícia.

Comovido com o sofrimento do casal, Divaldo propôs que se lesse "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec e se fizesse uma oração, após o que psicografou a página, rica de beleza, conforme transcrevemos.

Sobre a Mensagem, que muito comoveu os pais e pessoas presentes, assim se expressou D. Aracy:

"... O melhor presente que recebemos do Pai Amantíssimo

" ... Quando me sinto angustiada, leio-a e me acalmo. "Poderei lhe dizer (a Divaldo) que a sua visita a Belém foi, para nós, uma coisa maravilhosa."Querida mãezinha Aracy, meu querido paizinho Ray- mundo, "*

rogo a Jesus que nos conforte com as suas bênçãos de paz.

Passa o tempo na distância física sem que a saudade diminua no continente da nossa alma. A morte chegou-me de mansinho e, subitamente, vi-me arrebatada a uma nova realidade, na qual não se apagavam as recordações do passado, nem diminuíam as expressões da afetividade.

Fui recebida pelo carinho do meu avô, que providenciou o meu internamento em uma colônia-parque-hospitalar, onde experimentei a bênção de uma convalescença restauradora para os equipamentos sutis do perispírito, afetados pela neoplasia maligna.

Graças a Deus, desde então, não me tem faltado o concurso de abnegados Amigos Espirituais que me trouxeram o apoio e o reconforto para a adaptação na Estância Nova, na qual me preparo para a reunião numa só família, ao lado daqueles que nos precederam na viagem de retomo à Pátria. ..

Acompanhei, pelos fios invisíveis do pensamento, as dores e as saudades que desabaram sobre o nosso lar, e não posso negar que foram muitas as horas vividas com as evocações dolorosas e as preocupações com os amores que ficaram na retaguarda carnal. Todavia, conhecendo a grandeza do seu afeto e a inigualável devoção ao amor com que vocês ambos sabem enriquecer os corações, eu me tranquilizava ante a segurança de que, logo mais, com a dádiva do tempo, tudo se regularizaria e a paz volveria aos nossos corações.

Todavia, na ampulheta das horas, a saudade marcou presença e as dores, se bem que aquietadas, ainda não passaram de todo, porque o amor possui o elixir de manter as lembranças e estimular as esperanças da felicidade que virá.

Perdoem sua filha, por não poder haver ficado por mais tempo ao seu lado. Razões que somente agora compreendo, determinaram o meu retomo, para o meu próprio benefício, e a enfermidade desgastante possuía raízes no perispírito de sombras, de onde todos emergimos na busca da luz que fulgura no Mais Alto.

Felizmente, a Divina Providência vem regularizando os problemas e as dificuldades vão encontrando equação dentro do esquema do Bem.

Ouço, mãezinha, o seu chamado e as suas interrogações dentro de mim, como o seu sentimento, indagando e ansioso. Não poucas vezes, procuro responder, conforme as minhas possibilidades, e já tivemos ocasião de conversar mentalmente, quando você se sente mais angustiada... (»

A vida são as experiências do dia-a-dia nem sempre agradáveis, mas que fazem o pano de fundo para a felicidade que nos está reservada.

Suavize a sua saudade na certeza do nosso reencontro, quando forem concluídas as suas abençoadas lutas.

Agradeço o vigor e a coragem do querido paizinho Raymundo, no seu sacerdócio médico e na sua realização moral enobrecida para com o nosso lar.

Acompanho o querido Milton e vejo, não raro, o amado companheiro taciturno, entristecido, preocupado, um tanto desligado, viajando sempre, para preencher o vazio da separação...

Compreendo seus conflitos íntimos e oro a Jesus suplicando-lhe conceder ao amado companheiro uma outra alma para o completar na trajetória terrena.

Ele é jovem e necessita de ternura, da presença de um coração afetuoso. Já que não tive merecimento para prosseguir ao seu lado, buscarei ser-lhe esposa-mãe, e a receberei na condição também de filha, que o possa ajudar e aos queridos filhos.

Sigo os passos do amado Luiz Marcelo [u» e rogo ao Senhor que o ilumine, auxiliando-o a superar as momentâneas dificuldades.

O estudo é um patrimônio que se incorpora ao Espírito e o ajuda na ascensão. É um dos mais preciosos dons da vida, que promove o homem e o arma de valores para a batalha da evolução. Confio que o filho amado compreenderá as justas preocupações de sua mãezinha que prossegue viva, embora a disjunção da carne, no silêncio da sepultura.

A vida é imortal e nada a consome ou destrói. Tenho estado ao lado do nosso amado Paulo Sérgioe procuro infundir-lhe ânimo e saúde, a fim de tornar-se forte para as lutas de ascensão, que lhe estão reservadas, com os olhos postos no futuro.

Anelo pelo momento em que o amado Carlos Alberto logre a conclusão do Curso, trazendo à nossa família mais um sacerdote na "arte de curar".

Envolvo os filhos queridos numa onda imensa de carinho, agradecendo-lhes a permanência no bem e orando para que descubram as reais finalidades da vida, a que se devem ater, porquanto o homem é a ação que desdobrará em favor do seu destino espiritual.

Agradeço à nossa querida irmã Berenice(7) o carinho para com todos nós, especialmente a assistência espiritual que tem dirigido ao nosso Marcelo...

Tenho acompanhado o mano e a nossa Vanda,(8) por quem tento uma comunicação, através das suas faculdades em desdobramento.(1)

Mãezinha, o querido avô, informa a você que se encontra com o tio Tabajara com quem tenho mantido abençoados contatos...

Tudo ficou para trás e agora só o amanhã interessa. Desejo abraçar o mano com o carinho de sempre, a Vandi- nha e todos os familiares.

Beijo os filhos queridos e rogo ao Milton, por intermédio desta carta, em que o coração se converte em letras que escorrem pelo lápis e se corporificam em sentimentos que as palavras não conseguem traduzir, que recupere a alegria e a paz, animando os filhos. Ele soube ser esposo fiel e diligente, cuja dfvida que tenho para com o seu amor é inesgotável.

Beijando-os, mãezinha Aracy e paizinho Raymundo, recordo-me da infância feliz em nossa casa e agradeço a Deus os pais extraordinários que vocês foram, os avós abnegados que são.

Com todo o carinho da alma reconhecida, a filha devotada, sempre rica de afetos e de sempre filha do coração, ;

Lucinha

Em. tempo: Já visitei, mãezinha, os amigos nossos Alberto e Batista,m* que se encontram em paz e amparados, enviando carinhos e saudades aos pais e familiares.

Deus nos abençoe, e até breve!

Lucinha

IDENTIFICAÇÕES:

(i) — Aracy e Raymundo — Pais da missivista desencarnada.

(2) — Conversar mentalmente — A referência .foi confirmada pela genitora.

(3) — Milton —-.Esposo de Lucinha.

(4) — Luiz Marcelo — Filho da comunicante.

(5) — Paulo Sérgio — Idem.

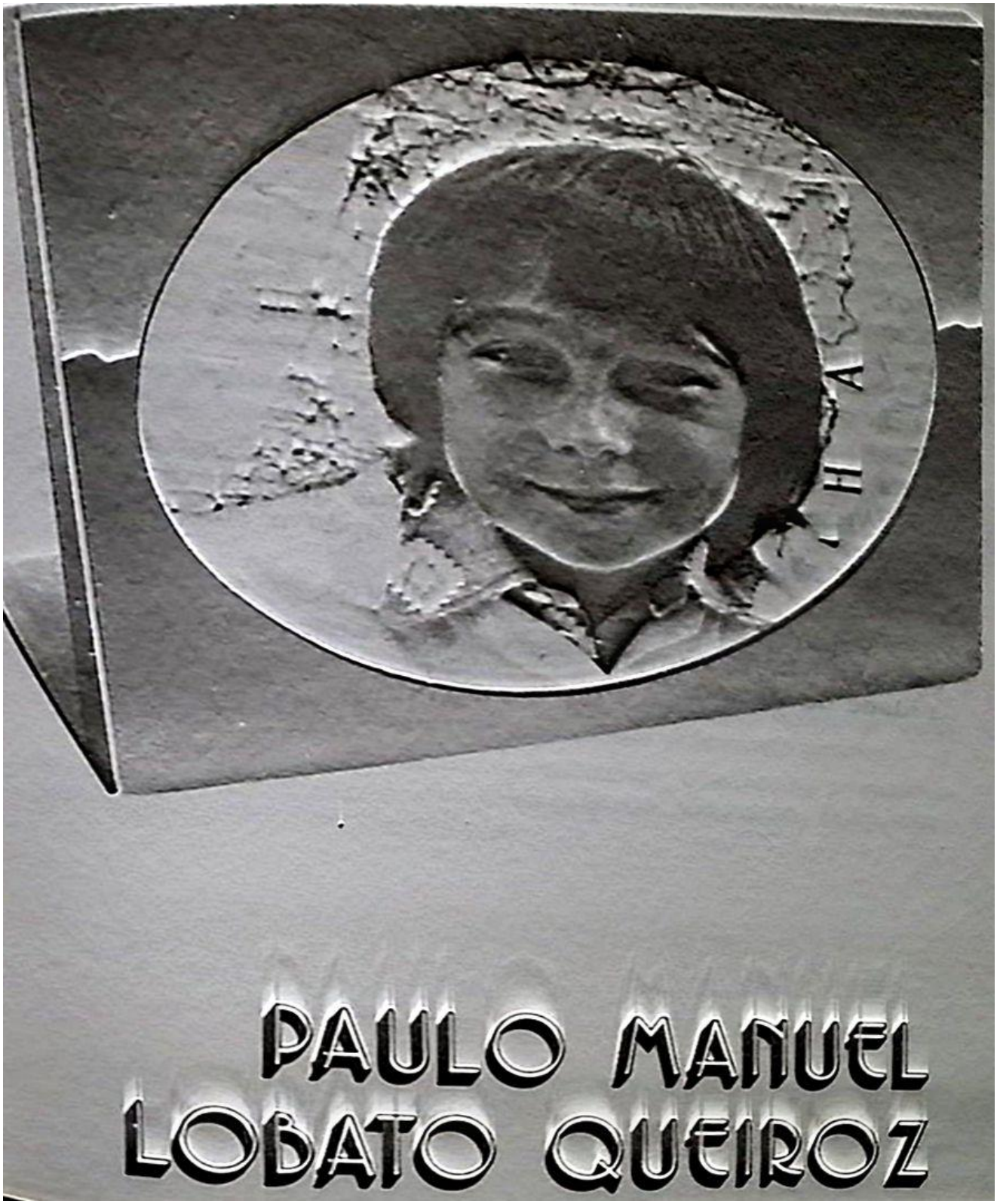
(6) — Carlos Alberto — Filho, estudante de Medicina. (Tfc — Berenice — Amiga da família.

(8) — Mano e Vanda — Irmão e cunhada de Lucinha. ,('9) — Tento uma comunicação — D. Vanda está em desenvolvimento mediúnico e registrava o pensamento da cunhada, receando expressá-lo.

(10)— Tio Tabajara — Irmão de D. Aracy.

(11)— Alberto e Batista —.Amigos da Família que desencarnaram pouco antes.

Paulo Manuel Lobato Queiroz



Paulo Manuel Lobato Queiroz nasceu no dia **30.03. 1961**, em Lisboa (Portugal),

mediante um parto prematuro, em razão da sua genitora haver sido vítima de eclâmpsia aos 7 meses de gravidez. Nasceu, porém, com deficiência de peso, que prontamente recuperou durante a estada em estufa por 2 meses.

Era filho do Sr. Antônio Luiz Leitão Queiroz e D. Ma- riana da Conceição Aires Lobato de Queiroz.

Alegre, comunicava-se com facilidade, conforme demonstra uma carta-mensagem dos seus mestres e colegas, que foi dirigida aos seus familiares após a sua desencarnação.

Veio a desencarnar no dia 29.10.1977, na cidade do Salvador (BA), vitimado por acidente automobilístico, com a idade de 16 anos.D. Mariana frequentava as reuniões mediúnicas e doutrinárias do Centro Espírita "Caminho da Redenção" e, desde que o filho Paulo desencarnara, anelava por obter uma sua comunicação direta.

Os Benfeitores Espirituais deram-lhe notícias alentado- ras, por diversas vezes, omitindo, porém, detalhes.

Somente quando transcorridos três anos e 9 meses após o óbito do jovem, foi que, inesperadamente, o médium Di- valdo Franco psicografou, quase ao encerramento dos trabalhos socorristas a desencarnados, a carta portadora das almejadas palavras do ser querido, diante da genitora emocionada.

Preparando-se para transferir residência para Portugal, conforme confessou depois, já se sentia inquieta ante a dificuldade, que então se faria maior, desde que, na cidade onde iria residir, desconhecia que pudesse contatar com algum médium de confiança para esse relevante mister.

Havendo-se, portanto, conduzido confiante e assídua no dever, recebeu o prêmio do esforço, viajando, feliz, enriquecida de novas esperanças.

Havendo sido interrogados os genitores de Paulo a respeito da mensagem psicografada por Divaldo, D. Mariana assim se expressou em largo documento:

"No dia em que ocorreu o acidente que o vitimou, notei-o triste durante toda a manhã em que saímos juntos, os dois, procurando um medicamento para sua irmã caçula, à altura com 6 anos, que se achava doente.

Pela tarde porém, ficou muito bem disposto, assistindo com seu pai, pela TV, ao jogo de futebol Portugal x Polônia.

Terminado o jogo, pai e filho brincaram, rolaram no chão abraçados e a alegria era tal que contagiou toda a família.

Na mensagem, a fls. 3 (do original a lápis), Paulo faz referência a essa alegria e também à sua tristeza e angústia que eu lhe registrara.

Quando pediu para sair no carro à sua festinha, seu pai não autorizou, alegando que noite de sábado tinha muito movimento na orla marítima da cidade e como teria que trabalhar, precisava fazê-lo tranquilamente e não ficar nessa preocupação. Vendo-o tão triste, acabei por convencer seu pai a autorizar que fosse e dei-lhe minhas recomendações e cuidados com o carro e o trânsito.

Saliento que esta festa já era para se ter realizado uma semana atrás, mas ficou adiada e Paulo, que não gostava de festas, nesta tinha todo o empenho em ir, motivo por que procurei ajudá-lo a que fosse.

Todas estas particularidades assinaladas, Divaldo de modo algum sabia a seu respeito. Motivo, portanto, inconfundível de identificação do seu autor espiritual.

Quando chegamos a nossa casa, após o Pronto Socorro nos ter dado a angustiosa notícia de que Paulo havia desencarnado. depois de termos eu e meu marido, posto a família (nossas filhas e meu irmão) a par do trágico acontecimento, unimo-nos para orar, buscando forças e ajuda para o nosso querido Paulo.

A partir desse momento e durante bastante tempo, com muita frequência e sem nada dizer a ninguém, eu me refugiava em meu quarto, procurava orar, concentrar-me nele e conversava, emitindo pensamentos e vibrações de paz. Pedia-lhe que confiasse em Deus e em todos os grandes amige» que o estavam rodeando e lhes seguisse à risca os conselhos. Não se preocupasse conosco. Estávamos bem, saudo«», mas, bem conformados e confiando que ele iria ficar bom, iria crescer e se todos merecêssemos, ele voltaria breve para nos rever. Que o amávamos e estávamos sempre com ele no pensamento e no coração.

Na página **13**, no início do parágrafo lê-se: **Ouvia o* seu pensamento" com um traço na palavra *ouvia.* Portanto, só nós dois sabíamos desses diálogos.

Na página **14**, referência ao nome do avô paterno e fala na data do falecimento de seu avô que nós mesmos desconhecíamos tendo apenas uma ideia aproximada (agosto de **1976**).

Q encontro entre Paulo e sua irmã Paula, Divaldo não esteya informado, mas Paula já nos havia posto a par de tão bela notícia.

Por fim a assinatura da Mensagem é a que Paulo habi- tualmente fazia em seus cadernos.

Ao iniciar-se a psicografia e enquanto a mão de Divaldo veloz corria por **26** páginas, transmitindo todo o anseio.

saudade, amor e até algum nervosismo do nosso querido Paulo, me senti invadida a um tempo só de uma imensa emoção, alegria, paz e profunda gratidão a Deus que após **4** anos de saudade, tão longos, em que'a dor se estilizou no coração, meu filhinho estava de volta e eu o via em minha imaginação lindo, crescido, iluminado, mas sempre e apesar de tudo *MEU FILHO,* o meu menino que a morte física não me arrebatou dos braços nem do coração."Querida Mãezinha Mariana,[1]

conceda-me a sua bênção, enriquecendo-me de júbilos, saudoso como me encontro.

Parece que o tempo se negava a atender a súplica muda dos nossos sentimentos, preenchendo o vazio da ausência física, quase levando-nos ao desespero...

Todavia, Deus sempre sabe o que é melhor para nós e deu-nos forças para que cicatrizassem as feridas, a fim de que a nossa carta caracterizasse o nosso júbilo, sem qualquer marca de amargura ou qualquer presença de desespero.

Agora posso fazer uma evocação tranquila dos acontecimentos do dia **29** de outubro de **1977**[2] Tudo transcorrera bem; havia alegria em nossa casa e eu aguardava a festinha com certa ansiedade e alguma melancolia, que teimava em sombrear as minhas emoções.

Você me emprestou o carro e, cuidadosa, fez:me as recomendações de sempre, do seu cuidado, da sua dedicação. Não sabíamos, então, que era a última vez, na Terra, que nos veríamos em corpo físico.[a]

Assim são as Soberanas Leis da Divindade, que organizam a vida e a conduzem.

Cheguei ao local onde encontrei os amigos e demorei- me pouco.

Tinha o coração opresso e não me interessei por ficar.

Saí, e fui em busca do carro para voltar para casa.

Ao fazer a travessia, a mão do destino armou a imprevidência do motorista do ônibus e fui colhido pelo choque violento. [4]

Não tive tempo de raciocinar. Tudo foi rápido demais, porquanto, após ser colhido pelo veículo, senti o baque surdo e fui acometido do desmaio, não sabendo o que realmente aconteceu.

Soube depois que fui transportado para atendimento médico, porém, sem qualquer resultado...

O sono pesado entorpeceu-me todo e nele eu tinha a impressão de ser visitado por pesadelos, sentindo algumas estranhas sensações...

Ao despertar, atordoado, deparei-me com o meu avô Antero Leitão Lobato [5] que me informou a respeito do acontecimento, esclarecendo que eu houvera falecido no acidente.

Não lhe posso expressar o que senti. Uma terrível angústia, que me parecia levar ao desespero, tomou-me com violência e chorei demoradamente.

Meu avô aconselhou-me resignação e coragem, animando-me para o futuro e recordando as orações que fazíamos em casa.

Lentamente, fui-me acalmando, refazendo-me, adormecendo, então, com serenidade.

Creio que dormi por quase uma semana, conforme os dias terrenos.

Despertei e dei-me conta que estava num Hospital, semelhante aos da Terra, onde se encontravam em tratamento diversos Espíritos recém-chegados do mundo, semelhantes a mim mesmo.

O meu avô Antero, sempre devotado, informou-me que se tratava de uma Casa de amparo a egressos portugueses de Angola, onde se reuniam enfermos em restabelecimento sob a tutela do Monsenhor Manuel Alves da Cunha, o venerando sacerdote da África portuguesa,[171] que tantos benefícios prestara aos irmãos das queridas terras angolanas. .

Com o suceder do tempo, vim a conhecê-lo e ouvi-lo dissertar sobre as responsablidades nossas em relação ao futuro, trabalhando, desde então, pela própria renovação e sabendo que a paz e o progresso são conquistas pessoais,

intransferíveis, que cada um terá que realizar a esforço e sacrifício sob as bênçãos de Jesus.

Recordava-me, Mãezinha, de você, com todo o carinho, do Pai Antônio Luiz, da Paula, da Carla, da Helena,"" da avó, e as lágrimas me escorriam dos olhos, pungentes, dolorosas.

Compreendi a necessidade do ânimo, mas a saudade é um ácido que queima o coração por dentro, diluindo as alegrias e embrulhando as esperanças em tecidos escuros de dor.

Ouvia o seu pensamento e a sua dor se cravava em mim como dor; as interrogações do Pai, silenciosas e amarguradas, sem compreender o sucedido, penetravam-me fundo, dilacerando-me ...

As saudades das irmãs feriam-me e eu não podia ficar indiferente a esse apelo da família, que me alcançava o íntimo.

Desejei, desesperadamente, voltar para falar-lhes a todos, no entanto, não era possível. Não me encontrava em condições emocionais.

Nesse ínterim, meu avô Lobato levou para que me visitasse o meu avô Antônio Queiroz, que viera para cá em agosto de **1976**,<ia> catorze meses antes.

O avozinho abraçou-me, afetuoso, e contou-me a sua luta para que a avó reconhecesse a necessidade de aceitar a realidade nova e corrigisse a forma mental de encarar a morte...

Fez-se-me um amigo devotado e os três passamos a conviver nos intervalos que as oportunidades nos ofereciam.

Inesperadamente, o avô Lobato me esclareceu que iríamos receber a visita da Paula, através do desdobramento pelo sono, a fim de obter informações e diminuir as saudades de todos nós.(11>

De fato, a irmãzinha veio trazida pelo Monsenhor Alves da Cunha e reencontramo-nos numa esfera de estranha felicidade, como você se recordará.

A partir daí iniciaram-se os contatos e foram-se amiudando, com o objetivo de diminuir, em casa, a dor, a ausência e a saudade maceradora.

Quatro anos de separação física se cumprirão em outubro, porém sempre juntos pelo amor, nunca estivemos distantes.

A morte é apenas uma súbita mudança de lugar vibratório, sem modificação profunda de comportamento.

O amor que alenta a vida é a grande vitória sobre o desgaste corporal de que a morte se encarrega.

Informado da sua viagem, bem como da família, para Portugal,'1S' vinha orando para que esta oportunidade acontecesse e eu lhe pudesse escrever esta carta de carinho, extensivamente à família, a fim de tranquilizar a todos vocês, que são os amores do meu coração.

Minha querida Mãezinha e meu querido Pai, rogo-lhes perdão por todas as dores que, involuntariamente, causei.

Ao sairmos de Nova Lisboa não podíamos imaginar que o corpo que me serviu de veste ficaria nas abençoadas terras do Brasil... Assim, porém, determinava a Justiça Divina.

Hoje, sei que este resgate nos estava reservado para o nosso crescimento espiritual.

Não levem mágoas da "Terra de Santa Cruz", que nos acolheu generosamente, onde choramos e rimos, na tentativa de edificar a felicidade plena.

Cumprem-se os desígnios superiores.

Não fora a minha primeira estada nas terras brasileiras, onde antes houvera cometido arbitrariedades, que agora eu regularizava sob o carinho de vocês todos.

Sigam animados e confiantes!

Rogo ao Pai abrir-se mais à luz da fé, arrancando antigos conceitos e impedimentos que o atam a estados negativos ou angustiosos...

Tudo recomeçar#. A primavera reverdecerá o campo do nosso intérmino amor e espero poder junto a vocês, colher as flores da perene alegria, que se transformarão em sóis no universo da nossa permanente ternura.

Mãezinha querida, chega a hora de encerrar esta carta, que, no entanto, jamais será um ponto final, mas sim, umas reticências do que prosseguirá esperando oportunidade para prosseguir.

Rogo às irmãzinhas Paula, Carla e Helena que continuem dóceis e dedicadas ao bem.

O amor, querida Paula, quando verdadeiro, vence os impedimentos.

Não viaje triste, nem preocupada. Vá adiante, em confiança quanto ao futuro e dê-se ao Bem.

Suplico ao Pai, à Mãe, que me abençoem, e, envolvendo as irmãs, as sempre queridas miúdas, na mais doce afeição, beija-os o filho dedicado e irmão de sempre, sempre reconhecido, em nome dos avós Antônio e Lobato, que os abraça,
Paulo

IDENTIFICAÇÕES:

(1) — Mariana — Genitora do missivista.

(2) — 29/10/1977 — Data da desencarnação de Paulo.

(3) — A genitora confirmou as referências.

(4) -r- Do ônibus — O acidente se deu com um ônibus.

(5)— Avô Antero Leitão Lobato — Nome correto do
avô materno.

(6)— Egressos portugueses de Angola — A família vi
vera antes em Nova Lisboa, Angola, transferindo-se para o Brasil, quando da revolução naquele país, em 1974.

(7) — Mons. Manuel Alves da Cunha — Sacerdote ˹por- tuguês e antropólogo, que viveu em Angola e foi um benfeitor do país.

(8)— Pai Antônio Luiz, da Paula, da Carla, da Helena

— Genitor e irmãs do desencarnado.
(9) — Avô Antônio Queiroz — Avô paterno.
(10) — Catorze meses antes, em agosto de 1976 — Deta lhe confirmado pela família.
(11) — De fato, a irmã, conforme afirmou, tivera o sonho na mensagem referida.
(12) — A família se transferiu, realmente, para Portugal.

Dr. José Náufel



Dr. José Náufel, preclaro Procurador da República, tio de Roberto, assim o biografa, sinteticamente:

"Roberto de Carvalho Branco Kaufmann nasceu no Rio de Janeiro, Capital, no dia 10 de novembro de 1954, sendo filho de Geraldo Kaufmann e Maria de Lourdes Carvalho Branco Kaufmann, tendo passado a maior parte de sua vida breve em Vila Isabel. Aí, fez o curso primário no Colégio João Lira (1962 a 1966), o ginasial no Colégio Estadual João Alfredo (1967 a 1970). Na Escola Técnica Federal, que cursou de 1971 a 1973, recebeu o diploma de. Técnico em Eletrônica, graduando-se, posteriormente (dez/ 78) em Engenharia Operacional Eletrônica, pela Universidade Santa Ursula. Fez, em seguida, Complementação Engenharia Eletrônica, na mesma Universidade. Fez inúmeros outros cursos, como o da língua inglesa até o 5.° ano do IBEU, curso de Rádio VHF, curso de Equipamento Carrier, curso básico de segurança do SENAI, curso de sonorização do Carro METRÔ etc. Participou de seminários em língua inglesa promovidos pela Hewlett-Packard,

Tektronix e Fluke sobre Instrumental para Laboratório. Trabalhou como Técnico de Eletrônica na CELF (Centrais Elétricas Fluminenses S. A.) e no METRÔRJ (Companhia do Metropolitano do Rio de Janeiro), onde foi admitido, em 13.03.78, na função de Assistente Técnico III, tendo sido reclassificado em fev/80 como Supervisor de Manutenção Especializada da Divisão de Eletrônica, passando, finalmente, a coordenador da Coordenadoria dos Laboratórios (COLAB) da Divisão de Eletrônica.

"Casou-se aos 21 anos, tendo nascido uma filhinha do consórcio, Cláudia. Apesar do seu temperamento afetivo e de ser muito caseiro, cedo começaram os desentendimentos conjugais, terminando em desquite, realizado em caráter amigável.

"Nas suas tentativas de recompor o lar, pouco antes do seu desenlace começou a relacionar-se com uma jovem, em cuja companhia se encontrava quando ocorreu o trágico evento que lhe arrebatou a vida. Tinham ido distrair-se e dançar um pouco numa "boite", na Barra da Tijuca, já no fim da noite de 31 de janeiro de 1981. Como o pé lhe doía, por ter arrancado uma unha numa topada acontecida na piscina, cerca das três horas da madrugada do dia l.° de fevereiro, retirou-se, com sua acompanhante, tomando seu carro, um Corcel II branco. O calor era escaldante e o pé continuava a doer. O sapato incomodava bastante. Descendo a Av. Semambetiba, ainda na Barra, marginando a praia, resolveu parar um pouco, próximo a uns "trailers", com o carro voltado para a praia, para obter algum alívio. Enxugou o suor abundante, resolvendo tirar a camisa. Em seguida, desamarrou o sapato, para tirá-lo. Lugar ermo, iluminação nula. A acompanhante do lado, no banco dianteiro do carro.

"Ainda agachado, tirándo o sapato, aproxima-se do seu um outro carro, pela traseira, lanternas e faróis apagados, completamente às escuras. A acompanhante, apercebendo-se da estranha aproximação pelo retrovisor, assusta-se e grita: — Roberto, estamos sendo assaltados!

"Rápido, ele acionou o motor do veículo, na tentativa de escapar.

"Ao dar a necessária marcha à ré, para retomar ao asfalto, bateu ligeiramente no carro agressor e arrancou.

"Perseguido, um pouco mais adiante, já no asfalto, um tiro de revólver, disparado do outro carro pela lateral direita, veio atingi-lo um pouco abaixo da axila, cravando-se- lhe no pulmão direito.

"Foge a outra viatura.

"A acompanhante, desorientada, consegue tomar a direção, o carro em pleno movimento, a velocidade aumentada pela pressão do pé inerte do motorista sobre o acelerador, logrando pará-lo muitos metros adiante.

"Alguns circunstantes prestam ajuda e o ferido é transportado para um hospital próximo, ainda na Barra.

"Os registros dizem que Roberto já havia falecido quando chegou lá. Não se

sabe ao certo, porém, se a informação ê correta.

"Depois da elaboração da ficha hospitalar, sua acompanhante, alegando grande nervosismo, retirou-se para se medicar num pronto-socorro da Zona Sul, o Miguel Couto. Uma prima dela avisou à mãe do jovem, que, desnorteada, ao saber que o filho sofrera um acidente, dirigiu-se com o marido para o hospital na Barra, onde veio a saber que o mesmo falecera.

"Não lhe permitiram ver o corpo.

"Pelo telefone, extremamente nervosa e angustiada, pediu o auxílio dos familiares, que acorreram ao local. A essa altura, já tomara conhecimento que o carro agressor era uma patrulhinha da Polícia Militar, com dois ocupantes, um deles autor do disparo fatal. Os soldados, inicialmente foragidos, declararam, posteriormente, haver um deles atirado por haver o carro de Roberto, "que estava em situação suspeita, arrancado, sem atendê-los". Esquecidos estavam, obviamente, de que o mais sagrado dos direitos é o direito à vida e que uma viatura policial não se pode apresentar em parte alguma, à noite, com as luzes apagadas e sorrateiramente como o fazem os bandidos..."

Divaldo Franco encontrava-se em Uberaba, e, naquela noite participava, ao lado do médium Francisco C. Xavier eoutros companheiros, da reunião hebdomadária do "Grupo Espírita da Prece''.

Entre as três mensagens que psicografou, uma delas veio assinada por Béco (Roberto de Carvalho Branco Kaufmann).

A respeito da mesma, assim escreveu á genitora do desencarnado. D. Lourdinha:

"Uma semana antes do doloroso evento de sua passagem (no sábado anterior), tendo tido um aborrecimento com pessoa ligada a ele, eu o aconselhei a não voltar ao assunto com ela, para não se aborrecer mais ainda, ao que ele me retrucou: "Ainda bem que estou mesmo para ir embora." Perguntei-lhe para onde. "— Você nem faz ideia, mãe, é para um lugar bem longe daqui." E mais não explicou.

No sábado em que ocorreu o trágico acontecimento, estávamos em casa de minha cunhada. Após o lanche, ela ofereceu sorvete. Ele não aceitou, explicando que "não tinha mais tempo, porquanto já estava atrasado para ir onde ia". Estranhei a resposta, tendo em vista que ele gostava imenso de sorvete e eu sabia que a sua saída era sem compromisso de hora. Chegamos até a comentar o fato. Ele se despediu, como sempre, com um beijo em cada um e não mais voltou. Para ser sincera, aliás, não sei por que o achei um tanto distante, não sei explicar como, eu o senti ausente, longe, apesar de o estar vendo ali.

Foram dias trágicos, dolorosos, sofridos, que passamos. Não fosse a presença do Plano Superior que nos "anestesiou" os sentidos (essa é a palavra certa) e o auxílio providencial e carinhoso dos familiares, não sei o que nos teria acontecido. Foram dias terríveis!

Tentativas de animar-nos, explicações sobre a vida após a vida, palavras de

conforto, passagens do Evangelho, tudo nos era explicado por Teresa, José e os sobrinhos, todos espíritas há alguns anos já. Mas, como explicar, como conformar-me com a falta de um filho! Foi quando Deus, na sua infinita misericórdia e amor de Pai, por intermédio dos mesmos familiares, nos falou em Divaldo. Divaldo Pereira Franco, o anjo bom, o lenitivo da nossa dor, a luarização dos nossos olhos, até então cegos por lágrimas de saudade e tristeza. E ele nos deu a primeira notícia do nosso filho: estava bem, tinha acordado e, tendo ficado angustiado, fizeram-no dormir novamente. Mas estava bem amparado pela avó Elisa e pelo bivô Kauf. Após cinco meses de tristeza, expectativa e angústia, esperançosos de outra notícia, fomos a Uberaba, levados também por Teresa e José.

Fomos com uma esperança muito grande, bem escondida no fundo do coração, de receber, quem sabe, alguma notícia do filho tão querido e tão ausente, além de assistirmos à solenidade programada.

Lá chegando, na madrugada de sexta-feira, Geraldo nos contou, muito emocionado, haver sonhado com Roberto. Ele o havia visto perfeitamente. O mais surpreendente, no entanto, é que Geraldo nunca havia sonhado, que se recordasse. Foi o seu primeiro sonho e, até hoje, o único.

Na noite desse mesmo dia, fomos à reunião do "Grupo Espírita da Prece". Sabíamos já que, nessa reunião, os médiuns receberiam mensagens dos desencarnados para seus familiares. Ah! meu Deus, quanta esperança, quanta ansiedade!

Sentados do lado de fora, a sala repleta, não se tendo como entrar no recinto da sessão, ouvíamos páginas do Evangelho. Lá por volta da meia-noite, aquela música suave, a esperança em tantos corações, começaram a ler as mensagens recebidas. Era mais ou menos uma hora, quando nosso nome foi lido numa mensagem do nosso filho. Divaldo, o anjo consolador que Deus nos enviara, o bálsamo de nossos corações sofridos, havia recebido uma mensagem com vinte e oito páginas do nosso anjo querido. O que senti na hora não sei descrever. Não entrei na sala, fui tangida para o seu interior; naquele instante nem sabia andar. Tentei olhar Geraldo, que estava sendo trazido pelas sobrinhas e o vi sem cor, sem palavras, só com as nossas lágrimas. Lágrimas de uma alegria imensa, de uma alegria dorida. Ali estavam as notícias, as palavras, o nosso filho!

Sentaram-me junto a Divaldo. Geraldo, de pé, ao lado, e começou a leitura da mensagem. À nossa frente, Chico Xavier, e, também como nós, as lágrimas lhe corriam dos olhos.

O que nós, os pais, sentimos ao receber uma mensagem do nosso filho, não sei dizer ao certo, não encontro palavras para explicar. É tão forte, é tão doce, é tão triste, é tão consolador, é tão alegre, é tudo, é a vida! Consolo, conforto, alento nessa dor imensa, alegria dolorida, gratidão por sermos filho de um Pai tão maravilhosamente bom, que nos permite ter irmãos generosos, de cujas mãos

missionárias recebemos as bênçãos do Altíssimo em forma de carta de um filho já materialmente ausente.

O nosso coração dói, dói muito pela falta do filho querido. A nossa mente não se pode quedar nessa ausência dolorosa para que não venhamos a ferir, a fazer sofrer o ente amado.

O nosso coração vive ferido, mas numa dor altamente amenizada pelas boas notícias dadas, caridosa e carinhosamente, por essa criatura que faço questão absoluta seja citada como a estou sentindo. Ê o missionário, o mensageiro de jesus junto a nós, os pais de Roberto, junto aos nossos corações magoados, feridos, sofridos, mas com a graça de Deus, envoltos no amor. na paciência e na compreensão do nosso irmão em Deus, Divaldo Pereira Franco.

Que ele continue sendo essa luz maravilhosa e possa, sempre e cada vez mais, ajudar as criaturas que, como nós, perderam nesta vida a própria vida, um filho, um ente muito amado, gerado e criado em nossos corações de pais e têm o consolo, o conforto, a alegria de receber, por suas mãos, as notícias daquele ser querido que já pertence à Pátria Espiritual!

A nossa eterna gratidão a você, Divaldo, bom amigo, querido irmão.**

Querida Mamãe Lourdinha, meu querido Papai Ge- feldo,[u>]

abraço-os nas bênçãos de Nosso Senhor Jesus Cristo, rogando-Lhe paz para os nossos corações.

Bem sei que não tem sido fácil a sua marcha nestes meses de saudades e recordações doridas.

Venho rogar-lhes que me perdoem todas as dores que, inadvertidamente causei, com o meu inesperado retomo para cá.

e Sempre acreditei que os meus dias, na Terra, seriam curtos.

Sentia necessidade de acompanhar com velocidade os ponteiros do relógio e algo me anunciava no imo do ser que me não, demoraria por largos anos. . . [<s>]

Não obstante, não esperava retomar nas circunstâncias em que ocorreu a minha saída do corpo.

Como nos recordamos, queridos, a vida com as suas ^rpresas ,esperava-me na Barra, na madrugada de J.° de ^fevereiro.[<s'] que prenunciava um dia quente em nossa Rio de Janeiro tropical.

Fora dar apenas uma esticada a mais, na noite, quan- doa determinação da vida acolheu-me.

* Confesso que fui tomado de assalto ante o acontecimento e até agora é-me difícil ainda coordenar todas as lembranças

... Olhei para trás e, antes mesmo de qualquer atitude defensiva, senti a bala de fogo penetrar-me.

O grito morreu-me na garganta paralisada e, imediatamente, através de um caleidoscópio mágico recordei-me de vocês, da Claudinha.[4>]

Tive uma sensação de desmaio em que as impressões da dor permaneceram

vivas.

Senti-me ser transportado para o hospital e recordo-me de que lutava com as forças que se esvaíam para sobreviver.

Parecia um pesadelo horrendo que me assaltara.

Não podia imaginar que estivesse a morrer.

Despertava, para novamente cair na prostração por tempo que parecia infinito, não obstante, nunca excedesse a poucos minutos.. .

Depois, sim, caí num sono pesado e cheio de inquietações.

Não posso atinar o tempo que transcorreu. Quanto me lembro, é que despertei acarinhado pela vovó Elisa[151] que me confortava com enternecimento, falando-me da necessidade de repouso e equilíbrio.

Fui tomado, então, de infinita tristeza, repassando os momentos que já não voltariam e que eu não soubera valorizar decisivamente enquanto no corpo.

Fiz uma avaliação de dados, como matemático (G) que fora, e constatei que muito poderia haver produzido a benefício próprio, malbaratando oportunidades preciosas.

Jovem, a vida abrira-me as portas para as sensações e os sucessos comuns sem que eu me permitisse melhor aprofundar nos problemas da fé que, afinal, nunca foram muito atuantes em nossa casa querida.

Chorei copiosamente e senti o seu desespero, Mãezinha querida, a dor profunda do Papai.

Suas aflições comburiam-me, porque, de alguma forma, eu me sentia responsável pelas dores que lhes causava, embora inconscientemente.

O meu bivô Kaufmann ‹7› ofereceu-me o seu apoio e sua experiência, auxiliando-me, com a vovó Elisa no transe mais' rude.

A mente em fogo e a dor no peito sempre me surpreendiam, quando fui orientado a acalmar-me, a fim de submeter-me ao competente tratamento para futura recuperação.

A morte não produz mágica de natureza alguma.

Morrer é somente perder o corpo, mesmo isto não se aplica em todos os casos, desde que há aqueles que se conservam imanados aos despojos carnais, após o fenômeno da decomposição cadavérica...

Fui convidado a ajustar-me à vida nova, aprender as lições da realidade que me cerca e a mudar os conceitos que trouxera da Terra...

Nesse tempo, comecei a receber o seu pensamento, orientado pela Dindinha Maria Teresa e pela palavra segura e prudente do Padrinho José *[8]\

A sua ansiedade por notícias, Mãezinha, tocava-me profundamente e eu anelava por dizer-lhe que não há morte que rompa os laços de amor entre filhos e pais, entre aqueles que se querem...

As vinculações com a ternura materna são verdadeiras linhas de força que nos sustentam onde quer que estejamos, superando distâncias e circunstâncias...

Para este cometimento, o de escrever-lhes esta carta, estou seriamente conduzido por abnegada Benfeitora Espiritual ‹9› afeita a este mecanismo transcendental.

Não desejo deixar-lhes impressões negativas, mas anelo por agradecer-lhes o perdão que ofereceram àqueles que foram instrumento, sem darem-se conta, dos altos desígnios de Deus.

O perdão é sempre a luz que brilha adiante apontando o rumo.

Nada mais poderia ser feito e qualquer tentativa de desforço redundaria em sofrimentos maiores para todos nós.

A vida é muito severa nos seus códigos de soberana justiça dos quais ninguém se evade impunemente. Esquecer o mal a fim de agasalhar o bem é compromisso nosso, atestando a nossa real transformação.

É certo que as saudades, às vezes, são duras, quase insuportáveis.

Apesar disso, temos a esperança do reencontro próximo, quando vocês concluírem os seus compromissos na Terra e pudermos reconstituir o nosso lar venturoso.

Rogo-lhes paciência com a nossa Marisa ᵘᵒ' e suplico-lhes que prossigam amparando a nossa Claudinha, auxiliando-a no crescimento para a vida e para um futuro de felicidade.

Muitas vezes ser-lhes-á necessário o silêncio imposto pelas circunstâncias, de modo a permanecer a paz.

... No meu problema de viagem ninguém tem culpa... li

Aconteceram os fatos para o meu próprio progresso espiritual.

Agora, acompanho Papai com novos rumos mentais, observando a realidade espiritual em nova angulação fora do materialismo.

Você abre-se à caridade e dedica-se ao bem do próximo, constituindo-me verdadeira bênção, que não sei como agradecer a Deus.

Rogo-lhes, amados de sempre, que preencham as minhas saudades, minimizando a dor do próximo e auxiliando o bem em toda parte.

. As criancinhas em desvalimento e os velhinhos em abandono, os enfermos em desolação e.os necessitados em esquecimento são a nossa oportunidade redentora, através da qual cresceremos para o futuro.

, .Vivam em clima de esperança, cultivando o amor e amparando a alegria no coração.

•• O dia sempre vence a noite, por mais demorada esta se apresente.

Assim, a madrugada da vida sempre suplanta a densa treva da sepultura. t?7'0 nosso amor jamais terá adeus.

Agradeço à Dindinha, ao Padrinho que os convidaram a vir aqui e acompanhei todas as suas inquietações e expectativas que colimam, nesta noite, com o nosso reencontro através do lápis, nesta carta de amor, que o muito amor do meu coração me turba o cérebro e não consigo externar com a clareza necessária.

Abraço Elisa,as meninas é os meninos, rogando a estes últimos qúe encarem o problema dos estudos com seriedade e rigor, penetrando o campo do conhecimento e preparando-se para o futuro.

Estou informado que logo me seja facultada a recuperação, iniciarei aqui um curso de especialização na Engenharia <w> com os olhos postos no futuro...

Dizem-me que é chegado o momento de colocar o ponto final, que, todavia, transformo em reticências na linguagem do coração.

Abraço-os, Papai querido e Mamãezinha Lourdinha, como antigamente, em nossas formosas horas de folguedos, beijando Claudinha, a filha sempre amada, e todos que os acompanharam, de nossa família, com o mesmo júbilo e ternura de sempre.

Continuemos orando.

A prece é bálsamo que verte do coração de quem pede, penetrando a alma de quem recebe.

£ luz estelar que se adentra na alma e não esmaece nunca.

Com infinito amor, seu filho de sempre, sempre devotado que a beija, mamãe e o quer muito, papai,

Béco

Roberto de Carvalho Branco Kaufmann

IDENTIFICAÇÕES:

(i) — Mamãe Lourdinha, meu querido Papai Geraldo — Genitores de Roberto.

(2) — Os pais confirmaram essa luta que o jovem trava va "contra o relógio'*.

(3) — 1.° de fevereiro — Madrugada do infaustoso acon tecimento.

(4) — Claudinha — Filha do missivista.

(5) — Vovó Elisa — Mãe de D. Lourdinha e avó de Roberto.

(6) — Matemático que fora — Em verdade era um estudioso da matemática, em face da sua profissão. (7) — Bivô Kaufmann — Avô do Sr. Geraldo, pai do comunicante.

(8) — Dindinha Maria Teresa... Padrinho José — Tios e padrinhos do desencarnado.

(9) — Benfeitora Espiritual — Refere-se à Mentora Joan- na de Ângelis.

(10) — Marisa — A esposa, de quem se desquitara.

(11) — Ninguém tem culpa — Aqui está a afirmação das leis de "causa e efeito". É certo que as mesmas não necessitam de outras criaturas para que os resgates se operem...

(12) — Elisa — Prima de Roberto, que tem o mesmo nome da avó.

(13) — Na Engenharia — A sua era a especialidade no ramo da Eletrônica.

Cinco meses depois, estando Divaldo Franco no Rio, no dia 30 de dezembro do mesmo ano de 1981, foi convidado a participar do Culto Evangélico na residência

do Dr. e Sra. José Náufel, quando então, por orientação dos Mentores, psicografou a **2*** mensagem de Roberto, que transcrevemos, a seguir:

Querida Mamãe Lourdinha, meu querido Papai,

abençoe-nos Jesus, o Divino Dispensador de Misericórdias.

O relógio do tempo continua desfilando o milagre das horas, sem que logre asfixiar com o anestésico do esquecimento as fortes saudades a que nos dedicamos.

Sucedem-se os dias, num caleidoscópio de recordações lubrificadas pela magia do amor, facultando-nos não desco- roçoar na luta da nossa redenção.

O ontem parece-nos distante, muito embora esteja assinalado pelas próximas memórias do nosso profundo querer.

Releio o livro das lembranças e os encontro em cada passo, agigantados na paisagem dos meus breves anos de romagem terrena.

Lamento não haver sabido valorizar decisivamente, como muitos ainda o fazem, a felicidades da nossa convivência.

O corpo é semelhante a um escafandro que, não obstante nos proteja e faculte descer às baixas pressões submarinas, por outro lado, obstaculiza a rápida movimentação...

Também a matéria bloqueia o discernimento, enquanto ajuda o mergulho do ser espiritual na atmosfera terrestre.

Em razão disso, o Espírito perde alguns contatos com a esfera donde procede, não sabendo ou não querendo aproveitar com a sabedoria legítima, as oportunidades que lhe surgem na jornada humana.

Hoje vejo muito diferente a vida e alegro-me por constatar que a dor selvagem, que nos separou fisicamente é a abençoada mestra que os conduz ao entendimento da vida sob novos prismas, preparando-os para esta realidade da qual ninguém se furtará. . .

Avalio, sem dúvida, o que significa a ausência orgânica de a quem se ama, por examinar o que comigo próprio ocorre.

Nem sempre me é lícito estar com vocês, por mais o deseje, e isto significa-me um fardo de dor, especialmente quando lhes noto os panos da saudade sombreando a claridade dos seus momentos.

Gostaria, sim, de dispor de mais amplos tesouros morais e espirituais, a fim de ofertá-los a vocês, modificando o curso das doridas ocorrências.

[s] Fui, no entanto, no corpo, um homem comum, sem haver vivido os rasgos heróicos ou os sacrifícios da santificação.

Quase mendigo, aqui aportei de surpresa, assinalado pela ansiedade e pela aflição.

£ verdade, que hoje me encontro refeito, com disposição para futuros empreendimentos que me propiciarão dádivas superiores e felicidade sem mesclas, com a qual, repartida, todos estaremos ditosos, sem mais as sombras da aflição,

nem da distância ou da morte.

Iniciei, há pouco, uma etapa nova, para o meu, o nosso futuro espiritual: estudo em uma, semelhante às da Terra, Universidade com programação de alta matemática concep- cionista para ser aplicada no futuro da Humanidade, seja nas viagens espaciais ou se dê a necessidade na programática terrena. Alegro-me com isto e renovo-me, estabelecendo novas metas com que me enobreço e apago das reminiscências os clichês menos felizes, trazidos do mundo.

Temos estado juntos, não apenas no contato psíquico em conversação intuitiva, tanto quanto nos reencontros contínuos, na esfera dos sonhos...

Tal procedimento reconforta-nos, encorajando-nos para superar as vicissitudes e as provações.

A vovó Elisa, esse anjo benfeitor de nossa família, prossegue a força e a segurança do meu encaminhamento no *país de cá.*

O bivô Kaufmann tem-me facultado viver experiências novas, muito produtivas, com que me enriqueço, em espírito, cada dia, a todo momento.

Tenho visitado, também, a Marisa e comovo-me com o carinho com que vocês prosseguem envolvendo a Claudinha.

Rogo a Deus para que a Marisa seja feliz e a Claudinha logre um futuro radioso, onde a esperança e a paz, sejam os lugares comuns da sua edificação espiritual.

Quanto possível, querida Mamãe, coloque-lhe no terno coração, as sementes do amor a Deus, ensinando-a a cultivar a luz da fé, que é um farol colocado nos recifes do oceano da vida, apontando perigos

Planejei escrever-lhes no dia **10** de novembro passado, ?| por motivos compreensíveis...

Neste Natal, participamos em saudade, a primeira Festa sem o corpo, não obstante mais unidos do que antes, do que nunca...

Tudo quanto vocês, meus queridos, têm feito em memória de mim, e em favor do próximo constitui-me bênção,

') — 10 de novembro passado — Data aniversária de Roberto.

estrela que brilha no céu das minhas atuais conquistas espirituais.

Muito agradeço à Dindinha Teresa e ao Padrinho José esse permanente carinho que me constitui razão de felicidade, tanto quanto me comovo ante os triunfos que os primos vém fazendo, as conquistas morais e culturais que constituem a riqueza que os "ladrões não roubam" nem as "traças roem"...

Aqui tenho ouvido conferências iluminativas, ávido que me encontro de informações e diretrizes corretas, de segurança, absorvendo a filosofia clara da realidade sem embustes nem adornos.

Quanto me são facultadas as circunstâncias sinto-me feliz, já adaptado ao novo-antigo ***habitat***, sem que, com esta atitude mental, esteja sem experimentar as injunções da saudade, as preocupações do carinho e as necessidades da evolução, de vê-los felizes.

Rogo ao Papai acautelar-se, preservando a sua saúde, preciosa para todos nós e peço à Mamãe prosseguir de ânimo robusto, sem desfalecimento nem dor.

... Ainda seremos muito ditosos e este pensamento nos deve sustentar nas horas mais ásperas.

À medida que se vai este Ano de dor-bênção, anuncia-se o Ano-alegria da nossa recuperação, que deveremos saudar com júbilos.

Pelos fios invisíveis da oração, nosso interfone permanente de comunicação com o Pai, estaremos em comunhão.

Abraço todos os amados familiares, ora reunidos em nosso lar, neste momento de graves emoções, reconhecido aos meninos a afetividade espontânea, à nossa sempre querida Elisa, aos padrinhos queridos pela perseverança e fé luminosa no Ideal Espírita que abraçam.Rogo bênçãos a Deus para a Claudinha e, emocionado, profundamente comovido, beijo-a amada Mãezinha e a você, Papai, reconhecido por tudo e por sempre.

If Fechando esta carta de ternura com o selo do amor e grafando o envelope com as letras da mais pura emoção, o familiar de todos e o filho de sempre e sempre,

*Béco*Novamente, estando no Rio, na temporada de conferências que realiza, anualmente, Divaldo voltou ao Culto Evangélico do Lar, na residência do Dr. e Sra. José Náufel, a convite dos mesmos, na noite de 20.11.82, em cuja oportunidade, porque também estivessem os pais de Roberto, este ditou, psicograficamente, a 3.ª mensagem que, pelo seu oportuno e atual conteúdo, temos a satisfação de transcrever:Minha querida Mamãe,

meu querido Papai,

rogo a Jesus que nos conceda as Suas bênçãos, a fim de caminharmos com segurança na trilha do progresso.

Debruço-me na janela da saudade e recordo...

Passaram os dias, os anos da infância e da juventude, no rio do tempo, sem que se afogassem as dúlcidas lembranças, que agora me constituem emulação para as lutas da conquista interior.

A paisagem, em se alterando no campo das formas, de maneira alguma se modificou realmente.

Ainda sob este aspecto, neste período de aparente separação, tudo são evocações que me sensibilizam e consolam ao mesmo tempo.

Vejo-os, espiritualmente crescidos e amadurecidos, com uma visão real da vida, meditando nas finalidades básicas do existir corporal, deixando para trás mágoas e ilusões diante da realidade legítima em que ora nos encontramos.

Neste epicentro de recordações, perpasso, pela memória, a quarta-feira, dia 10 último, quando vocês me evocaram o aniversário e não se puderam furtar à soma de lembranças .. Recebi, meus queridos, todos os mimos e orações, as dádivas com que enriquecem, de oportunidade, a

(•) — Os pais de Roberto confirmaram esta referência, sensibilizados.

Infância mais carenciada, constituindo-me isso, felicidade ímpar.

Como poderíamos imaginar, em tempo, tão breve em dimensão e tão largo em ausência física, todas estas modificações que ocorreram em nosso lar, em nós?!. . .

Tudo passa num caleidoscópio de ternura e os meus **28** anos não têm passado em vão.

Consigo compreender a grandeza da vida e engajo-me nela, conforme o momento atual, que não me faculta qualquer hesitação.

Vocês são os pais valiosos, que hoje reconheço, os mais preciosos do mundo, e orgulho-me, neste orgulho-gratidão a Deus, por ter sido abençoado com a oportunidade de haver sido seu filho.

Vocês me honraram com a dádiva de um corpo sadio, preparado para uma existência sem apuros orgânicos. As Leis, porém, haviam planejado que eu não poderia fruir de uma existência física mais larga, em decorrência de compromissos antigos que me cumpria ressarcir e nos quais todos nos encontrávamos comprometidos.

Agora posso repassar, com real serenidade, os acontecimentos e sucessos, e chego a agradecer ao Pai por ter sido eu a vítima. Situação agradável e feliz a daquele que se encontra na condição de recuperação, porquanto, quem se toma vitimado, eleva-se, em detrimento daquele que se lhe faz verdugo.

Hoje posso considerar-me integrado numa equipe valiosa de aprendizes das ciências do porvir, aprofundando observações e treinamento na Eletrônica e suas várias ramificações técnicas com os olhos postos no futuro.

(*) — Idade que ele teria completado, caso houvesse permanecido no corpo físico.

A comunidade em que me encontro é feliz, fazendo recordar um *campus* universitário, onde jovens e adultos confraternizam em clima de superior afinidade.

É certo que não me considero um Espírito feliz, por enquanto, em razão de muitos enganos que me pesam sobre a consciência, de priscas eras, que deverei amortizar na sucessão das vidas corporais. No entanto, não posso negar que conheço o sabor da alegria e a dádiva da felicidade relativa.

Estivessem vocês aqui, queridos meus, convivêssemos com a nossa família gentil, participasse a filhinha amada deste convívio e eu me poderia considerar pleno, ditoso...

Porque isso ainda não ocorre, laboro, esforço-me, busco crescer a fim de, um dia, podermos gozar da paz e da plenitude que aqui posso antever e que confio, iremos encontrar.

Igualmente participo de equipes socorristas a jovens recém-desencamados, trabalhando com eles na fase mais grave do desenlace...

Neste campo de ação, tenho encontrado tarefeiros muito abnegados e almas elevadas que nos ensinam, em silêncio, renúncia e dedicação inimaginável pela mente corporificada na Terra...

Ninguém jomadeia, no mundo, ou em parte alguma, a sós. Há um intercâmbio em

frequência acelerada, de acordo com a aptidão interior de cada um e com a onda vibratória em que sedia as aspirações e os problemas...
Tenho-me informado, em aulas especiais e conferências, sobre a doutrina cristã e comovo-me como dantes jamais poderia imaginar, em considerando a grandeza do Cristo histórico, do Cristo — Autor da vida terrestre, da Revelação Espírita, que O traz ao campo da ciência, mediante a iniludível linguagem dos fatos probantes da imortalidade, da tessitura dos mecanismos da vida biológica, numa configuração de psicossoma, soma e energia ou Espírito, numa fusão perfeita de campos vibratórios que se interpenetram, sustentando-se e liberando parcialmente um elemento, sem desagregação, o que somente ocorre quando se dá o fenômeno da morte e, ainda aí, em linguagem de transformação de moléculas e não de aniquilamento de massa. . .

Minha querida mamãe Lourdinha, eu a beijo emocionado pelo que você tem sido e pelo em que se tem transformado sob a luminescência da fé religiosa.

Reencontro-a, nos clichês mentais e não posso sopitar o riso. Você é sempre especial, em tudo, sempre querida.

Hoje, como ontem, a televisão é o seu desafio. .. Sono e lucidez, película e cochilo fazem parte da sua noite de recreação. . . Visitando-a, várias vezes, encontro-a como no passado, liberada das imagens televisivas, ***sonhando*** com o seu filho, que igualmente ***sonha*** com você. ***

Meu querido Papai, como agora nos compreendemos e 1 nos completamos!. . .

Agradeço-lhe o caráter nobre, a conduta digna, a capacidade de trabalho, as reminiscências. . .

Também agradeço à Dindinha Teresa pelos recados que tem sabido receber e melhor transmitir, sempre vigilante e devotada.

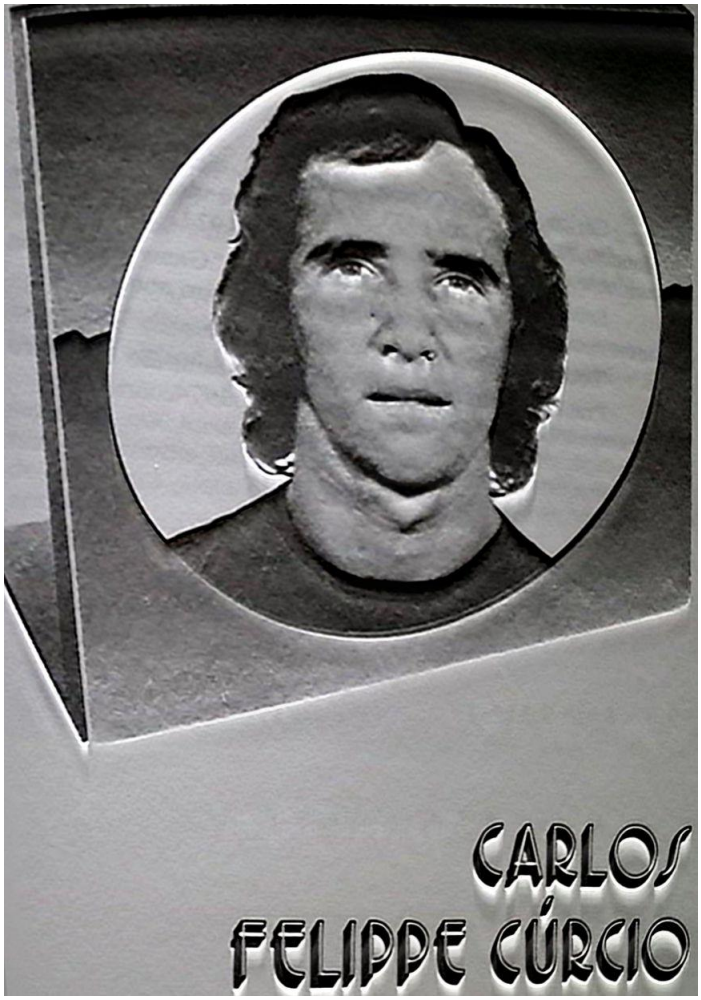
Beijo-a, muito comovido, o que também faço ao Padrinho José, abraçando os primos sempre queridos.

Beijo, enternecido, a Claudinha e lhe agradeço, querida Mamãe, a forma gentil e delicada com que você tem mantido os nossos vínculos, sem área de atrito. As suas orientações, a pouco e pouco, vão sendo consideradas e produzirão os frutos que desejamos, na oportunidade própria.

A querida " Vó" Elisa, que me ampara, carinhosa, roga bênçãos a Deus para todos, o que também faz o Bivô Kauf- mann, envolvendo-os em vibrações de paz.

Com o íntimo enriquecido de júbilos e gratidão, beija-os, mamãe querida e querido papai, sempre devotado e comovido, o filho de sempre, sempre agradecido,
Béco
(2) — Detalhe igual menle confirmado pelos pais.

Carlos Felippe Cúrcio



Carlos Felippe Cúrcio, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia **03**/**10**/**1953**, aí desencarnando, vitimado por acidente automobilístico, no dia **16**/**12**/**1974**.

Estudava Engenharia, na Faculdade "Gama Filho", na mesma cidade e havia passado para o terceiro ano.

Tocava violão, era alegre e desinibido.

Praticava *Karatê,* havendo sido vice-campeão brasileiro e campeão individual carioca do ano de **1974**.Oportunamente, no Culto Evangélico do Lar, do casal Sr. Nicolau e D. Lourdes Saad, na noite de **04**.**01**.**77**; no Rio, Roberto manda ao Sr-Felippe e a D; Sônia, que se encontravam presentes, o seguinte recado:

"Também conosco o nosso querido Pipe, que vem abraçar papai Felippe e a mamãe Sônia, **03** amigos, e transmitir à família a certeza inalterável dos seus júbilos," .

Informou "que a gravação dedicada ao papai, jamais supusera, que seria, um dia, uma forma de sustentação das suas lembranças, uma ponte de ligação mental entre a música de que tanto gosta e a indeclinável ternura que nunca se pcãba..

Divaldo ignorava totalmente que Roberto Saad e Felippe foram amigos antes da desencarnação.

Posteriormente, na noite de **08**.**08**.**1979**, na residência do casal Sr. Emílio e D. Lygia Ribeiro, durante a realização do Culto Evangélico, Divaldo psicografou, de

Pipe, a página que está adiante.Esta mensagem reveste-se de singularidades, que devem ser meditadas.

Antes que o jovem Carlos Felippe escrevesse aos seus pais, leiamos o expressivo depoimento de sua genitora, D. Sônia Hausen Cúrcio, narrando dois encontros com Divaldo, que em belíssimos fenômenos de clariaudiência e clarividência demonstram a sobrevivência do Espírito à desencarnação:

MEU ENCONTRO COM DIVALDO PEREIRA FRANCO

SÔNIA HAUSEN CURCIO

Há muito tempo, que conhecia de nome o médium Di- valdo, principalmente' por intermédio do meu irmão Ivan Zanoni Hausen.

Em dezembro de **1974**, perdi o meu único filho, Carlos Felippe, em um desastre de automóvel. Depois de estar em Uberaba com o médium Chico Xavier, desejei conhecer pessoalmente o Divaldo.

Soube então, que as próximas conferências dele seriam na cidade de Vitória (ano de **1975**), Estado do Espírito Santo, aliás, terra do meu esposo.

Partimos, incontinente, para a terra capixaba e, à noite, tivemos a oportunidade de ouvir a primeira conferência do Divaldo, ocasião em que também recebi as primeiras palavras de consolo.

Divaldo ficou hospedado na residência do Dr. Antônio Lugon, presidente, à época, da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo, que, por coincidência, é cunhado da minha grande amiga Dal va.

Sendo assim, no outro dia, pela manhã, lá compareci, juntamente com meu marido.

Nessa manhã, tive as primeiras notícias de meu filho.

Primeiramente, Divaldo comentou que ele tinha um apelido pequeno e logo pronuncia, Pipe.(,)

172 Em seguida, diz que ele foi recebido pelo avô Cúrcio; que o avô era muito sereno, muito ligado à família e era da cidade de Muqui.(»

Mandava dizer que estava muito bem, graças ao modo com que os pais suportaram a dor da sua partida, com resignação.

Estava satisfeito com o trabalho da mãe no Orfanato, e isto lhe fazia muito bem.

Tinha muito respeito e admiração pelo pai e muita intimidade com a mãe "coroa".<4>

Disse que admirava a profissão do pai e que apesar do seu desinteresse para ganhar dinheiro, pedia para que ele voltasse a construir, porquanto, isto, lhe faria bem e daria trabalho a outros.<s>

Estava presente no dia em que lhe foi prestada uma homenagem pelos *Karatecas* em um Clube na Tijuca, no Rio, e que sentiu a mãe dizer que não ia chorar, que ia ser forte, pois sabia que ele não gostava de lágrimas e por isso, agradecia muito.[0>

Disse mais, que o seu bom estado atual, dependeu muito da coragem com que os pais enfrentaram o momento de dor causados pela sua partida. Amava muito a vida e não queria *viajar* naquela ocasiao, por isso, no começo, sentiu, demais. Mas, que no momento estava bem. Estava estudando numa espécie de Faculdade e que não parou de trabalhar.

Gostou muito do modo como a mãe o recebeu no dia que passou no vestibular para a Faculdade de Engenharia "Gama Filho". Foi diferente do que as outras mães fariam. Palavras da sua mãe: "Meu filho, que decepção! Por esta eu não esperava!" Disse compreender perfeitamente a brincadeira carinhosa entre eles.(7>

Estava com outros jovens que tinham desencarnado de desastre, todos com missões a cumprir. Tinha estado com os familiares algumas vezes.

Agradecia ter ido naquele dia do desastre, senão iria sofrer muito, em face do carma; teria que ficar cego e para* lítico e que lhe foi dado como prêmio a graça de desencarnar logo, graças à vida de jovem que levou, como também devido à conduta dos pais, partindo, portanto, na hora certa.

— À NOITE EM OUTRA RESIDÊNCIA:

Divaldo disse que Pipe se apresenta acompanhado do avô. Enviava beijos para as irmãs, com um especial para a Marlene e também para o afilhado Marlos.<s>

"Beijos para as minhas "mulheres".<B>

"Esteve com a bisa. M0>

Divaldo descreveu Pipe de camisa esporte e calça clara.

"Diga ao meu pai, que agradeço por ele não querer saber quem era o motorista do caminhão e também pelo que ele declarou: Não adianta saber quem é o culpado; isto não vai trazer o meu filho de volta."

Na verdade, o homem do caminhão não fora o culpado da sua morte-, apenas um instrumento da sua partida.(11>

"Diga à minha mãe, que eu sou um homem, um homem de verdade, como sempre ela quis que eu fosse." *"*

CONFIRMAÇÕES:

(I) — Pipe.era o apelido do meu filho Carlos Felippe, de **21** anos.

(**2**) — Avô Cúrcio viveu muitos anos em Muqui, no Estado do Espírito Santo, onde nasceu também o pai do Pipe.

(**3**) — Depois que o Pipe desencarnou, a mãe passou a colaborar no orfanato de crianças, na Rua Faro, no bairro Jardim Botânico.

(**4**)— "Coroa" era o apelido carinhoso com que Pipe tratava a mãe.

(**5**)— O pai é engenheiro civil construtor, com quem o Pipe já trabalhava. Em seguida ao desastre, o pai perdeu o interesse pelo seu trabalho.

(**6**) — Em abril de **1975**, foi feita uma homenagem ao Pipe, com um minuto de silêncio, pelos seus colegas do *Karatê*, ocasião em que foi entregue aos seus

pais uma taça. A mãe agradeceu e comentou, com o amigo "Vitinho", que não iria chorar.

(7)— A mãe brincava, dizendo que ele não passaria no vestibular.

(8)— A irmã Marlene confirmou que sempre que ela orava, pedia para que, se um dia o Pipe se comunicasse, mandasse dizer alguma coisa especial para ela.

175"As minhas mulheres"; era assim que ele se refe* ria às muitas amigas e ex-namoradas.

Bisa, era a bisavó Olga, que desencarnou seis meses antes dele.

O pai pediu ao Delegado para encerrar o caso do desastre e as suas palavras foram repetidas pelo Pipe, conforme declarou Divaldo.

A mãe sempre comentava que queria que ele fosse um homem de caráter, um homem de verdade.

A respeito das mensagens que Divaldo recebeu, comenta a genitora do desencarnado, D. Sônia:

"Fazia alguns meses da desencarnação do nosso filho Carlos Felippe (Pipe), e, meu esposo e eu, nos sentíamos muito abalados. Com o coração cheio de dor e desencanto chegamos a ter momentos em que o desespero nos dominava. Nesses instantes, em orações, nos dirigíamos a Deus para que nos desse força e equilíbrio a fim de podermos superar essa grande dor.

"Eu passei a viver numa constante indagação e não tinha resposta.

"Como dali para a frente eu iria viver sem a presença física do filho, sem nunca mais poder dialogar com ele como era o nosso costume?

"Foi então que tivemos o nosso primeiro encontro com Divaldo Franco, em Vitória (ES).

"Nós não o conhecíamos e ele nada sabia a nosso respeito.

"E foi logo nesse primeiro instante que o Pipe enviou aqueles maravilhosos recados, tão íntimos, relatando fatos que se tinham passado em casa, e até dando nomes de familiares encarnados e desencarnados.

"Depois desse encontro o nosso estado emocional mudou, pois foi para nós um grande conforto na reafirmação (pois nós acreditávamos na vida após a morte), de que a morte só tinha destruído o corpo físico do nosso filho, e que ele prossegue vivendo em outra faixa, dialogando conosco, embora não podendo vê-lo, porém nos amando e trabalhando no mundo espiritual.**

Meus velhos queridos:

Estou na minha, e totalmente feliz porque vocês se engajaram nela.

A morte atrevida, que me fez pifar o corpo, não apagou a alma, que continua ativa e ligada como antes, ou melhor dizendo, mais acesa.

Minha velha, eu tenho recebido todas as suas notícias, seus telefonemas e chamados...

Abraço-a, como antigamente, minha querida namorada e não largo a mão.

Quando você foi à "Gama Filho" receber a homenagem que se prestava ao seu filho, eu que sempre vivi gamado por você, fiquei naquele momento tomado na corrente da sua força de fé e da sua coragem.

Eu lhe pedia para não chorar e você o u v i u..y

Quando o velho perdoou o motorista, cuja prisão não me devolvia a vida, eu me orgulhei de vocês como nunca imaginara.

Essas cafonices da Terra, tinham sido superadas por vocês, que já ultrapassavam a fase carnal, para atingirem a plenitude.

Agradeci ao Chefe Supremo, e prossigo agradecendo os pais, *Faixa preta* do Evangelho que Ele me concedeu aqui, para o cupincha que reconhece não os merecer.

O velho enfrentou o delegado e com a alma quebrada pôde perdoar. Falou!

Sem grimpa nem peia em que me amarre, senão no amor de vocês, não esqueço os familiares, as manas, os sobrinhos, o padrinho que não picha no esquecimento e beija o anjo que um dia batizou com emoção, sem cafa- jestada.

Superando aqui as paixões e caminhando agora noutra onda, não os deixo.

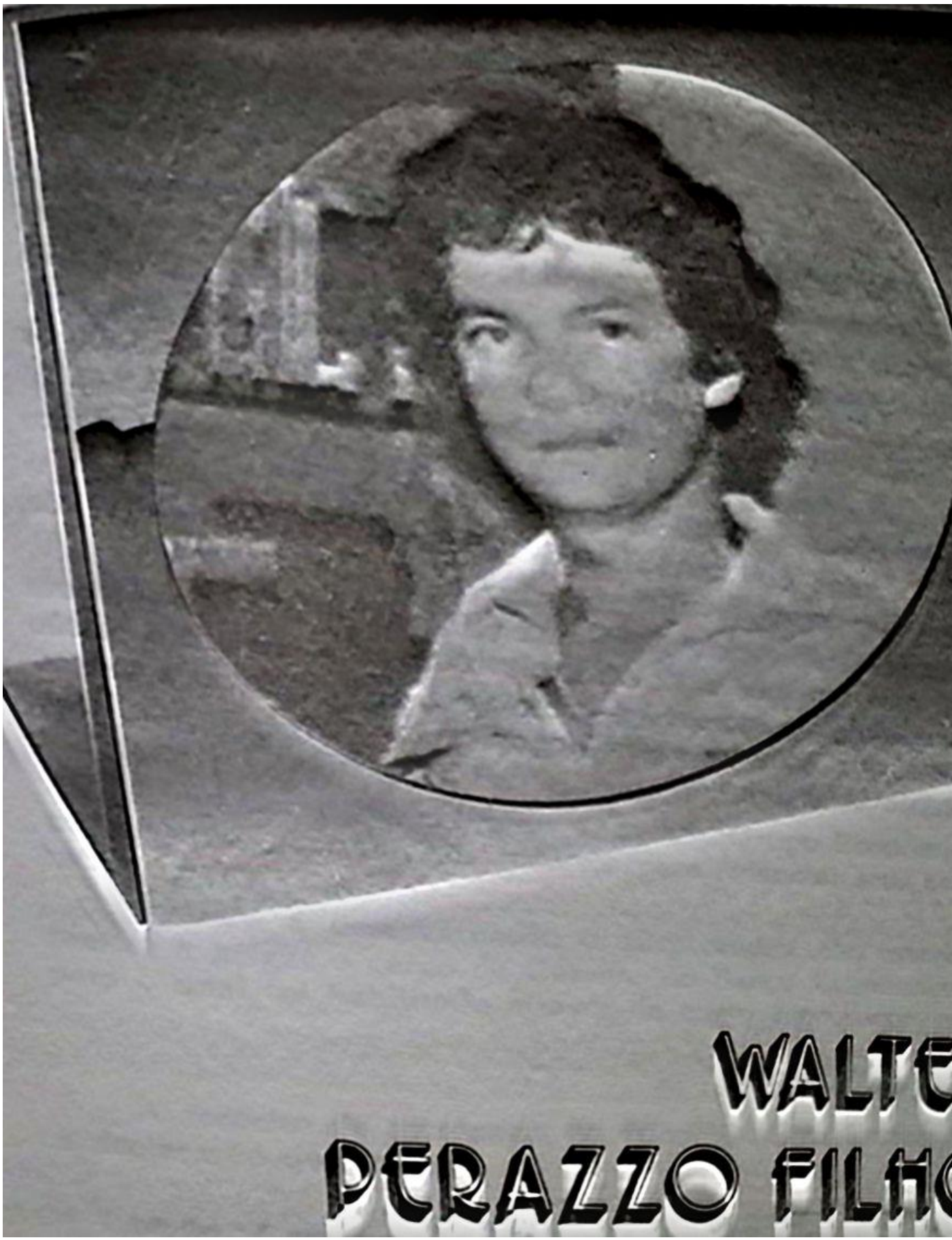
Visito a família, a outra namorada para quem suplico felicidade e ventura, e me engajo agora noutro tipo de *Karatê:* a luta da caridade em defesa pessoal contra os inimigos da paz íntima, a mutação da loucura por nada.

Velha, perdoe o tiro nesta carta sem outros detalhes que antes já lhe dei.

í: p vovô está aqui comigo, rogando a bênção de Deus para todos nós.

. Amarrado na sua, queridos amores de todo o sempre, o filho que a morte não quebrou a cara e os adorará sempre,

Sr. Walter e D. Elza Perazzo



Sr. Walter e D. Elza Perazzo são cooperadores dedicadíssimos do Centro

Espírita "Caminho da Redenção", especialmente da Caravana " Au ta de Sòuza", da qual D. Elza é a responsável, desde a desencarnação da sua genitora, D. Otília Gonçalves, que ditou, pela mediunidade de Divaldo Franco, a elq dirigido, o livro "Além da Morte".p,

A desencarnação súbita do seu filho Walter Perazzo Filho, foi um rude golpe para a família.

Como era natural, todos ficaram na expectativa de notícias do ser querido.

Na noite de 17 de novembro de 1982, porém, com apenas um mês e 12 dias, ele retornou, durante a sessão medi única, e escreveu a comovente e confortadora mensagem que transcrevemos, logrando reanimar a família e confortar a todos.
(*) — Livraria Espírita 'Alvorada* — Editora, em 3." edição.

Walter Perazzo Filho (Waltinho), nasceu em 19.07.51, em Salvador (BA) e faleceu em 05.10.82, nesta mesma cidade.

Filho de Walter Perazzo e Elza Lins Perazzo, era membro de numerosa família (10 irmãos) e viveu sua infância no bairro de Roma, em Salvador.

Fez o curso primário na Escola N. S. da Guia. Cursou o ginasial no Colégio "João Florêncio Gomes". Completou o 2.° Grau no Colégio Central de Salvador.

Submeteu-se ao vestibular da Universidade Católica do Salvador, tendo sido aprovado no curso de Processamento de Dados, onde estudou dois anos.

Sentindo-se atraído pela Carreira de Administrador — após novo vestibular — matriculou-se na Escola de Administração de Empresas da Bahia, sendo diplomado em 1980.

Trabalhou durante muitos anos no "Grupo Econômico" de cujo labor obtinha recursos para financiar seus estudos.

Quando a desencarnação o surpreendeu ele estava prestes a galgar o cargo de Gerente do Banco Econômico para o qual foi habilitado através de curso específico.

•

A respeito da mensagem do filho, D. Elza forneceu a declaração que segue:

"Dificílimo dizer o que se passou comigo ao receber a 1." mensagem do meu Waltinho, em 17.11.82. Recorda* ções, saudades, lágrimas; por instantes senti o peito queimar, aos poucos, porém, senti a felicidade de sermos merecedores de tão honroso prêmio do Além, através do carinho e ternura da querida Joanna de Ángelis e a psicografia autêntica e indiscutível do nosso Divaldo.

A mensagem tem servido de consolo a muitos corações que, ao lê-la, passam a ter outra visão da morte.

Agradeço a Deus e aos Mentores Espirituais a coragem e a serenidade que nos deram no momento cruciante da enfermidade irreversível que o acometeu. Morria cada hora e minuto com os altos e baixos clínicos. Sentimos que tudo passaria breve. No entanto, no dia 4 recebemos a notícia fatal! O meu querido Waltinho já estava sendo preparado para o retomo à Espiritualidade. Foi aí que pedi a Deus paz

e nos redobramos em preces, para que o grande amor que ele sentia pela vida não perturbasse a sua desencarnação.

A saudade era constante. A felicidade de recebermos as notícias do meu amado filho, encheu-nos de coragem para continuarmos o trabalho, junto a outras crianças, a quem já estamos ligados por laços afetivos na Caravana "Auta de Souza", na "Mansão do Caminho" e agora na Creche "A Manjedoura" — Departamentos do Centro Espírita "Caminho da Redenção".

Orei a Jesus e roguei ao Mestre que abençoasse a me- diunidade do querido companheiro, abençoando-o para ele continuar merecendo do Alto a felicidade de consolar almas sofridas como a minha, e patentear que a morte física não separa os corações amados de mães e esposas que como eu os tinham chagados pela falta física, porém, acreditando na imortalidade da alma, jamais nos sentimos a sós!

Deus abençoe, ao querido medianeiro e aos, Mentores- Espirituais e às queridas avós Otflia é Jzaura que,tanto ajudaram ao nosso filho!

O meu reconhecimento com votos de muita paz."

Elza Perazzo

Minha querida Mãe, meu sempre querido Pai,

estou rogando as bênçãos de Deus para as nossas aflições e saudades.

Não me é fácil este momento, quanto à operação mediu nica para a escrit^ desta carta de carinho e de gratidão, em que os sentimentos descem da alma e do coração, a fim de se corporifiçarem nas letras que vão grafadas com tudo de melhor de mim mesmo.

Experiência nova para mim, não afeito a este mecanismo, é como se eu tivesse de calçar a mão mediúnica transformada em luva carnal, viva, de modo a que obedeça aos meus comandos mentais. Para o resultado feliz, ajuda-me na empresa, a "vó" Otília já treinada neste tipo de comunicação.

A verdade é que este momento, que venho aguardando com uma grande ansiedade, representa uma felicidade para mim, e certamente para os amores que a morte não me arrebatou.

Não é fácil morrer. Aliás, eu pensei inúmeras vezes no que ocorre, realmente, com a vida, quando o fenômeno a que chamamos morte chega de improviso ou não.

Constatei, de modo próprio, que a vida não sucumbe. Honestamente, eu não compreendia a ocorrência que me is surpreender tão cedo, no entanto, com a formação cristã qu‹ vocês me deram, eu continuei acreditando na sobrevivênci da alma, embora algumas interrogações nebulosas que nã conseguia aclarar...

Querida Mãezinha e meu querido Pai, nunca me ocorrera antes esta possibilidade: estar em tão pouco tempo em diferente estado de vibração daquela em que vocês se encontram, apesar de mergulhado no mesmo rio da vida, que não cessa, nem se extingue...

Eu sabia, porém, por um estranho mecanismo, que a minha não seria uma vida física muito longa. Em razão dessa intuição persistente, eu procurei viver

intensamente, mesmo que sem exageros, de forma a aproveitar, experimentando grande alegria todos os dias, inclusive naqueles que se me apresentaram mais sombrios, mais aflitivos...

Nossa casa sempre era uma festa para mim e todo dia eu sempre descobria o Sol, que colocava nas minhas horas, embora nuvens teimosas intentassem projetar sombras..

Assim, a morte foi e não foi uma surpresa para mim.

Como recordamos, quando me adveio o derrame, ao lado da Neila, eu mergulhei em silêncio profundo e não me recordo do acontecimento que seria o início dos cinco dias de aflições [†3]? que desabaram sobre os seus corações e os de nossa família.

A consciência despertou depois, já no Hospital, e eu confesso que na UTI eu não tinha dimensão exata do acontecimento, nem concatenava as ideias com a segurança habitual ...

Um abatimento enorme se apossou de mim, como se eu estivesse esvaziado de forças, sentindo-me sonolento e desinteressado.

Ao apresentar alguma melhora e diante da sua aflição, querida Mãezinha, eu percebi a gravidade e senti que não ia superar o acontecimento...

Percebi que Bebeto,dedicado como sempre, estava intentando remover-me para o Rio, a fim de que não me faltasse assistência mais cuidadosa, embora a dedicação do Dr. Carlos e de todos.

Recordo-me, na etapa final, do seu carinho, alimentando-me um pouco e o grande mergulho na inconsciência, na terça-feira...

Eu posso imaginar as dores que desabaram sobre a nossa família. Eu fui poupado de acompanhar os acontecimentos que se sucederam, no entanto, posso atinar com tudo, em considerando o que comigo próprio sucedeu.

Lembro-me de que dormi, sem-me dar conta do tempo que isso tomou. Despertei, num Hospital, em área arborizada, em tudo igual à Terra, razão que não me causou estranheza.

Uma senhora simpática e sorridente cuidava de mim, qual se fora enfermeifa dedicada e competente.

Falou-me, ao ser interrogada, que eu convalescia, não me acrescentando quaisquer outros informes e completando que você, Mãezinha, não se encontrava ali.

Eu estava muito cansado e sentia uma constante, mas suportável, dor de cabeça. Assim, ela aconselhou-me a repousar.

Depois, quando eu voltei a despertar, ela se identificou como a "vó" O tília que eu não conhecera, mas cuja vida de abnegação e luta eu não ignorava. Confesso que fiquei aturdido, um pouco chocado, supondo tratar-se de um ***trote.***

Tudo era tão real, tão ***físico***, tão semelhante a tudo quanto eu conhecia, que não seria possível combinar com os conceitos sobre vida-depois-de-morte.

Ela percebeu a minha perplexidade, mas, sem afetação, continuou:

— Seu organismo não resistiu à nova crise e ficou na Terra. As impressões que permanecem são normais. Por isso, providenciamos a presença do seu tio Eutrópio,[6] que fora médico, a fim de ajudar-nos no seu tratamento.

Eu estava sem poder articular palavra.

Era um choque! A verdade é que eu não queria morrer, pelo menos, por enquanto.

Não havia saído deste estado, quando o marido da- Tia Ita[7] entrou com um largo sorriso e me saudou, eufórico.

Auscultou-me, e tocando a minha cabeça, parecia penetrá-la com uma acuidade surpreendente, terminando por afirmar-me que eu fora muito feliz em regressar, porquanto, se eu permanecesse no corpo, a minha seria uma vida quase vegetal...

Prorrompi em pranto, que a avó Otília não me mandou parar, pedindo apenas que eu evitasse o desespero, gerador de muitos males.

Quantas interrogações me atropelavam a mente, naquele momento, não posso agora recordar!

Não parei de chorar, com dor e saudade, com frustração, até que um sono me tomou suavemente, qual bênção divina.

Seria muito longo, relatar os novos acontecimentos...

Lentamente fui-me conscientizando da ocorrência e de tudo que me rodeava.

A "vó" Otília, sempre prestimosa dava-me notícias de nossa casa, de nossa família, da Neila, oferecendo-me a esperança e estimulando-me à recuperação.

Nesse ínterim, ela trouxe para visitar-me a "vó" Izaura e o avô Perazzo, a Tia Donana e o Tio Chico,[8] sendo um destile de amigos e familiares que me vinham saudar e confortar.

A saudade, no entanto, era uma dor constante.

Aprendi, ou melhor, reaprendi a orar e a buscar Deus em meditações que se tornaram frequentes.

Nesse estado, eu passei a receber os pensamentos de casa, as suas dores, Mãezinha, e as de meu Pai, as fortes angústias de Telma e o pensamento da Neila, ao lado das interrogações dos irmãos.

Chegavam-me como telefonemas claros e eu lhe ouvia, minha Mãe, suplicando por mim, entregando-me à Mãe Santíssima.

O silêncio e a dor muda de meu Pai, alcançavam-me, e ante esse sofrimento eu esforcei-me para melhorar, para crescer e recuperar-me a fim de voltar, quanto antes, para dar-lhes notícias e dizer-lhes que tudo está bem, porque conforme a vontade de Deus...

Eu me reanimo e vejo a vida sob novo prisma, aliás, no seu verdadeiro ângulo, em realidade, sem sombra nem ilusão.

Amanhece em nossa noite de saudade e o canteiro de flores murchas reverdece, anunciando outra primavera.

Eu sei que não é fácil para vocês, quanto não o é para mim. Todavia, seguiremos juntos, sem distância física, separados somente por uma cortina vibratória, que não nos impede o intercâmbio.

Lutem por viver e prossigam no apostolado do bem, que é caminho de redenção.

Rogo ao querido ***velho*** Walter que se reanime e volte ao equilíbrio da paz. O seu filho continua o mesmo, e logo me seja possível, eu irei cantar, ligar o som, movimentar nossa casa, que deve voltar ao ritmo de sempre, sem os crepes invisíveis que identificam a presença da morte...

Meu querido Pai, seu filho há de preparar-se para recebê-lo em festa, quando chegar o momento da sua volta, que deverá ser adiado até que cumpra a sua tarefa na Terra.

Os Perazzos têm vida larga, com raras exceções, no corpo. Aproveite para continuar no seu ministério de bondade e de segurança nobre.

Você, meu querido velho, sempre foi o meu modelo, não esqueça portanto, que os seus filhos continuam a imitá-lo.

Mãezinha querida, recupere o seu sorriso e inunde a tristeza dos sofredores com a luz da sua alegria.

A saudade é um traço de unilo entre nós, mas as recordações queridas serão o nosso alimento de sustentação.

Quero agradecer a todos, o carinho e o amor com que sempre me envolveram. Especialmente Bebeto, Claudete, Telma e Franco, uo' naqueles dias mais difíceis que passamos, quando tive que viajar à Europa... ‹tv

Todos se desdobraram para dimiquir as marcas de sombra e incompreensão que nos atingiram.

"Vó" O tília, esclareceu-me que o meu destino, de alguma forma, está ligado àquele acontecimento, e que, oportunamente, saberemos das razões que nos envolveram e fizeram sofrer.

O que eu posso informar é que não guardei mágoa nem rancor de ninguém, não havendo trazido ressentimento nem revolta comigo.

Seu filho, nunca odiou ou caiu no fosso das faltas mais graves.

Não me posso arrepender de alguns equívocos, mas buscarei crescer para o Bem, a fim de os superar em mim mesmo.

A Neila querida é jovem e o futuro lhe sorri. Ela merece a felicidade que lhe chegará. Já sofreu muito e por isso, o Senhor lhe compensará as dores e as ausências queridas que agora aqui se encontram.

Abraço com imenso carinho aos irmãos Bebeto, César, Silvinho, Lívia, Telma, Cacau, Paulinho e Otilinha, bem assim os cunhados e sobrinhos sempre queridos, que beijo com especial emoção e ternura.

Eles viverão construindo o mundo novo e suplico a Jesus que os ampare a todos.

Soa o momento de interromper esta carta de carinho.

Os nossos familiares aqui presentes, os avós Izaura, Perazzo e Otília, as Tias

Nita ‹IS' e Donana fazem-me o correio da lembrança carinhosa de todos.

Abraço também a Nizinha ‹u› e agradeço-lhe os gestos de bondade para comigo, estendendo à Nivalda (U› e aos amigos.

Minha mãe de sempre e meu querido Pai, seu filho reconhecido e amoroso, canta uma música de saudade, que não fala de morte, nem de dor, senão de carinho e esperança, na certeza da sua felicidade e da paz em nossa familia.

Todo o afeto e carinho do filho sempre querido e devotado, que os ama para sempre,

Waltinho

Abraço os tios Bião e Dulce, U6› extensivamente à sua família.

Waltinho

IDENTIFICAÇÕES:

(1) — "V6" Otília — Otília Gonçalves, avó materna.

(2)— Ao lado da Neila — Noiva de Waltinho.

(3)— Cinco'dias de aflições — Realmente, foi o tempo
que medeou entre a enfermidade e a desencarnação.

(4) — Bebeto — Eng.° Roberto Linz Perazzo, irmão do missivista, que desejou transferi-lo para mais ampla assistência médica, no Rio de Janeiro.

(5)— Dr. Carlos — Refere-se ao Dr. Carlos Bastos, no
tável neurologista baiano.

(6)— Tio Eutrópio — Dr. Eutrópio Santos Reis, desen
carnado em 10/09/70, tio de Waltinho.

(7)— Tia Ita — D. Maria Líbia Perazzo Reis, esposa do
médico desencarnado e tia.

(8)— Avó Izaura e o avô Perazzo, a Tia Donana e o
Tio Chico — Familiares matemos.

(9)— Telma — Telma Perazzo Vaselli — Irmã.

(10) — Bebeto, Claudete, Telma e Franco — Irmãos e cunhados.

(11) — Refere-se a um acontecimento familiar, confirma do pelos pais.

(12) — Bebeto, César, Silvinho, Lívia, Telma, Cacau, Pau linho e Otilinha — Irmãos.

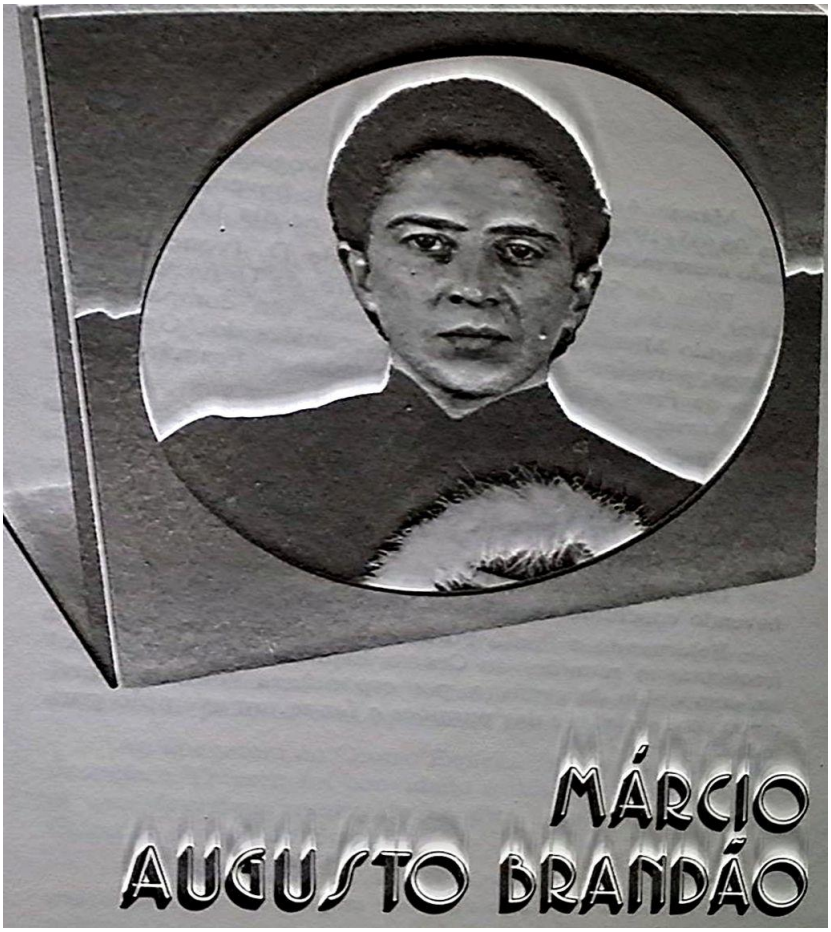
(13) — Tia Nita — Tia-avó materna.

(14)— Nizinha — Auxiliar residente na casa dos familiares de Waltinho.

(15)— Nivalda — Idem.

(16)— Tios Bião e Dulce — Sr. Romeu Martins Bião e
D. Dulce A. Bião — Amigos da família, carinhosamente chaimados de tios.

Márcio Augusto Brandão



Márcio Augusto Brandão, era advogado e nasceu no dia **08**/**03**/**1956**, em Ponta Porã (MT), havendo desencarnado nessa mesma cidade subitamente, no dia **11**/**04**/**1982**.

Filho do Sr. Armando Derzi e de D. Ivone Brandão Derzi, estudou na Faculdade de Direito, da Universidade do Triângulo Mineiro, em Uberaba, onde, em companhia de colegas, participou de algumas das reuniões do "Grupo Espirita da Prece", no qual milita o médium Francisco Cândido Xavier.

Márcio era um jovem diferente dos moços da atualidade. De temperamento retraído, possuía poucos e sinceros amigos, falando apenas o suficiente e sendo bom ouvinte, não deixando transparecer o que lhe agradava daquilo de que não gostava.

Cursou advocacia mais para atender os desejos dos pais, havendo concluído os estudos, porém, com brilhantismo.

Retornando a Ponta Porã, após diplomar-se, passou a frequentar as reuniões do Centro Espírita "Allan Kardec" em companhia da genitora, por espontânea vontade. Participou com seriedade das reuniões e fez-se um exemplo para todos.

A convite da Sra. Maria Edwiges Borges, Presidente da Federação Espírita de Mato Grosso do Sul, Divaldo proferia conferências no Estado.

Foi a primeira vez que o médium baiano visitava Ponta Porã (MT), naquele dia **30** de maio de **1982**.

Na oportunidade, como convidado especial, o Sr. Francisco Thiesen,'Presidente da Federação Espírita Brasileira, realizava uma expressiva tarefa de unificação do Estado e no vizinho Mato Grosso.

Porque o tempo lhe facultasse, assistiu, no entanto, as conferências proferidas por Divaldo, seguindo na Caravana, à cidade fronteiriça com o Paraguai.

Acompanhando Divaldo, o Dr. Miguel de Jesus Sar- dano esteve participando da jornada.

No dia seguinte à palestra proferida na sede da Prefeitura Municipal, os convidados visitaram os dois Centros Espíritas da Cidade. No primeiro, o Sr. Thiesen e Divaldo usaram da palavra com oportunos comentários.

Ao chegarem ao Centro Espírita "Allan Kardec", o Sr. Francisco Thiesen foi convidado a dirigir a breve reunião, já que deveriam rumar, de imediato, em avião, a Campo Grande, capital do Estado.

Foi no transcorrer da bela oportunidade, que Divaldo psicografou a mensagem de Márcio, diante de todos os presentes.

Durante a leitura, não apenas se comoveram a genitora do jovem e sua filha, como todos os que ali se encontravam, por identificarem o missivista e recordarem-no com ternura e saudade, após a sua desencarnação ocorrida há apenas **50** dias...

Leiamos a mensagem:

A respeito da carta psicografada por Divaldo, assim se expressou D. Ivone:

"**0** afastamento material do meu querido Márcio dei- xou-mc totalmente desnorteada. Somente a Doutrina Espírita me fez caminhar/*

"Aquela carta (psicografada) me trouxe um grande alento e também a todos os nossos familiares, mesmo àqueles que não professam a nossa Doutrina."

"... Abençoada a vinda de Divaldo a esta Cidade, trazendo-me paz ao coração/*

Querida mamãe Dila,

ouvindo o seu apelo angustiado, aqui venho trazido pelas vovós Filhinha e Estefânia,(2) a fim de escrever-lhe esta carta bordada com as estrelas da saudade e grafada com a ternura imorredoura, que sempre nos uniu.

Não seria a parada cardíaca daquele domingo, dia **11** de abril,<s> que iria interromper o nosso profundo amor. Afinal, a morte é, somente, o veículo que nos transporta de uma para outra realidade, sem que nos afaste da vida...

Recordo-me dos detalhes da ocorrência, e das nossas últimas palavras, quando você, preocupada, inquiriu-me de como eu passava e, para tranquilizá-la, informei que "melhorando". .. " Era uma forma de auxiliá-la e diminuir a aflição que se lhe estampava no rosto, traduzindo toda a angústia e sofrimento que lhe dilaceravam o ser sensível...

No entanto, nas minhas reflexões eu sabia que o meu estágio na escola terrena seria breve...

Recordo-me de que você, preocupada com as comemorações do meu

aniversário, no dia **8** de março,(B> eu cheguei a dizer, recear não o alcançar... Algo dizia-me que teria de retomar à Pátria. Nem eu sabia de quando tal ocorrência sucederia. Todavia, não somos os donos do corpo e, na sua fragilidade, ele tem tarefas que se devem cumprir conforme os desígnios do Senhor, para o processo da nossa evolução eterna, e não conforme o nosso desejo humano.

Posso atinar com as suas e as dores superlativas que tomaram o papai Armando W) ante a surpresa. Aparentemen- te, eu gozava de saúde, sem embargo, que é saúde, senão um estado transitório de bem-estar, que muda de um momento para outro?

O importante, porém, é que não sofri, naquele período das **17** horas às quase **22**, quando ocorreu o desenlace corporal. <7> Tampouco, sofri depois. Senti-me adormecer. Um sono brando tomou-me todas as forças. Só mais tarde é que fui despertado pela vovó Filhinha e pelo Bivô Derzi,que me narraram sem drama o que havia sucedido.

Confesso que fui tomado de emoção e recordei-me de você, do papai, da Sandra, a nossa família querida. Meu pensamento, foi, também, à Uberaba... Eu sabia, no entanto, que não consumaria o matrimônio, em razão da vida física que seria breve.

Não amava, também, a carreira de advocacia, entretanto, realizei para agradá-la e ao papai. O meu desejo era auxiliar o paizinho, na fazenda, conforme já o iniciara.m>

Hoje, com as mudanças que ocorreram, agradeço a Deus, os pais com que fui honrado e a família dileta que me iluminou a alma introspectiva e o coração ansioso pelo amor.

Ouvi as suas lágrimas, *sinto* as suas e as dores do papai, de coração tomado de amargura, magoado com Deus por haver-me chamado de volta...

É inexorável a Lei e ninguém dela se furta.

Não pensem, papai e mamãe queridos, num retorno para cá, nas atuais circunstâncias.

Vocês devem viver e prosseguir no ministério do amor. Papai é um homem reto e nobre, austero e cumpridor dos deveres. Tem necessidade de crescer para Deus e não se deixar abater pela revolta ou pelo desespero. Preocupo-me com o seu estado interno, a sua saúde, que necessita de assistência médica para superar o choque, que lhe causou impacto, perturbando-lhe o repouso, o sono...

Vejo-o voltado para o Marcelo e alegro-me. Marcelo é um jovem com valor e credor do nosso melhor respeito e acatamento. Filho espiritual de vocês ambos, ele agora, de alguma forma, representa-me em casa, necessitando de apoio e compreensão, a fim de que o lar da nossa Sandra esteja amparado pelo amor e sustentado pela felicidade.

Logo mais, a família se ampliará e é justo que o meu retomo, de alguma forma não tisne a alegria de todos; pelo contrário, faculte o desdobramento das

realizações que se programavam e que se cumprirão.<w*

Mãezinha, você se preocupava com o seu filho, sem cessar. Sou eu, hoje, mais do que ontem, quem se preocupa com você.

Ame e viva!

Veja o drama das criancinhas sem pais e você compreenderá quanto dói a orfandade, a ausência de a quem se ame.

Você pode ampliar o amor e, em memória do seu filho, atender, com papai, os filhos de quem não os cuida, porque não dispõem de recursos materiais ou porque liberados do corpo pela morte...

Papai, volte-se para Deus. A avozinha Estefânia preocupa-se com você e não foi ela quem me foi buscar. Os destinos humanos são trabalhados por cada qual e só Deus interfere neles com a superior Vontade.

Anjo de nosso lar, foi ela sempre a luz discreta e o exemplo silencioso, eixo central do nosso clã. Feliz e livre das conjunturas humanas é ela, agora, a intermediária do Bem para a felicidade de todos nós.

Quando a vovó Filhinha me recebeu, anotou que eu era o primeiro neto que retomava... <M>

Como vêem, meus queridos, não existe morte, e sim, vida.

Continuamos unidos e necessitamos de trabalhar juntos.

Otiço mamãe falando com o meu *postèr* e papai evi- tando-o.(,5>

Esqueçamos todas as dores é bordemos as nossas saudades com esperanças, na certeza do reencontro, quando o Senhor assim o determine, após suas vitoriosas jornadas.

Chega o momento de colocar o ponto final desta carta, que no entanto, serão reticências...

As queridas vovós Filhinha e Estefânia, o Bivô Derzi fazem-me intérprete do carinho para a nossa família.

Abraçando-os e aos nossos queridos Sandra, Marcelo, tios e amigos, que têm sido tão afetuosos, rogo ao Senhor abençoá-los e beijo-os com emoção e devotamento, na condição de filho devotado e carinhoso de sempre, sempre reconhecido e amoroso,

Márcio Áiigusto Â

IDENTIFICAÇÕES:

(1) — Dila (Yvone Brandão Derzi) — Mãe de Márcio Augusto.

(2) — Vovó Filhinha (Eurides Brandão) — Avó mater
na e Estefânia (avó paterna).

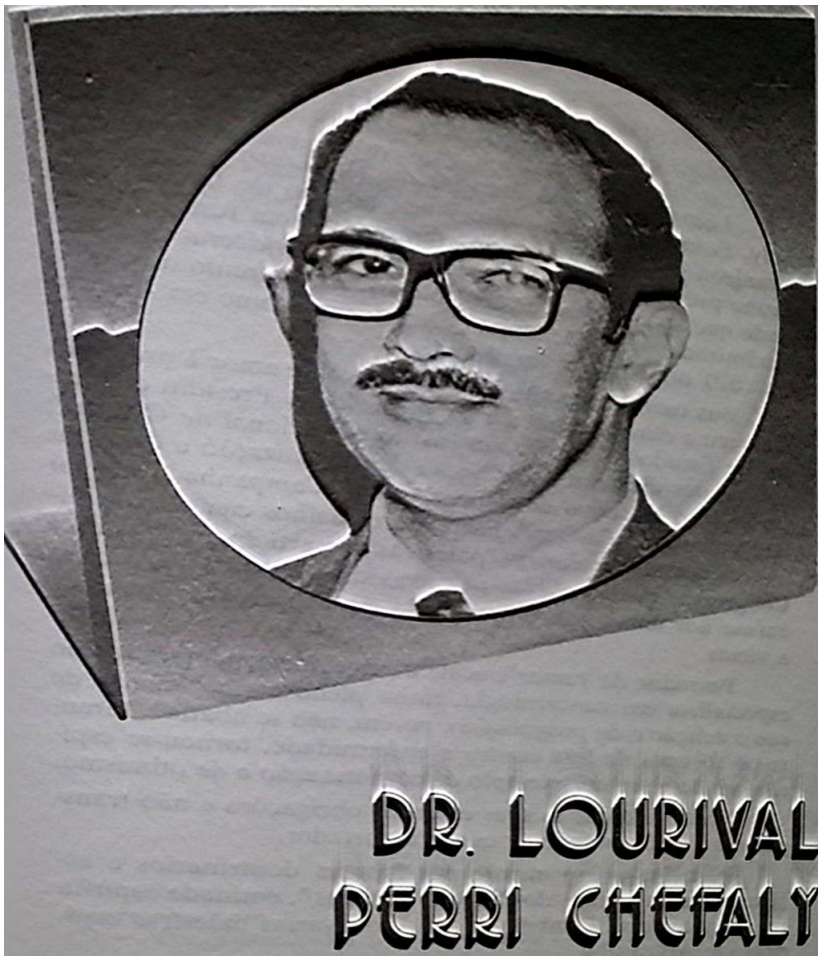
(3) — Parada cardíaca, daquele domingo, 11 de abril —
Referência correta.

(4) — A genitora confirmou a ocorrência citada.

(5) — 8 de março ~ Data correta do aniversário do mis
sivista.

(6) — Papai Armando — Sr. Armando Derzi, genitor de Márcio.
(7) — 17 h às quase 22 h -—Informação exata.
(8) — Bivô Derzi — Bisavô paterno.
(9) — Sandra — Irmã de Márcio Augusto, grávida de
5 meses.
(10)— Márcio desencarnou noivo de uma jovem residen
te em Uberaba.
(11)— Esta referência é igualmente correta.
(12)— Marcelo (Marcelo da Cunha Rezende) — Cunha
do de Márcio Augusto, marido de Sandra.
(13)— Sandra deu à luz, posteriormente, um belo garoto,
ampliando a família.
(14)—Detalhe também confirmado.
(15)— D. Yvone confirmou a citação.

Dr. Lourival Perri Che- faly



Lôlo é o apelido familiar do Dr. Lourival Perri Che- faly, destacado médico que viveu no Rio de Janeiro, onde granjeou grande número de admiradores em função do trabalho profícuo, sua dedicação especial aos doentes e a amizade que soube

oferecer aos colegas. Este círculo de amigos e admiradores se estendia a outros locais, como em Araçatu- ba (SP) onde possui familiares.

Sua carreira é repleta de exemplos de amor à profissão. Exerceu a clínica médica e a cancerologia. Presidiu o "Centro de Estudos e Ensino, do Instituto Nacional de Câncer"; foi um dos dirigentes da "Seção de Organização e Controle do Serviço Nacional de Câncer" e da "Campanha Nacional de Combate ao Câncer". Escreveu trabalhos científicos, ministrou inúmeros cursos, palestras e participou de vários Congressos médicos. Nas palestras dirigidas a leigos, dava ênfase aos temas sobre prevenção do câncer e ao combate a vícios.

Portador de tumor bucal, de natureza maligna, como especialista em cancerologia, tinha pleno conhecimento de sua condição e do prognóstico, porém, não se abatia. Durante os **10** anos de luta contra a enfermidade, tornou-se espírita, vindo a ser um exemplo de conformação e de otimismo.

Manteve todas as suas extensas obrigações e não transparecia a enfermidade de que era portador.

Participava ativamente dos labores doutrinários e as- sistenciais da "Seara dos Servos de Deus", entidade espírita em Copacabana. Também pronunciou várias palestras espíritas em Araçatuba.

Como admirador de Divaldo P. Franco não perdia suas conferências no Rio de Janeiro e adjacências.

Era casado com Suzete Marinelli Chefaly, com quem teve quatro filhos.

Nasceu em São Carlos (SP) f aos **06**/**08**/**1927** e desencarnou no Rio de Janeiro, a **20**/**02**/**1976**. Seus dados biográficos, compilação de trabalhos, seus textos psicografados e algumas das suas mensagens espirituais foram reunidos no volume "Em louvor à Vida" (Araçatubá, **1980**)

(*) — Dados elaborados por Dr. .Antônio César Perry de Carvalho, sobrinho do Dr. Lourival Ferri Chefaly.

Divaldo Franco teve ocasião de travar contato pessoal com o Dr. Lourival Perri Chefaly, logo após a primeira cirurgia a que o mesmo foi submetido, para extirpação da neoplasia maligna de que era vítima.

Por diversas vezes, encontraram-se nas lides espíritas, inclusive, em reuniões evangélicas, em lares de amigos comuns, quando Divaldo se apresentava no Rio proferindo conferências.

Após a desencarnação do ilustre cancerologista, Divaldo psicografou, em períodos diferentes, três mensagens desse Espírito, dirigidas aos seus familiares, uma das quais no "Grupo Espírita da Prece", em Uberaba, numa das reuniões de que participa o médium Francisco C. Xavier, que a autografou, após ouvida a sua leitura em público, ao término da sessão.

Pela riqueza de detalhes e pelo seu alto conteúdo doutrinário, transcrevemos, a seguir, a última, recebida no Lar da sua irmã, em Araçatuba, Sra. Josefina Perri Chefaly de Carvalho, na manhã de **9** de dezembro de **1981**, durante a temporada de conferências proferidas pelo médium baiano, por aquela Região.

Estavam presentes, a sua viúva e diversos familiares, alguns dos quais desconhecidos do intermediário.

A relação dos nomes citados e os detalhes outros que o médium ignorava, atestam a legitimidade da carta do além e identificam, plenamente, o missivista, conforme poderemos comprová-lo.

OBSERVAÇÕES SOBRE A MENSAGEM

Nós, que temos a felicidade de crer na imortalidade da alma e na comunicabilidade dos Espíritos desencarnados, sempre esperamos com a maior ansiedade uma mensagem dos nossos queridos que estão do *outro lado* da vida...

Como já havíamos recebido outras mensagens, ao sabermos da estada de Divaldo, em Araçatuba, viajamos **1.000** km, desde o Rio de Janeiro onde residimos até Araçatuba (SP), onde temos familiares, para esse encontro tão esperado, no qual poderíamos rever nosso amigo, ouvir sua palavra que balsamiza nossos corações, e, também com a esperança de sermos brindada com alguma mensagem especial.

Assim, tivemos a felicidade de nos reunir, e Divaldo recebeu por psicografia uma carta de nosso querido Lolo, transmitindo palavras de esclarecimento, de ânimo, de saudade e de amor.

Nossa emoção foi tão grande que as lágrimas eram um misto de alegria e saudade, como se a presença espiritual tomasse integralmente o lugar da ausência física.

... E as palavras jorraram plenas de carinho, de conforto, trazendo aquela imensa paz que sentimos quando temos a certeza de que não estamos sós.

Suzy (Suzete Marinelli Chefaly)

Minha amada Suzy,[1] filhos queridos, irmãos e familiares inesquecíveis.

Jesus nos alente com a sua paz.

Constituímos um grupo espiritual que vem nascendo e renascendo, através da história, realizando experiências felizes e desditosas, recapitulando fracassos que devemos transformar em vitórias sob as dádivas sacrossantas do amor de Deus, em reiteradas e contínuas oportunidades...

É certo que, nem todos, temos sabido valorizar necessariamente o formoso patrimônio das horas, malbaratando ensanchas ditosas, que se converteram em amarras, retendo- nos na retaguarda...

Diversos comprometemo-nos em lutas inglórias e crueis, mantendo vínculos de sombra e amargura que ainda nos si; tiam, asfixiando-nos os ideais de enobrecimento e redenção.

Não estranhemos, desse modo, o contributo de dor e agonia que temos sido chamados a oferecer.

Ocorre que ninguém avança na direção do acume da montanha sem vencer as dificuldades da baixada e solucionar os problemas do vale. Não obstante, superadas as dificuldades das terras baixas e conquistado o altiplano,

descortina-se, vitoriosa, a paisagem rutilante, dando-nos ideia de grandeza e felicidade.

O caminho a percorrer, portanto, é ainda muito grande.

O mundo marcha e a caravana humana avança; sem dúvida que, esse processo, dá-se de forma lenta e a peso de renúncia e de dor. Todavia, a inexorável marcha da evolução impele-nos ao crescimento.

Erramos hoje, recuperamos amanhã; caímos agora e levantamos depois. O importante é não interrompermos a marcha, detendo-nos na ociosidade ou no desequilíbrio.

Vida é ação.

Ação é crescimento para o bem e para a imortalidade em cujo curso nos encontramos e seguimos atendendo aos impositivos da elevação moral e espiritual.

Não nos desanimemos em face das transitórias vicissitudes, que nos visitam periodicamente, separando-nos fisicamente uns dos outros ou vergando-nos ao peso das tribulações redentoras. /

Não marchamos a sós!

A nossa família, que se amplia na Terra, em razão dos grupos conjugais que se reúnem, aqui também se avoluma, com os que têm retomado, oferecendo-nos alegrias, enquanto o crepe das saudades lhes tolda as almas.

Este é o rio sublime do ir-e-vir, no processo reencarna- cionista que leva à perfeição.

Para este encontro, conversamos com os nossos do *lado de cá* e foi possível ter conosco, ora presentes, as figuras venerandas dos avós Caetano e Rosana,[3] infatigáveis na ação da santa fraternidade, trazendo a presença jovial dos tios Pedrmho [U] e José,[5] da nossa sempre veneranda Amélia, [»] da querida e exemplar Lídia,[7] que constitui uma enobrecida lição de vida, na área da educação; a nossa respeitável e amorosa Letícia [S] e todo um cortejo de familiares e amigos do nosso clã que velam pela nossa ventura, auxiliando-nos na realização do programa que nos cumpre desenvolver.

A querida Olga,[9] não obstante os compromissos san* tificantes que lhe dizem respeito, prossegue, desvelada pêlo nosso Walter[ia] e o Rolando [m] dando curso à obra meritória da caridade ao lado de Rolandinho,[I] enquanto o Albino,**•* reajustado e lúcido, distende mãos amigas e oferece proteção aos que ficaram na Terra...

Seria um enumerar fastidioso, não nos causasse alegria o referirmo-nos a notícias dos que atravessam o rio da matéria para aportarem nas praias da vida espiritual, cansados uns, mais recentemente chegados, iniciando a indispensável convalescença para a plena recuperação; liberados outros, que já treinaram movimentos e ações de que se encontram favorecidos com os olhos postos no futuro ditoso de todos nós...

Renovo-me em entusiasmos, considerando, ao mesmo tempo, as bênçãos que

têm chovido sobre nós, oferecendo- nos união e entendimento no labor da ascensão, sem que nada nos separe, por mais larga seja a nossa folha de débitos e mais complexas as nossas necessidades evolutivas.

Estamos crescendo para a vida e necessitamo-nos uns dos outros, a fim de que a nossa felicidade não seja tisnada por máculas que nos cumpre limpar e dificuldades que nos cabe resolver.

Somos todos Espíritos imperfeitos, em processo de lapidação, adquirindo habilidades especiais e conquistando valores transcendentes.

A vida física, por mais larga, é sempre um breve éspa- ço de tempo entre dois tempos: antes e depois do corpo.

Considerarmos o impositivo do crescimento na ação libertadora é o nosso programa de urgência espiritual.

* * *

Querida Suzy: largos têm sido os nossos dias de separação aparente e difíceis muitas de suas horas, de que participo, emocionado.

Você sempre se me revelou estóica, no entanto, acompanho-lhe o crescimento e a própria superação, a fim de conduzir o fardo das responsabilidades assumidas com a nobreza e integridade que você soube impor-se.

Lamento havê-la deixado na luta áspera dos serviços terrenos, à frente da nossa família querida, às vezes difícil, mas que é a glória dos nossos seres...

Não são nossos filhos por primeira vez. Catalogo reminiscências e identifico-os nas áreas verdes da nossa sempre Albion,[14] nas terras largas da Irlanda e repasso mentalmente, acontecimentos e ocorrências que passaram, mas não morreram, permanecendo vivas em paineis de gratas evocações.

Acompanho o nosso Glauco [W] e oro por ele, envolven- do-o na luz da prece, a fim de que as suas forças psíquicas sejam canalizadas para o bem de todos, mediante cujo exercício ele possa integrar-se, oportunamente, nas fileiras dos homens do bem e da caridade.

Procuro inspirar o nosso Ernesto,[W] auxiliando-o no amadurecimento espiritual, de modo a poder enfrentar as lutas do cotidiano, armado de paz e de sabedoria.

Do mesmo modo as queridas filhas [17] têm-me concedido alegrias que me fazem ditoso, já que têm sabido perlus- trar a senda dos estudos e do comportamento com espírito desinibido, porém, sem comprometimentos perniciosos.

Assim, vejo a nossa família avançando sob o amparo divino e a sua guarda austera e cuidadosa de que me envaideço e me sensibilizo.

Você tem sabido atravessar as horas difíceis com coragem, sorrindo, às vezes, com a garganta estrangulada.

Como a amo!...

O mesmo fervor de ontem, ampliado por umà compreensão profunda, assinala-me o existir, e confesso-lhe, esposa querida, que reúno todas as minhas esperanças de reencontro na expectativa da hora do nosso lar do futuro, sem adeus, sem sombra de morte.

Permaneça amando e agindo. A sua soledade é, também, meio de crescimento para Deus, forma de redenção.

... Quando as nossas dores são mais causticantes encontramo-nos na esfera dos sonhos e renovamo-nos, adquirindo forças para prosseguir.

Permaneço no estudo do câncer,(18) ao lado de amigos e apóstolos que cuidam da terapia para a preventiva ação contra esse cruel intermediário das Soberanas Leis junto aos homens.

Nós o conhecemos de perto, em nossa família...

Hoje, tenho e coleto novos e melhores dados com os nossos Lauro Neiva,? Miguel Couto, Napoleão Laureano (19) e outros abnegados estudiosos junto à economia espiritual brasileira. Quanto me permitem os deveres, prossigo ao lado dos colegas terrenos, inspirando decisões e métodos junto a pacientes desesperados... Alguns me "percebem" e ficam algo surpresos, fazendo-me não sopitar o riso, 'nem a emoção

Não os quero cansar com esta carta, que já se faz longa.

É que o coração que ama, dispara nas vibrações da ternura e voa, esqueçendo o equilíbrio indispensável.

Abraço com ternura a tia Gê,<M> informando-a de que ela prossegue amada e deve erguer o ânimo, enxugar as lágrimas e sorrir Tudo passa. O hoje de sombras é prenún
cio do amanhã de sol. A noite da saudade já é madrugada de reencontros.

Agradeço ao César<t/> a firmeza no trabalho da Doutrina que nos é tão amada, e que necessita de obreiros decididos e fieis; ao Rolandinho, sempre dedicado à dor do próximo e sinto-me reconhecido pelo que faz a todos indistintamente.

Envolvo em ternura e emoção do afeto as sempre amadas Bebé, †") Momó,Tuna/*41 sobrinhos e os queridos familiares que me parecem filhos do coração, tão ligado me encontro e tão estreitamente vinculado.

Permaneça a Célia no labor do lar e da educação, crescendo para a vida e servindo sem cansaço.

Não desanime o Paulinho,(26) no seu programa de ação relevante e jamais se desvincule da fé espírita, nosso roteiro em noite escura e nosso barco de segurança na travessia dos oceanos sob tormentas.

Envolvo-os a todos, almas queridas, em gratidão e prece, rogando pela paz e fortaleza de ânimo, no crescimento para Deus.

... E como já é Natal, recordando a Manjedoura de Belém, que se transformou em *Via-Láctea* de bênçãos, rogo ao Senhor abençoar mil vezes, a você querida Suzy, aos filhos amados, aos irmãos, sobrinhos e amigos que aqui estão e aos que não se encontram conosco neste momento, augurando saúde e paz para o prosseguimento das suas lutas, até o momento em que, definitivamente juntos, no " Lar azul" de harmonia, possamos unir as nossas às vozes dos anjos e proclamar:Glória a Deus nas alturas, boa vontade para com os homens!"

O sempre devotado esposo, pai, sobrinho, irmão, tio e amigo de todas as horas, *Lôlo m*

IDENTIFICAÇÕES:

(1) — Suzy — Sua esposa, Suzete Marinelli Chefaly, re
sidente no Rio de Janeiro. Eram também primos, foram casados durante 20 anos.

(2) — Caetano — Caetano Perri, avô materno. Teve 18
filhos e desencarnou em 1921.

(3) — Rosana — Rosana Casale Perri, avó materna, ca
sada com Caetano; desencarnou em 1940.

(4) — Pedrinho — Filho de Caetano e Rosana, desen
carnado ainda na infância.

(5) — José — Dr. José Perri, filho de Caetano e Rosa
na, conhecido médico que viveu no interior de São Paulo, principalmente em Catanduva. Desencarnado em 1968.

(6) — Amélia — Amélia Perri Guzzo, filha de Caetano
e Rosana, desencarnou muito jovem.

(7) — Lídia — Lídia Perri Barbosa, filha de Caetano e
Rosana. Foi professora, tendo vivido em Araçatu- ba e São Paulo. Nesta última cidade desencarnou em 1978.

(8) — Letícia — Letícia Marinelli — sogra da tia Gê,
mãe de Albino Marinelli. Viveu na Itália.

(9) — Olga — Olga Perri Dibo — filha de Rosana e
Caetano, tia e mãe de criação de Walter. Viveu em Araçatuba, onde desencarnou em 1971.

(10) — Waltcr — Walter Perri Chefaly, irmão do comu*
nicantc, neto de Rosana e Caetano. Reside em Ara* çatuba. Professor da Faculdade de Odontologia, nessa mesma cidade.

(11) — Rolando — Rolando Perri, filho de Caetano e Ro
sana, tio e pai de criação de Rolandinho. Viveu em Araçatuba e São Paulo, onde desencarnou em 1979.

(12)— Rolandinho — Apelido carinhoso e familiar de
Rolando Perri Chefaly, irmão do comunicante. Fundou, em Araçatuba, algumas sociedades espíritas de assistência social.

(13)— Albino — Albino Marinelli; tio e sogro. Residiu
em Araçatuba, onde desencarnou em 1976.

(14)— Albion — Referência à Inglaterra, país que visi
tou três vezes, inclusive, em tratamento, e que sempre imaginou ter vivido ali anteriormente.

(15)— Glauco — Filho.

(16)— Ernesto — Filho caçula.

(17)— Filhas — Suas duas filhas mais velhas: Cristine e

Heloíse.
(18)— Estudo do câncer — Foi um estudioso e especia
lista em câncer. Dirigiu alguns setores do Instituto Nacional do Câncer e do Serviço Nacional de Câncer, no Rio de Janeiro.
(19)— Lauro Neiva, Miguel Couto e Napoleão Laurea-
no — Era admirador destes médicos. Teve contatos com o Dr. Lauro Neiva, quando já se encon- tava enfermo.
(20)— Tia Gê — Apelido familiar de Gertrudes Perri
Marinelli, sua tia e sogra, reside em Araçatuba.[1]*'
(21)— César — Antônio César Perri de Carvalho, sobri
nho, que dirige a União Municipal Espírita de Araçatuba.

(22)— Bebé — Apelido familiar de sua irmã, Joscfina
Perri Chefaly de Carvalho, reside em Araçatuba.
(23)— Momó — Apelido familiar de sua prima e cunha
da, Leticia Sônia Marinelli Cury, reside em Araçatuba.
(24)— Tuna — Apelido familiar de sua sobrinha, Anto-
nieta Maria Cristina Perri de Carvalho Barcelos, que reside em Votuporanga.
(25)— Célia — Célia Maria Rey de Carvalho, esposa de
Antônio César.
(26)— Paulinho -— Paulo Sérgio Perri de Carvalho, so
brinho, reside em Araçatuba.
(27)—- Lôlo — Apelido familiar do comunicante, Dr.
Lourival Perri Chefaly.
(•) — Por ocasião da publicação deste livro, já desencarnada.